

*Os
Pequenos
Pardais*

De Rafael Poggi

© 2000 Rafael Poggi de Araujo

Todos os direitos reservados

Para meu pai.

INTRODUÇÃO

Lembrar daqueles dias era como se voltassem ao inferno, ao pior lugar onde pudessem ter passado suas férias, ou mesmo uns dias de suas vidas.

Depois de quase um ano os fantasmas ainda rondavam suas cabeças (hoje pode-se dizer que o trauma ainda existe, mas eles não deixam mais as fortes lembranças tomarem conta de suas vidas).

Eram de classes sociais diferentes, mas, a partir daquele primeiro dia, pertenceriam ao mesmo mundo, à mesma classe. Eram de idades diferentes, mas a mentalidade de cada um estava ao nível das demais; crianças e adolescentes haviam amadurecido relativa e consideravelmente.

Haviam enfrentado tudo o que como adultos poderiam enfrentar, sendo que, se por desventura voltassem a se encontrar naquela situação, saberiam como contorná-la com mais experiência.

De qualquer forma, nunca poderão esquecer daquela manhã de domingo...

Tudo estava planejado com perfeição: ônibus, instrutores, lugar e, sobretudo, segurança, mas esta não fora suficiente para impedir que aquelas treze crianças e sete adolescentes sofressem o que sofreram.

A colônia de férias, como um desses acampamentos americanos para crianças, partiria em um ônibus alugado pela própria companhia onde os pais trabalhavam em direção à Mendes, interior do estado do Rio de Janeiro, onde se instalaria num hotel fazenda, o qual proporcionaria um cenário perfeito para o evento.

Infelizmente, o trágico não foi evitado... O ônibus foi encontrado destruído, dilacerado pelo fogo. Nenhum sinal de vida; apenas alguns corpos carbonizados e irreconhecíveis. Não havia bagagem, e a idéia do ônibus ter colidido em uma brusca falha no asfalto da estrada e, em seguida, despencado ribanceira abaixo, explodindo logo depois, deixava a quase certeza de que as malas que não foram queimadas provavelmente foram roubadas por mendigos de estrada após o acidente. Mas ninguém nas redondezas havia escutado qualquer coisa pela tarde ou crepúsculo, horário em que o veículo deveria ter passado por aquele trecho da rodovia, na Serra das Araras. Apenas pela madrugada do dia seguinte algumas pessoas disseram ter ouvido algo como que uma grande explosão, mas poderiam estar enganadas...

Entretanto, outra surpresa para as autoridades foi que, alguns dias depois, os legistas confirmaram que das pessoas ali encontradas mortas, nenhuma aparentava ter menos de doze anos;

estranho, levando em consideração a idade da maioria que estava no veículo. E mais uma inita para a polícia, que pensava que o festival de surpresas havia terminado: dos três adultos que estavam na excursão, apenas dois foram encontrados, também carbonizados. Onde estaria o outro?

Parte 1

O Inferno

CAPÍTULO 01 – parte 1

Pedro acordou cedo aquela manhã, como nunca fez antes em sua vida. Eram sete e meia e ele já estava de pé, acabando de arrumar sua mochila. Aquele seria o primeiro melhor dia de sua via – o segundo ainda seria bem melhor – e o primeiro de mais vinte terríveis. As oito horas já tinha tomado seu leite e comido algumas torradas que a mãe lhe preparara e também já tinha a sua mochila pronta em tempo recorde!

Seu pai estava ao telefone, resolvendo os últimos detalhes para a colônia de férias que a companhia onde trabalhava faria para os filhos dos empregados, mas o que nem ele nem Pedro sabiam era que os filhos dos donos da empresa também iriam.

Pedro não aguentava mais ficar contando as horas, os minutos, os segundos... Eram nove e vinte e a excursão sairia apenas depois das duas da tarde. Não sabia mais o que fazer, quando sua mãe sugeriu que fosse a casa do melhor amigo para combinar de irem juntos par ao ponto de encontro. Sem hesitar, ele não esperou o elevador do prédio onde morava no Leme e correu escada a baixo par a casa do seu amigo Júlio.

– Tia, o Júlio ‘tá aí? – perguntou sem fôlego a mãe do menino que mal abrira a porta e já se deparara com o aquela figurinha de cabelos e olhos castanhos, bem claros, toda afobada e com o boné dos *Chicago Bulls* na cabeça, virado para trás, uma de suas características marcantes.

– Espere um pouco – disse a mulher, afastando-se.

Alguns segundos depois, atendendo ao grito da mulher, Pedro entrou correndo pela casa, batendo a porta e esbarrando com o pai de Júlio pelo corredor. O homem não fez coisa alguma com o menino, pois sabia que não fora propositadamente, apenas mandou-o tomar mais cuidado. Pedro sorriu ainda temeroso mas apressou-se em direção ao quarto de Júlio.

– Júlio! É hoje cara! Vamos logo...

Mas sua alegria desabou em tristeza. Ele se deparou com o amigo deitado na cama, enfermo. Pedro não suportava vê-lo daquela maneira, chiando cabisbaixo e com o termômetro debaixo dos braços.

– Júlio? Que que houve? – perguntou assustado

– Crise de asma – respondeu o outro menino, com a voz cansada devido a doença.

– Mas.... mas e a viagem? A excursão...?

– Não vou viajar; eu posso piorar.

– Mas...

Neste instante a mãe de Júlio entrou no quarto e foi conferir o termômetro. – Trinta e sete. Hum... a febre baixou, mas mesmo assim não vai poder ir.

As duas crianças se encararam com ar bem triste e decepcionado.

– Então eu não vou também! – afirmou Pedro, com toda a sua capacidade de decisão de seus nove anos e sete meses. – Se ele não vai, eu também não vou. E pronto!

A mulher se emocionou com as palavras do menino, mas permaneceu firme em sua decisão. Não poderia expor o filho ao perigo de piorar sua crise asmática.

– Pode ir – disse Julio ao amigo, que se sentara ao pé da cama. – Eu vou ficar legal.

– Não saio daqui sem você! – insistiu Pedro.

Júlio sorriu para o amigo, mas ainda não se sentia muito bem. Seu pai entrou no quarto e, após sua mãe lhe explicar tudo, sugeriu que ele esperasse até a depois do almoço. Se Julho melhorasse, poderia ir.

– Mas e se ele piorar? – preocupou-se a mãe. – Quem é que vai cuidar dele lá?

– Querida... Eles têm médicos no hotel fazenda! – garantiu-lhe o marido.

Não havia o que discutir, não obstante seu coração de mãe lhe dissesse para deixar seu filho sob a proteção de seus cuidados, nada mais.

– Bem, por que não almoça conosco hoje então? – sugeriu ela a Pedro.

– Pode ser, mas tenho que avisar minha mãe.

Apesar da pouca idade, o menino era responsável, e muito dedicado também ao amigo. Em pouco tempo Júlio e ele já estavam jogando videogame. A febre dele já havia baixado e seus pais não viram motivos mais para impedi-lo de viajar.

Ainda naquela manhã, em uma luxuosa casa num dos mais caras e sofisticados condomínios da Barra da Tijuca, o despertador, enfim, acordava Maurício, o filho mais velho de Kleber Dawitch, patrão dos pais de Pedro e Júlio. O jovem tinha dezesseis anos e sentia que os próximos quatorze dias seriam os mais cansativos de toda a sua vida. Não queria, de maneira alguma, participar daquela excursão, mas o seu pai impôs que, caso contrário, coraria a sua mesada. – Acorda Arthur! – gritou ao irmão de onze anos que já estava acordado, só que ainda deitado em sua cama, jogando seu videogame portátil.

– Caso seja cego e não tenha reparado, eu já 'tô acordado há muito tempo – respondeu Arthur, num tom direto e sem desgurdar os olhos do jogo.

Sem dar uma devida resposta, Maurício se levantou, foi fazer sua higiene matinal e depois foi tomar seu café-da-manhã. – Cadê meu pai? – perguntou à cozinheira após pegar uma fruta na geladeira.

– Saiu. Foi resolver o que faltava para a viagem de vocês e disse que quer vê-los prontos quando voltar – respondeu sua mãe, entrando na cozinha por trás dele e trazendo um arranjo de flores que colhera no quintal da casa.

Maurício bufou e foi até uma das janelas da sala. Abriu as cortina e logo teve que proteger os olhos do sol, que brilhava forte aquele dia. – Merda! – exclamou. – Ainda vou perder esse solzão!

– O quê?! – chamou-lhe atenção a mãe da cozinha.

– Nada não, deixa eu ir arrumar a mochila pra essa viagem chata.

Subiu ao seu quarto sem dar tempo de sua mãe lhe dar a devida bronca.

Arthur já estava de malas prontas. Ele, como Pedro, estava mais que ansioso pela viagem, ao contrário do irmão.

– Vai ficar aí parado? – perguntou Maurício ao irmão, que ainda jogava seu videogame. – Não vai me ajudar não?

– Qual é! Eu já arrumei tudo meu! – respondeu Arthur, sem tirar os olhos do jogo.

Maurício bufou e depois voltou-se para a bagunça em sua mochila. – Por que eu?! Por que logo eu tenho que ter um irmão que não é nada parecido comigo?! – questionou-se. E Arthur agradecia a Deus por isso.

Maurício, ao contrário de Arthur, era o tipo playboy e mauricinho (fazendo, assim, juz ao nome), não suportava receber ordens e, principalmente, ter que cumpri-las. Só pensava mesmo em surfe, reggae e sua namorada e vizinha Patrícia, que também fazia muito juz ao nome.

Duas horas depois o pai dos dois chegou. Kleber estava cansado, pois ainda não estava acostumado a passar suas manhãs de domingo no escritório, o que fazia há duas semanas devido à auditoria aberta pela receita federal para investigar uma suposta “caixa 2”, o que, segundo ele, era um absurdo completo. De qualquer forma, apesar da presença dos fiscais, ainda tinha que organizar com alguns subalternos como o pai de Pedro, a viagem para seus filhos, e isso era estafante. E como se isso não bastasse, ao chegar em casa, deparou-se com Maurício enforcado, dependurado na janela de seu quarto. Apesar de ter levado a mão ao peito devido ao susto, só não teve um enfarto por já estar acostumado a tal cena. – Não adianta! Você vai e pronto! – exclamou para o adolescente.

– Mas que coisa! – indignou-se Maurício, soltando-se do gancho que o prendia pela cintura ao parapeito. Ele costumava fazer essas brincadeiras de mal gosto as vezes, para chamar atenção. Na verdade, ele era um pouco mimado.

Kleber Dawitch bufou e entrou em casa. Maurício entrou pela janela e desceu as escadas, encontrando-se novamente com o pai, que descansava no sofá.

– Pai...

– Você vai. Tem que tomar conta do seu irmão.

– Mas ele tem quase doze anos!

– Por isso mesmo.

– Que saco! Não quero ir. Só vai ter pirralho!

– Está enganado; vão uns jovens da sua idade também.

– Quantos?

– Uns oito ou nove.

– Tudo plebeu!

Kleber não deu ouvidos.

– Qual é, pai?! Tenho que ir mesmo nessa sem ganhar nada em troca?

– Nada.

– Pai.

Kleber o encarou e ficou pensativo por alguns segundos. – OK, você venceu. Te dou uma prancha nova, a sua já está velha.

O sorriso que se abriu no rosto de Maurício deu logo origem a um ar decepcionado. – Pai! Já me deu uma prancha nova no mês passado.

– Está bem. Então te dou um... Ora! Afinal, o que você quer?!

– Um jetsky!

– Não sou tão rico assim!

– Qual é, pai! Quinze mil dólares!

Kleber caiu em risos. – O máximo que eu posso te prometer é que, se receber aquelas finanças e se... – ele olhou em volta para se certificar de que estavam sozinhos na sala – aquela maldita auditoria largar do meu pé sem provar merda alguma contra a companhia, continuou em tom baixo, eu te dou um no final do mês que vem.

– Mês que vem?! – indignou-se Maurício.

– E nem mais um pio.

– Mas pai...

– Por enquanto te dou um microsistem novo. Dá aquele pro seu irmão.

Com má vontade, Maurício concordou e ainda impôs que queria levar a namorada. Kleber concordou; qualquer coisa para que aquele moleque parasse de encher o seu saco.

Relativamente longe dali, o sol acordava Daniel e Eduardo. Este havia dormido na casa do amigo pois haviam ido a uma festa na noite anterior, mas mesmo estavam bem dispostos, principalmente Eduardo, que não era de beber, ao contrário do amigo, que não dispensava – mas conscientemente – um chopinho com aos amigos (mesmo que legalmente não tivesse idade para isso).

O pai de Daniel trabalhava na companhia de Kleber, mas o de Eduardo era aviador. De qualquer forma, ele iria na excursão; seu pai conhecia Kleber de longa data e este o convidara formalmente para participar da viagem.

Os dois já tinham tudo pronto: mochilas, comida para a viagem e walkmans carregados.

– Vai ter mulher lá? – perguntou Eduardo, que tinha quase dezesseis anos.

– Acho que sim – respondeu Daniel, com dezesseis completos. – Eu não conheço os filhos dos colegas de meu pai, mas eu sei que vai ter criança a beça.

– Só?! – assustou-se Eduardo. – *Mon Due!* Onde é que eu fui me meter!

– Não, fica frio. Claro que não vai ter só criança. Acho que vai ter um pessoal assim, da nossa idade.

– Mas e mulher?

– Não sei, acho que umas quatro.

– Tomara. *J'aime mieux.*

– Poxa! Será que você só pensa nisso? Seu francês tarado...

– *Ne J'ai pas tort?*

Daniel não respondeu e continuou a arrumar sua cama.

As duas horas da tarde o ponto de encontro já estava cheio, mas ainda faltavam alguns a chegar, como Arthur e Maurício. Pedro e Júlio se divertiam trocando piadas ingênuas com outras crianças. Alguns tiravam fotos e se dependiam dos que ficariam, como pais, irmãos mais velhos e até mesmo namorados. Daniel e Eduardo acabavam de chegar. Jorge, o pai de Daniel, mal saiu do carro e foi logo cumprimentado pelos colegas e insistindo para que Daniel os conhecesse e a seus filhos. Era

meio constrangedor para Daniel, ainda mais para seu amigo, Eduardo, mas tinha que fazer a vontade do pai.

Entre uma apresentação e outra Eduardo cutucou Daniel no ombro e perguntou discretamente onde estavam as garotas.

– Qual é, Eduardo! Esses óculos ‘tão de deixando cego?

Eduardo usava óculos escuros.

– Claro que não! – respondeu num tom debochado. – É que só tem baranga!

– Fala baixo! – ordenou Daniel, com medo de que ouvissem o comentário de Eduardo. – Onde é que só tem baranga aqui?

– Olha em volta.

Daniel olhou, mas constatou que o amigo, de bermuda e camiseta – nada diferente dele – estava sendo exagerado. Havia pelo menos três meninas da idade deles e não eram de se jogar fora, principalmente uma de quem Daniel não conseguiu desgrudar os olhos. Ele havia completado dezesseis anos em novembro e pela primeira vez em sua vida sentia algo daquele jeito a olhar para uma menina. Não que tivesse sentido atração pelo sexo oposto, mas aquilo era demais!

– Hei! ‘tô te chamando! – disse Eduardo, cortando o transe do amigo.

– Que foi? – quis saber Daniel, indignado pelo amigo ter interrompido a mais bela visão de sua vida. A menina era linda, com cabelos morenos ondulados, pele levemente bronzeada (provavelmente não tivera tempo como ele de pegar uma prainha aquele domingo), aparentava ter uns quinze, dezesseis anos no máximo, e embora não tivesse conseguido ver seus olhos, que estavam escondidos atrás de um par de óculos escuros, ela tinha um único defeito: estava acompanhada. E não era uma companhia qualquer; era alguém mais íntimo, alguém como seu namorado. Mas ele preferiu não dar importância àquilo; afinal, qual seria a chance dele poder se aproximar dela durante a viagem, isto é, se ela fosse mesmo viajar e não estivesse ali apenas acompanhando um irmão menos, uma amiga, o próprio namorado...?

– Seu pai ‘tá te chamando! – respondeu Eduardo, sem entender a reação do amigo. – *Tien!* – apontou em direção a Jorge.

Daniel foi com o amigo até onde estava seu pai, que queria que ele conhecesse alguém. – Oi! – disse ele à mulher ao lado do pai.

– Oi! – sorriu de volta a mulher.

– Sabe quem é essa? – perguntou Jorge ao filho.

– Quem?

– Minha colega de trabalho mais bonita! – respondeu o homem sem dar importância a falta de interesse demonstrado no tom de voz do filho.

A mulher ficou encabulada, mas Daniel não censurava o pai, sozinho há anos; ela era mesmo muito bonita. Cabelos castanhos lisos e curtos, olhos verdes, aparentava ter uns vinte e sete anos, “mas ainda bem aproveitável”, segundo Eduardo lhe confessara mais tarde.

– Então você é o famoso Daniel! – exaltou a mulher.

Ele sorriu encabulado. – É o que dizem...

– Soube que é um excelente pianista.

– Eu toco um pouquinho – ele sorriu sem falsa modéstia.

– Um pouquinho?! – espantou-se Jorge com a modéstia do filho. – Tem que ver como ele toca! Sem falar nas músicas que compõe!

Daniel desviou o olhar, agora bem encabulado.

– *Bonjour, mademoiselle*, eu sou Eduardo – intrometeu-se o outro, segurando a mão da mulher, onde deu um gentil beijo.

– Oi, eu... eu sou Maria Gabriela. É irmão de Daniel? Jorge tinha me dito que só tinha um filho!

– Não, ele é só amigo – esclareceu Jorge.

– Francês?

– Nascido na Bélgica, mas também *brésilien*.

– Dá licença, sim? – pediu Daniel, empurrando Eduardo para longe. – Qual foi? A moça ficou super sem-graça!

– Que nada! – sorriu despreocupadamente Eduardo. – Ela só ficou perturbada por ter conhecido um cara tão bonito como eu!

Até que ele tinha razão, mas de certo ponto de vista. Maria Gabriela havia ficado perturbada sim, mas ela mesma não tinha certeza por quê. Talvez fosse mesmo pela auto-estima de Eduardo, mas muito provavelmente teria sido pelo olhar profundo com que ele a encarou; um olhar que lhe pareceu familiar, não obstante o porquê disso. Mas ela não queria pensar nisso, poderia ser apenas sua imaginação. Tinha de ser!

– E desde quando você é convencido desse jeito?

Eduardo não respondeu, apenas sorriu debochado.

– Vem, vamos dar um rolé – sugeriu Daniel.

Eduardo era assim mesmo, desse jeito, todo extrovertido, mas não chegava a ser playboy. Até que ele era bonito; olhos verdes, cabelos loiros, apesar de já um pouco escurecidos, e um belo físico, resultado de um ano de intensa malhação, que adorava exibir. Apesar de ser um pouco mulherengo, o comentário de Daniel foi verdadeiro: ele nunca fora convencido, mesmo adorando se exibir, e mais ainda receber elogios. Para ser mas exato, aquela foi a primeira vez que Daniel o vira se aproximar de uma mulher daquele jeito – ainda mais uma mais velha – desde que o conheceu, quando ele se matriculou em sua escola há sete anos, quando se mudou da Bélgica com a família. Pode-se dizer que ele era mesmo meio metido, mas Daniel acabou compreendendo aquela reação, afinal, a mulher era linda! Se não tivesse percebido o profundo interesse do pai em relação a ela, demonstrado por olhares e até pelo tom da voz, e se ela fosse, quem sabe, uns seis anos mais nova pelo menos, não teria outro motivo para não se aproximar com mais interesse dela.

Alguns minutos mais tarde, Pedro se aproximou de Daniel no intuito de perguntar as horas.

– Duas e vinte – respondeu Daniel ao menino que sorriu de volta com um terno “obrigado”. Os dois não se conheciam, mas puderam perceber que dali em diante a sua união seria inevitável.

– Caramba! Que relógio maneiro! – exclamou empolgado o menino, que foi logo chamando o amigo Júlio para que ele também deslumbrasse aquele bem de consumo vertical.

Os dois meninos, que estavam mais ansiosos com o tempo que faltava para pisarem dentro do ônibus, descontraíram-se por completo com o relógio de Daniel. Este, sempre paciente com crianças, não se preocupou em perder alguns “precisos minutos deixando de olhar a ‘paisagem feminina’”, segundo Eduardo, para mostrar ao garotos par quê funcionavam tantos botões.

– E esse aqui? Pra que serve? – quis saber Júlio.

– Ah, esse serve para mostrar o tempo que falta numa contagem regressiva – respondeu Daniel.

– E esse? – quis saber Pedro.

– Esse você aperta e ele zera todo o display sem ter que apertar os outros botões juntos.

Ele precisou o botão e deixou as crianças boquiabertas quando o relógio piscou sua luz verde três vezes e os números digitais, assim como os ponteiros analógicos, marcaram quase que imediatamente “zero hora”.

– Só não mostra as horas! – brincou Eduardo, que não havia escutado sequer metade da conversa por estar escutando Beatles em seu walkman no volume máximo.

– Fica na sua, Eduardo! – zangou-se Daniel.

– *Oui, eu fico.* Fica aí com a tua “creche” que eu vou dar uma voltinha, ver se tem alguém mais interessante para conversar.

Deu as costas e foi andando.

Pedro e Júlio olharam atônitos.

– Pô, foi mal ter feito seu amigo ir embora – disse Pedro.

Daniel olhou para ele e se espantou em ver aquela criança que para ele aparentava no máximo uns dez anos agir tão humildemente, enquanto que a maioria das outras naquela idade não está nem aí para os problemas alheios. E espantou-se mais ainda porque nem culpa mesmo da situação o menino tinha. – Que isso, tudo bem, ele volta! – garantiu ao menino. Ele tinha certeza de que Eduardo voltaria. Era sempre assim: Daniel dizia algo que não o agradava e Eduardo, fingindo estar magoado, retirava-se mas voltava logo depois.

– Eu sabia! Eu sabia que não era sério! – afirmou Júlio, cortando os pensamentos de Daniel.

– O quê? – quiseram saber os outros dois.

– Que a viagem ia ser cancelada.

Daniel não entendeu, mas o sorriso no rosto de Júlio, e logo depois no de Pedro, era muito compreensível para quem havia escutado o boato de que a excursão poderia ser cancelada caso o chefe demorasse muito a chegar, pois o tempo poderia fechar, o que já começava a ameaçar.

– Foi por isso que perguntei as horas – esclareceu Pedro a Daniel– ‘Táva demorando muito!

– Mas por quê a gente não iria? – quis saber Daniel.

– Você vai? – empolgou-se Júlio.

– Vou.

– Legal!

Mas Daniel insistiu em sua pergunta e Pedro acabou por ter que lhe explicar sobre o boato, ajudado por Júlio.

– E se ele demorasse muito, o tempo podia fechar e a viagem ia ser adiada pra amanhã, ou cancelada! concluiu Júlio, perdendo o fôlego. Ele pegou no bolso da bermuda a sua bombinha para a asma e deu uma borrifada na garganta para se aliviar.

Daniel percebeu a doença do menino, mas não quis ser inconveniente em perguntar algo. – Mas por quê disse que sabia que esse boato não era sério? – perguntou ao invés.

– O chefe chegou.

Daniel olhou para trás, para onde os olhos da criança apontavam, e viu que de um Mitsubishi vinho saiu um homem que aparentava ter um cinquenta anos, estava bem vestido e acompanhado de

mais cinco pessoas, para ser mais exato duas crianças, dois adolescentes e uma bonita mulher, conservada para a idade que deveria ter caso fosse sua esposa.

Comentários não paravam de circular entre as pessoas ali presentes, comentários do tipo: “Será que os filhos do Dr. Dawitch vão à viagem?”, ou “Quem serão as outras duas crianças?”.

Eduardo, como já previsto por Daniel, se aproximou do amigo e dos dois meninos e, entusiasmado, perguntou ao amigo se ele havia visto a garota que acabara de chegar.

– Claro que vi!

– Não é uma gata?!

Realmente ela era linda; cabelos negros bem lisos e profundos e um corpo de dar inveja a muita miss. Seus olhos também estavam escondidos por óculos escuros, mas não deveriam destoar em nada do resto dela. Mas como ninguém é mesmo perfeito, Daniel logo percebeu nela algo que não lhe agradou muito: seu aparente jeito playboy de ser, talvez devido a companhia do namorado.

– Não ‘tô querendo estragar sua festa não, mas... a garota ‘tá acompanhada – comentou Pedro.

Eduardo encarou com raiva o menino, que se assustou, mas Daniel o censurou e até concordou com Pedro.

– Mas isso não é problema pra mim – assegurou-se Eduardo, confiante e sem dar mais importância a Pedro ou a que ele dissera. – Aquele playboy não é páreo para mim.

Daniel fez que não.

– *Coup de foudre...* – suspirou Eduardo. Os meninos não entenderam.

Sem dizer qualquer coisa mais, Pedro pediu licença a Daniel e se retirou com Júlio, indo se juntar ao seu pai. Queria confirmar se seria aquela a hora em que partiriam.

Mas naquele instante em que Kleber cumprimentava seus funcionários e explicava que seus filhos, a namorada do mais velho e mais um outro garoto, filho de seu sócio, que não pôde comparecer, também iriam com a colônia de férias, outro carro chegava, um Gol branco que parecia ter a placa adulterada, mas ninguém além de Daniel percebeu isso. “Esse ‘E’ está muito estranho”, desconfiou o garoto ao ver a placa XE 3160 do carro que parou praticamente em frente a ele. Eram os instrutores da colônia que chegavam. Um rapaz de vinte e sete anos, mas que aparentava cinco a mais, e uma moça de vinte nove, mas que aparentava cinco a menos saíram do carro e foram pegar suas mochilas no porta-malas antes de irem cumprimentar Kleber e seus funcionários. Havia outro homem ao volante do carro, mas Daniel simplesmente não conseguiu ver seu rosto, escondido pelo enorme óculos escuros e um boné que lhe fazia sombra na aparente cara robusta. De qualquer modo ele não ficaria ali por muito tempo para que Daniel ou qualquer outro conseguisse ver seu rosto; assim que os

outros dois, Kevin e Christina pegaram seu material e se despediram rapidamente com um aceno, ele arrancou com o carro em direção ao centro da cidade.

Logo em seguida, o ônibus que os levaria estava no local. A expectativa se transformou em felicidade para Pedro, Júlio, Arthur e as outras criança – eles partiriam em cinco minutos.

CAPÍTULO 02 – parte 1

Kleber, junto com o pai de Pedro, dava as últimas instruções a Kevin e Christina e combinava o horário de volta do ônibus, quinze dias depois. Em diversos cantos da praça em frente à Estação do bondinho do Pão-de-açúcar, pais davam as últimas instruções aos filhos, tais como “Vê se se comporta direitinho, hein!”, “Não vai cair na piscina sem um adulto por perto, menino!”, “Não esquece de tomar o remédio!”..., típicos conselhos parentais, mas que só faziam entrar por uma orelha das crianças e sair pela outra.

– Bom, acho que é hora do adeus – disse Jorge ao filho.

– Não diga adeus – retrucou Daniel – diga “boa viagem”.

Jorge consentiu com um sorriso e abraçou intensamente o filho e depois Eduardo, que também chegava a considerar como filho, uma vez que ele praticamente crescera junto com Daniel.

Eduardo foi em direção ao ônibus e Daniel permaneceu encarando o pai seriamente.

– Que foi? – quis saber Jorge.

Daniel estava sem jeito, mas tinha que falar. – Se por acaso encontrar com a mamãe, diz que... diz que eu mandei um beijo, ‘tá?

Jorge fechou a cara, mas acabou concordando. Afinal, o que tinha a perder? Provavelmente não encontraria aquela mulher que Daniel mencionou nos próximos quinze dias, se é que voltaria a vê-la cara-a-cara novamente em sua vida. De qualquer forma, se por obra do acaso ele a visse, não veria problema em dar o recado do filho; quem sabe assim ela não lembraria que ele existe e que se importa com ela? Mas isso não era coisa para se preocupar àquela hora; sua colega de trabalho, Maria Gabriela, aproximava-se e perguntava por sua filha.

– Não, não vi – espondeu o homem, fascinando pelos olhos da colega.

– Pena, queria que você a conhecesse – lamentou a mulher. – Mas tudo bem, ela deve estar se despedindo do namorado.

– Despedindo? – estranhou Daniel, mas assim como seu pai, o que ele queria ter dito era “namorado?”.

Então ela tinha uma filha com idade para namorar, ou seja, uma adolescente. E eles imaginando se tratar de uma menininha de no máximo oito anos, esbarrando os nove! De qualquer forma, nenhum dos dois comentou coisa alguma.

– Sim, ela vai com você – disse Maria Gabriela para Daniel.

Sem ter mais o que dizer e com a mente confusa em relação àquela revelação, Daniel se despediu de Maria Gabriela e foi para o ônibus, esbarrando com Júlio e Pedro na entrada. Eles sorriram um para o outro e entraram o veículo.

– Mas sua filha, qual o nome? – perguntou Jorge à colega, mesmo no intuito de cortar o clima que ficara após a revelação dela.

– Karina, com “K” – respondeu a mulher, sorrindo. – Ah, olha ela vindo aí!

– Mãe! -exclamou a menina que chegava por trás de Jorge, mostrando seus lindos dentes em um enorme sorriso. – Quase que não pego o ônibus! – Ela abraçou a mãe e depois a encarou sem perceber Jorge a observando. – O Henrique me segurou e... – ela percebeu agora o olhar encabulado da mãe em direção a Jorge, cuja presença acabou por notar. – Hmmm – observou o homem alto, de cabelos e barba semi-grisalhos com profundos olhos castanhos. – Quem é?

– Meu colega, Jorge.

– Oi – sorri Karina.

– Prazer – disse-lhe Jorge, elogiando sua beleza em seguida.

– ‘Brigada. – Virou-se para a mãe. – Deixa eu ir que o ônibus já vai sair.

Beijou a mãe, sorriu novamente para Jorge e foi correndo até o ônibus.

– Mas e o Henrique?! – exclamou Maria Gabriela à filha.

Karina se virou. – Já foi; ele tinha que se encontrar com os pais! – respondeu a menina antes de anda outro beijo e entrar no ônibus.

Os filhos de Kleber e de seu sócio foram os últimos a entrar no ônibus, entretanto tinham seus lugares privilegiadamente marcados.

– Pai, vê se não se esquece da sua promessa! – praticamente advertiu Maurício.

– Claro, Maurício, claro! – concordou Kleber, quase impaciente. – E vê se cuida do seu irmão.

Sem dizer mais coisa alguma, Maurício entrou bufando no ônibus praticamente arrastando Patrícia pelo braço. Artur abraçou e beijou os pais e entrou com o amigo.

Em meio à euforia, o ônibus em direção à Mendes. As crianças mal davam atenção ao que dizia a guia do grupo, Christina, que tentava explicar as regras para um bom andamento da excursão, mas devido a agitação, achou melhor se sentar e esperar que eles por si mesmos se acalmassem. Mal sabia ela que essa espera não iria ser tão curta assim.

Ao ver o ônibus desaparecer rua abaixo, todos os pais logo começaram a debandar. Kleber e Senize, sua esposa, foram os primeiros a ir embora, alegando ter “problemas pessoais” a resolver.

– Bom, agora que eles já foram, e que estamos livres, que tal um chopinho? – sugeriu Jorge à Maria Gabriela.

Ela sorriu. – Pode ser. Mas como devo encarar isso? Como uma cantada?

– Encare como quiser – disse Jorge sorrindo. – Sou apenas um ser humano qualquer, assalariado, divorciado, convidando uma linda colega para sair num domingo de sol.

A mulher sorriu mais ainda e ao olhar para o brilho do mar, deixando-o refletir em seus olhos, decidiu aceitar o convite do colega, que se entusiasmou.

Num desses bares-restaurantes da Avenida Atlântica, o garçom servia com uma pizza portuguesa e mais dois chopes a mesa onde estavam Jorge e Maria Gabriela. Os dois estavam alegres, era o primeiro encontro, oficioso, dos dois, mesmo que nada ainda houvesse entre eles. Conversavam muito ao som da Bossa Nova tocada pelo rádio. Falavam deles, do trabalho, do passado e do futuro.

Eram umas cinco da tarde quando o tempo começava a fechar de verdade e uma notícia vinda da rádio os preocupou, sendo que Maria Gabriela pareceu mais atordoada; o locutor da estação de rádio anunciara que uma forte chuva proveniente de uma massa fria vinda de São Paulo tornaria perigosa as estradas do estado:

– Atenção motoristas! Dirijam em velocidade reduzida e com a lanterna do carro acesa. A polícia rodoviária não aconselha parar no acostamento em caso de pouca visibilidade. Continue seguindo até um posto onde se possa esperar com tranquilidade e segurança – completou o locutor.

– Não precisa se preocupar – disse Jorge ao perceber a forte preocupação da colega. – Eles já devem estar chegando lá, se é que já não chegaram.

– Eu sei, mas de qualquer jeito isso me assusta.

– Seria muito indelicado eu perguntar por quê?

A mulher o encarou. – Besteira. É que eu sempre fui muito apegada a minha filha e ultimamente ela vem tendo pesadelos estranhos relacionados a chuva.

– Deixa de bobagens! São apenas sonhos ruins.

– Mas os sonhos podem se realizar.

– Não os pesadelos.

E ele disse isso com toda a certeza do mundo.

Mas a mulher ainda estava muito insegura. Pensamentos idiotas rondavam sua mente; mas idiotas para ela, ali, sentada naquele bar. De qualquer forma, era melhor tentar esquecer aquilo por enquanto.

– Anda, vamos parar com essa preocupação e começarmos a conversar sobre algo interessante – sugeriu Jorge. – Vamos falar de nós.

Maria Gabriela o encarou séria e corou.

– Melhor: vamos falar de você – consertou Jorge.

Ela sorriu.

– Anda, me fale sobre sua filha.

– O quê?

– Não sei. Que tal quantos anos ela tem, quem é o pai...?

Maria Gabriela respirou fundo, bebeu o resto de seu chope e encarou Jorge. – Ela tem dezesseis anos, quase dezessete – respondeu.

Jorge se espantou novamente. Como uma mulher tão jovem e bela poderia ter uma filha de dezesseis anos? A menos que...

– Eu a tive com dezoito anos – esclareceu Maria Gabriela como se lesse os pensamentos do colega. – Caso não saiba, tenho trinta e quatro anos.

– Juro por Deus que não parece tanto!

Maria Gabriela sorriu, mas logo voltou à seriedade quando o colega o arguiu novamente sobre o pai da menina. Ela sabia que não tinha a obrigação de responder àquilo, mas sentia que devia.

– Bom, eu estava ainda no primeiro período da faculdade quando conheci o pai dela. Meu Deus, eu fiquei fascinada por ele; eu e mais todas as outras da faculdade. Mas para a inveja delas foi comigo que eles quis sair.

– Não o censuro – observou Jorge, tanto no intuito de elogiá-la, quanto no de dar um pouco mais de humor àquele que começava a se tornar um assunto nem tanto interessante, mas até bastante constrangedor e tenso para ambas as partes.

A mulher sorriu novamente, mas continuou a sua história:

– Namorei com ele uns cinco meses, os cinco mais felizes da minha vida. Mas foi um sonho que durou pouco...

“Ele estava no último período quando engravidei. Meu Deus, fiquei desesperada! Ele se formaria no final do semestre e partiria para um doutorado na França. Quando eu lhe contei da gravidez, só faltou me matar. Disse que não estava preparado para ser pai tão cedo. Eu... eu implorei para ele ficar, mas ele negou e disse que eu deveria abortar. E quase que u o fiz., mas meus pais me aconselharam a ficar com a criança.

“Tive crises de choro e nervosismo, e quase prejudiquei o desenvolvimento da menina, mas...” .

Ela enxugou uma lágrima que lhe escorria de um dos olhos. Estava um pouco angustiada, certamente lembrar dessa história não lhe fazia bem, Jorge percebera isso. Mas ela não quis parar. Era como uma espécie de auto-análise; talvez fizesse bem por tudo para fora.

– Mas como pode ver, aqui estamos, unidas e com muita saúde, graças a Deus – concluiu a jovem mãe. Ela encarou Jorge, que ficara muito espantado com sua história, e sorriu – estava mesmo satisfeita por ter compartilhado sua dor com mais alguém que não fossem os seus pais.

– E o pai dela?

É, ainda não havia terminado...

– Bom, eu soube que ele se doutorou dois anos depois e que se casou por lá mesmo pela França, com uma brasileira. Estava morando na Bélgica até há uns anos atrás.

– Estava?

– É, estava. Morreu em um desastre de carro deixando dois filhos; um deles a minha Karina.

Neste instante outra lágrima escorreu dos olhos de Maria Gabriela, mas foram logo enxugadas por ela, que desviou o olhar para o mar, sempre para o mar...

Jorge chegou a ficar sem graça por estar fazendo a colega lembrar daquilo, mas sua curiosidade era grande. – E a garota sabe?

Maria Gabriela o encarou. – Ela sabe que teve um pai sim, mas que morreu antes dela nascer.

Sim, essa era a explicação correta: ele havia morrido antes da filha nascer; pelo menos era assim que ela preferia pensar e era essa a verdade que sua filha deveria saber.

– Não acha que está sendo radical demais em esconder a verdade de Karina? intrometeu-se Jorge.

– As vezes penso que sim, mas acho que seria pior se um dia ela soubesse que seu pai nunca a quis.

– Mas de qualquer jeito ela precisa saber que tem um irmão.

– Pra quê? Nem brasileiro ele é, quer dizer, ele não mora no Brasil, e sim a milhares de quilômetros daqui. E não faz falara alguma para ela.

– Será?

Ela não respondeu, mesmo porque não sabia como; nunca havia perguntado tal coisa para a filha, nem mesmo conversado sobre o assunto, mesmo com a forte aproximação entre as duas. – De qualquer forma, seria quase impossível localizar o menino e a mãe – concluiu ela por fim.

– Como pode ter tanta certeza de que eles não moram aqui no Brasil? Essa mulher pode muito bem ter voltado para cá e até mesmo se casado novamente.

Maria Gabriela desviou o olhar novamente, não queria saber daquilo. Jorge percebeu que aquela conversa realmente não fazia bem à colega e resolveu nada mais perguntar. Pegou sua mão e a encarou firmemente. Ela sorriu e disse que ele era um ótimo amigo e que queria sempre contar com ele quando precisasse.

Jorge sorri de volta. Estava satisfeito por tê-la ali, a sua frente, confessando-lhe seus traumas. Se por acaso alguma recompensa lhe fosse entregue, ele apenas se contentaria com a “promoção” que acabara de receber: de colega *para* amigo. Pelo menos. E de qualquer jeito, aquela conversa havia sido útil para ele também,, que pode começar a meditar um pouco mais sobre a situação de sua ex-mulher em relação a Daniel.

Vinte minutos depois ele a deixava em casa, na Gávea, em meio a uma forte chuva que começara a cair pouco tempo antes, repentinamente.

– Obrigada pela carona e... e pela conversa – disse-lhe Maria Gabriela, sorrindo.

– Que isso! Eu que agradeço pela companhia.

– Não, eu falo sério. Conversar com você me fez muito bem..

Ele sorri encabulado. – Ora, afinal, o que um cara não faz para deixar a melhor amiga feliz.?

Ela sorriu. “Melhor amiga”. É, estava feliz por isso também. Novamente ela agradeceu pela maravilhosa tarde, deu-lhe um carinhoso beijo no rosto, mas antes de pensar duas vezes, claro – não poderia arriscar -, e entrou no prédio, após encharcar-se na corrida.

CAPÍTULO 03 – parte 01

Ainda aquela tarde, pouco antes do tempo fechar sobre todo o estado, o ônibus da excursão parava para um lanche em um posto da BR 116, perto do município de Águas Lindas. As crianças, alegres por pensarem ter, enfim, chegado ao seu destino, foram encaminhadas, em fila – e um tanto decepcionadas agora – para a lanchonete. Os jovens foram em seguida.

– Ainda bem que paramos – disse Eduardo a Daniel, espreguiçando-se. – Já não aguentava mais essa estrada buraquenta.

– Ainda não viu nada! – preveniu-o Daniel, que já havia viajado com o pai por aquelas áreas.

Eduardo fechou a cara e saiu do ônibus; não queria se aborrecer por besteira. Mas Daniel teria que concordar com sua interjeição, afinal, na Bélgica não existiam estradas como aquela. E mesmo Eduardo morando há mais de oito anos no Brasil, ainda estaria longe o dia em que ele deixaria de fazer comparações entre seu país de origem e este.

– Aonde tu vai? – perguntou-lhe Daniel.

– Se quiser ficar aí, pastando, tudo bem. Eu vou ao banheiro e comer e beber alguma coisa. *J' ai soif!*

Daniel foi atrás do amigo, mas sem dizer qualquer palavra sobre a grossa ironia dele, muito embora estivesse doído para dar o troco.

Eduardo procurava dinheiro em sua carteira, mas não seria necessário; o lanche estava sendo pago pelos instrutores, antecipadamente financiados, conforme a guia lhe avisava.

A lanchonete era uma das melhores da região, mesmo sendo localizada em beira de estrada. E o cardápio também era dos melhores, bem variado e aparentemente apetitoso. Hambúrgueres, cachorro-quentes, sanduíches frios, saladas de frutas e sorvetes dos mais variados sabores para sobremesa. Além disso, as garçonetes apenas davam um tom mais alegre e descontraído ao local.

As crianças, à princípio um pouco ansiosas em terminar logo a viagem, acalmaram-se enquanto comiam. Elas não se misturavam com os mais velhos, mesmo que entre eles houvessem irmãos. Era o caso de Arthur; ele começava a se entrosar com as outras crianças e parecia que “esse negócio de classe social” não existia, que tudo não passava de uma visão da burguesia capitalista, a mesma a qual pertencia. Já Maurício, de longe, de outra mesa, observava preocupado o irmão.

– Que foi, gato? – quis saber Patrícia, acariciando o cabelo do namorado.

– É aquele meu irmão – respondeu sem desviar os olhos de Arthur. – Olha só! Mal saiu de casa e já ‘tá lá se entrosando com aqueles... aqueles plebeus!

Patrícia deu uma risada discreta, mas mesmo assim chamou atenção de dois garotos em uma mesa próxima. – Deixa ele, gato! é só uma criança! Parece que você nunca foi uma.

Maurício bufou e não disse mas coisa alguma. Não gostara do comentário da namorada, que pelo tom de voz só faltou chamá-lo de “criança”. E nem o beijo que ela lhe deu na boca depois o reanimou. Aquilo não era o seu lugar, preferiria estar em uma praia, com os amigos, pegando aquela onda e desprezando mesmo os raios ultravioleta do sol.

Na outra mesa, Eduardo não tirava os olhos de cima de Patrícia. Tentava imaginar como ela, bonita daquele jeito, com seus olhos cor de mel e cabelos bem negros, que brilhavam mesmo à sombra, podia estar ao lado de um “filhinho-de-papai” como aquele. E seria muita injustiça da natureza se a tivesse feto como o companheiro, mesmo com aquele sorriso meigo e, de certo ponto de vista, rebelde.

– Você gamou mesmo na menina, hein! – observou Daniel, mas vendo que o amigo não o escutara, porque a música que escutava em seu walkman estava muito alta, acabou por cutucá-lo.

– Que foi, pô?! – reclamou Eduardo, virando-se para o amigo.

– Grosso!

– Grosso nada! Eu ‘táva aqui admirando a garota, e você me cutucando! *Sil vous plait!!!*

– Mas... ah!

Daniel começava a se irritar seriamente com o amigo, quando este, movido pela curiosidade, perguntou do que se tratava afinal.

– Nada não.

– Qual é! *És tu fechê contre moi?!*

– Se continuar grosso desse jeito e falando com esse sotaque francês, vou acabar mesmo ficando contra você! – afirmou Daniel, mostrando que ainda se lembrava das aulas de francês que teve na escola primária.

Pausa.

– Tudo bem, *pardon*, quer dizer, desculpa – pediu Eduardo por fim, mesmo não entendendo ainda muito bem o porquê da bronca do amigo. Afinal, aquele era o seu jeito, sempre foi. E mesmo que se esforçasse, nunca iria perder o seu sotaque francês, tão quanto iria deixar de ter aquele temperamento, mesmo este tendo ele próprio concordado que era um pouco desagradável aos outros.

Daniel apenas acabou de comer seu cheeseburger e sorriu levemente para o nada. Eduardo não entendeu.

– Não precisava ficar assim, eu ia responder de qualquer jeito! – explicou-lhe Daniel. – Sabe como eu sou.

– Ora, seu...

Eduardo o empurrou de leve e os dois acabaram por rir um pouco, mesmo que Eduardo tivesse demorado um pouco para entrar na descontração.

Depois ficaram calados um tempo até que Daniel percebeu ao longe um cena um tanto estranha. Comentou isso com o amigo:

– O que será que tanto aqueles dois instrutores conversam com a garçonete de trás do balcão?

Eduardo deu uma olhada mas despreocupou-se. – Besteira. Devem estar apenas pagando a conta.

– Há vinte minutos?

– Sei lá. De repente...

– Não sei... ‘Tô achando isso muito estranho...

– *Tu as tort* – afirmou Eduardo pouco se preocupando com o provável comentário que Daniel faria, o que aliás não aconteceu. Ele percebeu a desconfiança do amigo, e até achando graça disso, tentou animá-lo. – Vem, *allons faire a tour*, vamos dar uma voltinha e depois... – bocejou – vamos entrar que ‘tá me dando um sono...

– É, em mim também...

Mas não era apenas com eles; todos, com exceção dos instrutores e do motorista, aparentavam estar muito cansados. Bocejos se espalharam como uma epidemia por toda a lanchonete, que era apenas ocupada pela excursão, e algumas das crianças eram ajudadas a ir para o ônibus. Os adultos apenas observavam atentos. Christina encarou Kevin e sorriu satisfeita. Ele retribuiu o sorriso, mas de forma diferente à de sua irmã. Estava inseguro, e até mesmo a garçonete com quem Daniel o vira conversar pôde perceber.

Quando iam entrar no ônibus, que logo partiria e retomaria viagem após pouco mais de meia hora de parada, Pedro e Júlio perderam o equilíbrio no degrau, mas foram ajudados por Daniel, que quase os deixou cair, embora fosse forte o suficiente para aguentar o peso dos dois juntos.

– Cuidado! – advertiu Daniel. – Assim vocês se machucam.

– Valeu – agradeceu Pedro. – Mas é que me deu uma tontura...

– Em mim também, disse Júlio.

Daniel achou graça.

Júlio começou a sentir uma certa dificuldade para respirar quando percebeu o tempo começar a fechar, e feio! Ele tossiu um pouco, ao mesmo tempo em que tirava do bolso da calça uma de suas bombinhas.

– ‘Tá passando bem? – perguntou-lhe Daniel, preocupado.

– Mais ou menos – respondeu Júlio antes de dar uma borrifada do remédio na garganta. – Quer dizer, agora eu ‘tô melhor, disse depois. – É que a umidade aumentou de repente e me afetou.

– *É, il fait mauvais temps* – concordou Eduardo.

– Parece que vai chover mesmo – completou Daniel.

Neste mesmo instante uns pingos de chuva começaram a cair.

– *Il pleut.*

– O que cê disse? – quis saber Pedro.

– Já ‘tá chovendo. E como ninguém aqui quer se molhar, vamos logo apressando essa subida, sim? Anda, *vite, vite, vite!*

Os meninos não tardaram a obedecer.

Quem entrou por último foram os instrutores, que checaram se todos estavam presentes antes de partirem, mesmo com a chuva, agora bem forte, inibindo a visão do motorista e tornando-o temporariamente aquela viagem perigosa e arriscada.

Daniel pôde perceber que não só ele, Eduardo e os meninos estavam sonolentos, mas como todos os outros adolescentes e crianças. Olhou para trás, para o lado esquerdo do ônibus, e viu que o filho mais velho do patrão de seu pai já dormia, encostado no ombro de sua namorada, sentada ao seu lado.

Patrícia, acariciando o rosto de Maurício e bem sonolenta também, percebeu que estava sendo observada. Ela encarou Daniel profundamente, como se lhe dissesse algo com a mente. Seu olhar encantou Daniel, que ficou sem-graça e até desviou o olhar. A menina soltou um risinho e após um longo bocejo, deu um beijo na cabeça de Maurício, que ajeitou-se mais confortavelmente, e fechou os olhos, indo imediatamente cair no sono.

Daniel deu uma última olhada no casal e resolveu fazer o mesmo que todos, uma vez que era o único, além dos instrutores e do motorista, que ainda estava acordado. De qualquer jeito, não tinha mesmo escolha; Morfeu já o havia encantado.

Christina estava segura, demonstrando sua confiança em si com uma expressão até assustadora. Olhou para trás e viu que todos já dormiam, e o silêncio prevaleceu no interior do veículo. Ninguém resistira ao sono repentino. Ela deu um sorriso cínico, satisfeita com algo. Seus

[.1] Comentário:

olhos negros brilhavam e ela podia ter certeza de que tudo daria certo. Virou-se para seu irmão, que por sua vez estava inseguro e preocupado. Ele não a encarou, nem sequer virou o rosto. De alguma forma, sabia o que a irmã sentia e sabia que ela estava de olho nele, observando todas as suas reações.

O motorista estava indiferente àquela cena, só estava ali pelo dinheiro, e não via a hora de chegar ao seu destinatário e “correr” para outro serviço. Dele dependiam a esposa e três filhos.

Christina deu outro sorriso cínico e manteve os olhos no que podia enxergar da estrada.

Jorge chegou muito cansado em casa aquela noite. Depois de deixar Maria Gabriela em casa, ele ainda teve que enfrentar um terrível engarrafamento que havia se formado desde que a chuva começou. E levando em consideração que era domingo, a cidade estava até que bem movimentada, e desde o prédio de sua amiga até o seu, uma distância que não chegava a quatro quilômetros – ela morava em Ipanema e ele na Gávea, num apartamento de classe média com vista para o hipódromo -, acabou demorando pouco menos de meia hora.

Foi verificar o quarto de Daniel. Estava tudo no lugar, desde os tênis até os disquetes de computador, que usava em trabalhos escolares e mesmo para inovar suas composições musicais. Menino assíduo, pensou. Desde pequeno nunca tivera problemas para arrumar o quarto, escovar os dentes ou mesmo para tomar banho. E Jorge se orgulhava disso, claro. Na verdade era apenas algo a mais para poder se orgulhar do filho, além de seu ótimo talento com a música. Ele e sua ex-mulher não tiveram trabalho para criar o garoto.

Sua ex-mulher...

Lembrou-se dela ao ver uma foto sua com Daniel quando este ainda era bem pequeno. Mulher bonita ela era aos seus vinte e seis anos, lembrou-se. Loira, cabelos levemente ondulados, olhos castanho-claro, alta e corpo esbelto, além de um lindo sorriso. Lembrou-se de quando tirou aquela foto. Foi num sábado de outono, o ano exatamente não se lembrava, talvez 81 ou 82... O Parque da Cidade àquela época ficava muito bonito e as famílias ainda podiam armar os seus piqueniques em paz, sem temer atos de violência agora constantes ali. Costumava visitar o Parque com a família todo o fim-de-semana, comprar pipoca e algodão-doce para complementar o lanche que levavam de casa.

Bons tempos aqueles... Sem violência, pelo menos ali, naquele momento – mesmo que a Guerra Fria ainda ameaçasse por completo todo o mundo dito contemporâneo -, sem preocupações, o governo militar já numa fase mais branda, de anistia... Mas não... Sua ex-mulher não podia se contentar, aquilo não era o mundo que ela outrora sonhara para ela e mesmo para sua família. Ela queria mais, e a partir daí as discussões do casal foram constantes. Procuravam deixar Daniel de fora, mas o menino não era idiota, apesar da pouca idade ele sabia o que estava acontecendo. Em um mês o

que era o símbolo de uma família carioca feliz passou a se tornar o retrato do drama que sofre a moderna família brasileira, ou mesmo mundial.

Não, chega! Chega de lembrar esses tempos! É demais! Aquela mulher havia arruinado a sua vida e a de seu filho ao rumar para a Europa, e lembrar dela só lhe fazia mal.

Mas Jorge lembrou-se que Daniel havia lhe pedido um favor, e os favores devem ser sempre cumpridos, quando mas se são feitos entre famílias, especialmente entre pai e filho. No entanto, aquele estava sendo um favor difícil de se cumprir. Não conseguia obter coragem o suficiente para ligar para aquela mulher. Mas precisava... Claro, Daniel poderia nunca saber que ele não havia dado o recado, mas mesmo assim a consciência de Jorge não lhe deixara em paz.

O que ele precisava era coragem, e foi coragem que obteve para pegar a caderneta telefônica, abrir na letra S e ligar para aquela mulher, mesmo que apenas fosse ouvir uma secretaria eletrônica avisar que não seria possível para Samantha ou seu marido atenderem o chamado aquele momento.

CAPÍTULO 04 – parte 1

Nada. Absolutamente nada era do que se lembravam. Uns diziam ter ouvido uma grande explosão, outros juravam terem sido afogados, e uns punham a mão no fogo com a certeza de que haviam encontrado com Deus, pois estariam no Céu.

Na verdade estavam assustados, tentando achar uma resposta para o que havia acontecido e por quê estariam ali, naquele lugar, que, segundo a maioria, estaria longe de ser o Céu.

O primeiro a acordar foi Daniel. Ele não conseguia enxergar coisa alguma, estava tudo muito escuro. Quando os olhos haviam já se acostumado com a negridão, olhou em volta e percebeu uma porta, talvez não tão distante de si. Tentou se levantar, mas não conseguiu; parecia paralisado do pescoço para baixo. Ficou bem assustado quando mesmo com um tremendo esforço não conseguiu mexer as pernas. O desespero começou a tomar conta de si quando ele pensou que poderia estar sonhando. Fechou os olhos e tentou concentrar-se na imagem de sua casa, na vista para o hipódromo, em suas músicas...

Abriu os olhos e viu que ainda estava preso àquela cama, sem conseguir mexer um músculo sequer abaixo do pescoço. Olhou para o outro lado e percebeu outra cama, e outra no outro lado do que seria um quarto. Mas não conseguiu identificar quem estava deitado em ambas.

Com um esforço tremendo conseguiu levantar alguns centímetros a cabeça, que lhe parecia tão pesada quanto uma barra de oitenta quilogramas de chumbo (ou qualquer outra coisa), e viu que outras camas estavam no quarto, que parecia ser maior do que havia previamente estipulado. Deveriam haver umas vinte camas, talvez menos, não dava para ter certeza. Viu umas duas janelas na larga parede, duas janelas que pareciam estar vedadas com tábuas de madeira.

Começou a imaginar o pior, e não pensou que a morte fosse tão ruim, não àquele ponto. Pensou desesperado em seus pais, principalmente em sua mãe, com quem fazia semanas que não falava. Pensou na briga que teve com ela, motivo pelo qual decidiu continuar morando mesmo com seu pai.

Seus pais...

O que seria deles agora? Isso era o que passava-lhe em mente. Apesar de tudo, ele era o que pode-se chamar de "ponto de equilíbrio" no já tão conturbado relacionamento entre os dois.

O que seria deles agora...?

Distante de onde se encontraria Daniel, e provavelmente os outros, uma grande explosão clareava o vasto breu da madrugada. O ônibus havia despencado de uma ribanceira de aproximadamente cento e cinquenta metros de altura e em poucos segundos o fogo o dilacerara por completo. Um grande espetáculo pirotécnico para quem o assistiu, nem que de longe, mas o início de um enorme pesadelo para quem estava dentro do veículo, e suas famílias...

Maria Gabriela estava inquieta, não conseguia dormir. Eram umas duas da manhã quando um sentimento forte, algo ruim como se lhe tirassem um pedaço de si mesma, invadiu seu coração e tomou conta de todo seu corpo.

Ela pulou da cama e foi até a janela. A chuva havia diminuído bastante, mas os relâmpagos continuavam; um deles caiu bem perto de seu apartamento, iluminando por três segundos todo o seu quarto. Ela se assustou e recuou um pouco, com medo da cena se repetir.

Olhou em volta e viu sobre sua cômoda um porta-retratos com a foto da filha com o namorado, a quem também considerava como um filho, uma vez que já namoravam há um bom tempo. Novamente aquela sensação de amargura, aquela cólera, tomou conta de seu corpo. Ela correu até a cômoda e agarrou o porta-retrato, apertando-o com força contra o seu peito, como que se daí em diante aquela fosse a única imagem que teria de sua filha para o resto da vida.

E nesse gesto ela chorou o resto da noite, sem sequer fechar os olhos, tirá-los do foco na janela, como se quisesse ver algo, um sinal talvez.

Daniel já conseguia mover um pouco os membros superiores e sem dificuldade alguma mexia com a cabeça para os lados. Tentava se conformar com a idéia de estar em outro mundo, longe de sua família e dos amos, a espera de um anjo ou um ser luminoso que permitisse que ele e seus companheiros ao seu redor saíssem dali e fossem descansar em paz em um lugar calmo e claro, quando começou a ouvir tosses e gemidos. Lembrou-se de que em sua aula de catecismo, na escola primária, havia aprendido que não havia dor e sofrimento no Céu, e logo a idéia de estar em *outro lugar* invadiu a sua mente.

"Não!", pensou desesperado. "Não fui tão mal garoto assim!". Mas quando ouviu uma voz perguntar algo que não conseguiu traduzir para uma linguagem mais compreensiva, cortando o já entediante e até mesmo irritante silêncio, ele pôde ter certeza de que qualquer que fosse o lugar onde estivesse, não estava sozinho.

Ouviu latidos provenientes do lado de fora do lugar onde se encontrava, e o medo por isso aumentou significativamente. "O cão é o melhor amigo do homem, mas também o animal preferido, o 'braço direito' do príncipe das trevas!", lembrou-se da lenda. E não tinha porque não o ser também do Senhor das Trevas!

Bobagem! Tinha que tirar essa maluquice da cabeça! E, pensando bem, até que os latidos, que pareciam ser de dois ou mais Pastores Belgas, ajudavam a cortar o tédio interminável gerado pelo silêncio.

Olhou novamente para o lado e conseguiu ver com mais clareza quem estava na outra cama; era Eduardo, que ainda dormia, nada sossegado. Parecia estar tendo um pesadelo. Ele gemia muito e se remexia o quanto podia, pois também estava semi-paralizado, como dava para perceber.

Daniel pensou em acordá-lo, mas lembrou-se que o amigo tinha um sono muito pesado, sendo preciso sacudi-lo para que, no mínimo, ele abrisse um dos olhos (raríssima as vezes em que ele abria os dois) e pedisse que o deixasse continuar a dormir. Isso se ele conseguisse voltar ao sono, o que caso o contrário poderia vir a ser tornar um pouco prejudicial a saúde de quem o fez acordar, já que, irritado por isso, sua reação não seria das mais bem intencionadas. De qualquer forma era preciso fazê-lo. Daniel já estava acordado há uns dez minutos e queria falar com alguém. Chegou a pensar alto, falar consigo mesmo, tentar quebrar a monotonia do silêncio, mas não conseguiu por muito tempo, já que as idéias já lhe passavam bem vagamente pela mente. Quando tentou esticar o braço para cutucar Eduardo (ele refletiu sobre a distância entre as camas, a qual deveria ser entre sessenta ou setenta centímetros), ouviu passos vindo por detrás da porta. O medo voltou a tomar conta de seu corpo e a única coisa em que conseguiu pensar foi fechar os olhos e rezar para que o pior não lhe acontecesse. Houvesse o que houvesse, ele manteria os olhos fechados até que... até que tivesse certeza de que esse ato apenas o mantinha à parte de menos sofrimento.

Ouviu uma fechadura, talvez a daquela porta, destrancar-se. Logo depois ouviu passos após o que pareceu ter sido a porta sendo aberta. Os passos vinham em sua direção e Daniel teve certeza de que eram mais de uma pessoa, ou qualquer outra coisa. Sentiu também uma diferença na iluminação do local, apesar dos olhos estarem fechados, ao mesmo tempo em que sentiu alguém esbarrar em sua cama e depois continuar o caminho.

Teve vontade de abrir os olhos, ou talvez até mesmo um só, num movimento rápido, e depois fechá-lo, apenas para tomar conhecimento do que acontecia ao seu redor. Não. Talvez fosse melhor abrir os dois, mas bem devagar, de modo a ainda parecerem fechados.

Não... Mesmo assim era arriscado; poderiam notar. Mas *quem* poderia notar? *Quem* estava a sua volta? *O que* estava a sua volta? Será que agüentaria suportar tal emoção ao descobrir algum ser no mínimo místico o observando? Será que valeria a pena ficar ciente da pessoa que estaria ali? Talvez fosse melhor dar tempo ao tempo; afinal, acabaria mesmo por saber...

Mas sua curiosidade já não tão aguçada estava por terminar. Nesse instante Daniel ouviu uma voz feminina, que não lhe pareceu nem um pouco estranha:

– Estão todos dormindo ainda, mas acho que devem continuar assim por mais tempo.

– Está louca?! – outra voz, só que desta vez bem mais grossa, argüiu. – Outra dose nestas crianças, em tão pouco tempo, poderá matá-las!

– Eu não seria estúpida de matá-las! Além do mais, a dose será menor; só para garantir que dormirão até amanhecer.

– Pelo amor de Deus! Eles estão dormindo desde ontem! – exclamou num certo tom moderado a voz masculina, mas temerosa, assustando Daniel, que não imaginava ter dormindo tanto, ou até mesmo tão pouco, uma vez que pensou que seu sono seria eterno.

– É só para garantir.

– Tudo bem; mas não vai lhes dar aquele relaxante muscular, vai?

Relaxante muscular?! Daniel se aterrorizou ao saber o motivo de sua dificuldade para se mover. E as coisas começavam a se tornar mais claras para ele...

– Não será preciso, mesmo porque ainda deve estar fazendo efeito. Além do mais...

A voz parou. Daniel cada vez mais se apavorou quando ouviu passos vindo em sua direção.

– Este aqui está com a respiração muito acelerada – afirmou a voz. – Rápido, a injeção!

Daniel sabia que era consigo, mas não podia evitar.

– Rápido! – repetiu a voz, nervosa. – E vá preparando as outras!

Daniel sentiu puxarem seu braço. Apesar de não conseguir mexê-lo direito, o tato já havia voltado por completo, tanto que a agulha penetrando em sua artéria fê-lo arregalar os olhos apavorado. Neste instante ele viu uma mulher que não lhe era estranha, sorrindo sarcasticamente. Sim, era Christina, a instrutora. Ele olhou para o lado e viu o outro instrutor, cujo nome não lembrava. O homem aparentava estar preocupado e tentava não assistir à cena. Novamente Daniel encarou a mulher. Ele tentava se debater, mas só podia mexer bem a cabeça. Nem em falar ou em berrar ele se lembrou, mas talvez não adiantasse mesmo.

– Já deve ter adivinhado que não é hora de acordar, não é? – indagou sarcasticamente a mulher.

– Por quê... – foi só o que Daniel conseguiu dizer antes de sentir a cabeça pesar, a vista cansar e embaçar e o sono voltar.

– Droga. Christina! – exclamou Kevin, ao entrarem numa espécie de laboratório. – Agora ele já saberá de tudo!

– Deixe assim – sorriu Christina, despreocupada.

– Como?!

– Não adianta mantê-los fora da situação – disse, indo em direção ao balcão com várias aparelhagens modernas e alguns tubos de ensaio em geral. – Mais cedo ou mais tarde eles iriam ficar sabendo.

– Então por que fez aquele garoto dormir de novo?

– Simplesmente porque não queria aturar perguntas de um adolescente à esta hora da madrugada – respondeu, virando-se para ele. – Amanhã resolvemos isso. Agora quero descansar um pouco.

Kevin entendeu a mensagem e nada mais falou. Encarou-a profundamente, meio perplexo, e saiu.

Christina franziu o cenho após o irmão bater a porta. Pensou algo maligno, mas não poderia por tal pensamento em prática, não ainda; não se não precisasse.

CAPÍTULO 05 – parte 1

A tempestade havia passado, pelo menos para alguns. Aquela manhã de segunda-feira era anunciada por um maravilhoso espetáculo que só a Mãe Natureza poderia proporcionar. O sol nascia exatamente às seis horas, deixando seus raios aquecerem o rosto de Maria Gabriela.

– Já é de manhã? – perguntou-se ao abrir lentamente os olhos. Olhou seu relógio de pulso, que deixara na mesinha de cabeceira, e confirmou em seguida com o rádio-relógio: 7:01 AM. O despertador no rádio-relógio estava programado para as 7:10 AM, por isso ainda não havia tocado.

Resolveu tentar dormir por mais uns minutos, mas não conseguiu. Tentou virar de lado e tapar os olhos com o lençol. Precisava esquecer daquela noite, daquele sentimento, daquela angústia...

Meu Deus! agora ela se lembrava de tudo. Então não havia sido um sonho! Foi... foi tudo real! Aquela sensação, aquele sofrimento. Foi tudo um pesadelo; um pesadelo real... Olhou em volta e achou por entre o lençol o porta-retrato com a foto da filha com o namorado, e novamente aquela angústia tomou-lhe por completo.

Não, não podia ser! Devia estar enganada! Tinha que estar! Mas de qualquer forma não podia, nem conseguia, partilhar daquele sofrimento sozinha; era muito para ela.

Pensou em Jorge.

"Claro! Ele mesmo me disse que isso era besteira!"

Abriu ligeiramente a gaveta da mesinha de cabeceira e procurou desesperada por sua agenda de telefones. Teve dificuldade para achá-la, assim como para achar o número de Jorge e discá-lo. – Rápido, atende! – torcia bem aflita.

Sete e seis – o tempo corria. Não queria ligar logo o rádio, preferia deixar o destino fazê-lo na hora certa, na hora em que o despertador tinha sido marcado para fazê-lo.

Mas ninguém atendia.

Setee sete, e o desespero aumentava.

– Merda! – exclamou, bem nervosa. O desespero tomava conta de seu corpo, compartilhando-o com a angústia.

Desligou e discou novamente.

– Alô? – uma voz cansada e bem sonolenta, que ela reconheceu como sendo a de Jorge, atendeu ao terceiro toque de chamada; eram seis e oito.

– Jorge?!

– *Sim, quem é?*

– Eu, Maria Gabriela – respondeu gaguejando um pouco devido ao nervosismo.

– *Nossa, o que houve?! Por que está desse jeito?*

– Por favor, estou... estou desesperada; precisa me ajudar!

– *Sim, mas ainda são...*

E eram. Sete e nove em ponto, tanto em seu relógio quanto no dela. Mas parecia que o despertador não sabia disso. Estava programado para as 7:10 AM, mas ele tinha que se acionar um minuto mais cedo?!

Tinha. Foi melhor assim. Talvez um segundo a mais tivesse sido o cúmulo para Maria. Mas a rádio ainda fora generosa; a música ainda tocava. Nenhuma notícia estava sendo dada, nada. E Maria Gabriela soltou um suspiro de alívio.

– *Alô? Maria?* – chamava Jorge pelo telefone, preocupado. – *Ainda está aí?*

– Sim, ainda estou.

Seu coração ainda pulsava forte, por isso sua voz era ofegante.

– *Mas o que foi?! O que que há?!*

– Nada, quer dizer... foi só um pesadelo que eu tive.

– *Você me liga às sete da madrugada pra me dizer que teve um pesadelo?* – estranhou o homem. – *Deve estar delirando!*

– Desculpas, mas é que...

Naquele exato momento o locutor da rádio começou a falar, interrompendo o desfecho da música. Era um boletim extraordinário!

– *E a polícia rodoviária acaba de informar sobre um acidente nas imediações da BR 116, em direção à Mendes, envolvendo um ônibus de uma empresa particular de turismo. Não há muitas informações, mas as autoridades competentes já se encaminharam para o local. Aparentemente não há sobreviventes. Qualquer outra notícia nós informaremos. Bom dia!* seguiu o locutor, mudando o tom de voz, como se acabasse de dar uma notícia qualquer. – *São seis e doze e essa é a sua...*

Maria Gabriela ficou atônita. Mal podia respirar. Seu pior pesadelo acabava de se realizar.

"Nenhum sobrevivente...", lembrou-se das palavras do locutor.

– *Alô?! Maria? Alô?!* – insistia Jorge, preocupado.

Nada, nem uma palavra. Maria Gabriela abaixou o fone lentamente e interrompeu a ligação. Ela agarrou o porta-retrato contra o peito, num eterno abraço, e pôs-se a chorar.

– Acorda, anda!

Isso foi tudo o que Daniel ouviu depois daquilo. Estava ainda meio mole, sem rumo. Quando ouviu aquela voz que lhe pareceu bem mais familiar em relação às últimas, além dos fortes cutucões que sentia, não teve dúvida; tudo poderia ter sido mesmo um sonho ruim.

Mas por quê, então, tinha tanto medo de abrir os olhos?

– Eu já vi que você tá acordado – disse a voz que seria de Eduardo. – Anda, abre os olhos!

Eduardo estava desesperado, assim como todos os outros. A única pessoa que conhecia naquele... naquele pesadelo era Daniel. Havia conversado com duas crianças cujos nomes nem mais lembrava-se, até mesmo de seus rostos havia se esquecido, e a solidão e o medo só cresciam em seu coração. Estava cansado e angustiado, tudo o que via era crianças chorando, meninas nervosas, garotos tentando arrombar as janelas e a porta, além de uma inacabável fila para o banheiro, o único ali, que dava para o quarto mesmo, aquele quarto escuro, bem na penumbra, onde apenas duas lâmpadas de 60 watts, uma delas queimadas, tentavam iluminar o ambiente. Sabia que se tratava de uma prisão, de um seqüestro, talvez, mas queria primeiro não estar sozinho.

Sabia também que já era dia; além dos raios de sol que tentavam entrar pelas frestas nas janelas, havia visto no relógio do amigo, deitado que já passavam das oito da manhã. Se pelo menos não tivessem levado-lhe seu walkman... "Desgraçados! Nos prendem aqui e ainda nos roubam o que nos tem valor!", talvez a única coisa de valor mesmo que lhes teria sobrado na vida, além desta. "*Et surtout la santé...*"

– Acorda, porra! – gritou para Daniel, tão alto que todos calaram-se imediatamente e voltaram sua atenção para ele, que ficou sem graça. Mas não tinha tempo para se importar e tentar consertar a situação. Virou-se para Daniel e viu que ele estava já de olhos abertos, arregalados, para dizer a verdade. – Nem pedra é assim! – reclamou.

– Que.. que horas são? – perguntou Daniel ao amigo, que o encarou como se não tivesse entendido a pergunta, ao mesmo tempo em que o censurava com os olhos. – Eu... eu não posso me mexer...

– Claro que pode!

Mas Daniel apenas não conseguia. Eduardo respirou um pouco e viu que o amigo tinha razão, que ele não brincava, não insanamente.

– *Il est huit heure et...*

– Em português – por favor...

Sim, pelo menos ainda tinha forças para reclamar com o amigo.

– São oito e nove – respondeu Eduardo, atendendo ao amigo. – Anda, levanta.

Daniel tentou e conseguiu se levantar; o efeito da droga já havia passado. Provavelmente ainda estava bem assustado e a idéia de não poder se mexer prevalecera por alguns instantes em sua mente, dominando o resto do corpo. Estava, porém, ainda atordoado. A cada passo que dava podia ver o desespero e a agonia nos rostos das crianças ali, algumas abraçadas a irmãos mais velhos, chorando, perguntando o que faziam naquele lugar tão assustador.

– Tem banheiro aqui? – perguntou Daniel à Eduardo. – Eu preciso ir ao banheiro.

– Tem um ali, mas a fila ainda tá grande.

Daniel olhou para onde Eduardo apontou e, realmente, a fila estava mesmo grande, mas andaria depressa.

"Espero..."

Era simples: um vaso sanitário, um box de um metro quadrado, com um chuveiro elétrico, um espelho rachado em cima da pia, embaixo da qual havia um armário modesto com rolos de papel higiênico (dos piores) e – ele não pôde acreditar – um mictório, ao lado do box.

Daniel sentiu-se meio enjoado por estar ali, o odor já se tornara insuportável. Havia urina pelos cantos e a descarga mal funcionava. Mas quanto à urina no chão, Daniel não censurava; era demais cobrar de todos ali que se comportassem como devido.

Por último ele se olhou no espelho. Estava pálido, o sol da praia de sábado parecia não ter tido efeito algum sobre sua pele. Seus olhos tinham olheiras, tais quais as de Eduardo, que sempre as teve, mas naturalmente. Sentia a cabeça doer e o hálito fétido em sua boca fez com que procurasse algo para aliviá-lo. Abriu uma gaveta (eram duas no armário) e achou um tubo de pasta de dentes. Não pensou duas vezes antes de "escovar" os dentes com o dedo lambuzado do creme. Pelo menos agora, após ter molhado o cabelo para que ficasse um pouco penteado, lavado o rosto com o pouco da água que conseguiu tirar da torneira da pia e melhorado seu hálito, poderia encarar direito os outros lá fora.

Sim, agora podia ver bem onde estava, e aquela cena, aquele lugar, não o agradava nem um pouco. Olhou as janelas e o desejo de abri-las deu lugar à decepção por ver que não haveria mesmo jeito – alguns "heróis" já haviam tentado; e fracassado. Olhou para as garotas, os garotos, o casal de namorados desesperado – o filho do patrão e sua garota -, as crianças sendo amparadas pelos irmãos – as que tinham irmãos mais velhos podiam compartilhar o choro e o nervosismo (com exceção de Arthur, que havia perdido tal direito para a "cunhada"), mas as outras tinham que apelar para o companheirismo dos amigos e colegas, típico das que estavam naquela idade. E duas dessas crianças Daniel rápido reconheceu: Júlio e Pedro, os dois abraçados e nervosos.

Sem pensar duas vezes novamente, Daniel foi até eles, que notaram sua aproximação. Daniel abaixou-se com cuidado e encarou os meninos. Eduardo ficou apenas observando, um pouco impaciente.

Júlio estava estranho, mas Daniel pôde perceber por quê: o menino chiava, estava bem pálido e tossia consideravelmente. Pedro o abraçava protetoramente, como o irmão que ambos nunca tiveram, e Daniel se emocionou, pois também nunca tivera irmãos ourmãs.

– Cadê sua bombinha? – perguntou Daniel à Júlio, que o encarou junto a Pedro.

– Ele... ele não achou – respondeu Pedro, no lugar do amigo. – Eles... – olhou em volta assustado e vacilou por uns segundos – Alguém pegou tudo da gente, não tem nada...

Daniel estranhou a reação do menino quando ele mencionou sobre "eles", mas quem?!

– Você disse "eles"? – perguntou curioso.

Pedro desviou o olhar e apertou forte a mão de Júlio. Este levantou a cabeça do ombro do amigo e aproximou o rosto do de Daniel, que não se importou com o hálito dele.

– Eles são maus – afirmou o menino, com dificuldade, quase sem fôlego. – Eles... eles deram injeção em todo mundo... em você... eles...

O menino caiu em tosses e a falta de ar aumentou. Daniel apenas conseguiu aumentar sua curiosidade e a ânsia de saber o quê e para quê diabos estavam ali. E mais: quem eram realmente essas pessoas más, como Júlio as havia descrito? Quem seria realmente aquela mulher com belos olhos negros, cabelos curtos e mente perversa e, por que não, criminosa?

– Por que você não deita um pouco que eu vou ver se acho alguma coisa pra te ajudar? – sugeriu, enfim, ao menino, mas este afirmou que deitado era pior. Daniel bufou e, depois de afagar as cabeças dos dois, levantou-se e foi até Eduardo, que havia ido pra um canto e encostado mal-humorado na parede (na verdade estava ainda bem preocupado e nervoso, mas só o fato de já ter com quem conversar, um rosto conhecido, era o suficiente para poder ficar zangado sem se importar com que os outros iriam pensar ou dizer). – Que foi?

– Como "que foi"?! – indignou-se Eduardo. – Eles roubaram tudo da gente e nós trancaram aqui e você ainda pergunta o que que foi?! Belas férias!

Daniel se assustou com a reação do amigo, mas não o censurou; ele estava certo. "Malditos sejam quem nos trancou aqui!".

Eduardo desviou o olhar furioso e visualizou num canto afastado do quarto a mais bela das meninas, a mesma que havia visto horas – ou dias? – antes. Mas por isso mesmo, por ser ela a mesma, estava acompanhada do mesmo playboyzinho, o qual odiou à primeira vista, talvez apenas por estar ao lado dela, a provável menina de seus sonhos. – O que faz uma menina gata como esta ficar ao lado de

um babaca como ele? – perguntou para Daniel, que olhou para sobre quem o amigo insinuava e rebateu:

– Pra mim eles formam um casal perfeito.

Eduardo o encarou perplexo, mas resolveu ficar quieto; não estava com cabeça para discussão alguma. Daniel, por sua vez, também não comentou mais coisa alguma. Para ele aquela menina era mais uma "patricinha" ao lado de seu "mauricinho" e aquele olhar que ela havia lhe dado ao dia anterior, antes de cair no sono dentro do ônibus, realmente o intrigou.

Patrícia estava com a cabeça deitada no colo de Maurício, assustada e nervosa. Chorava muito. Nunca em sua vida havia pensado em ficar trancada num quarto escuro, de mais ou menos vinte e cinco metros quadrados, junto com um monte de crianças, alguns poucos adolescentes... e o seu namorado! Sim, pelo menos ainda tinha a sua companhia, e quem sabe tal situação não lhes proporcionasse uma melhor aproximação, já que nos últimos dias ela estava praticamente prevendo o fim do namoro? Pensando bem, se sua mãe apenas desconfiasse de que ela e Maurício haviam dormido juntos, mesmo que nada tivessem feitos (mesmo porque haviam ficado em camas diferentes)... Não, era melhor não pensar nisso, não ainda.

– Por quê? – perguntou-se.

Maurício a encarou curioso.

– Por que a gente tá aqui? O que a gente fez?

– Não sei – respondeu Maurício – mas não vou ficar aqui, esperando pra descobrir.

Rapidamente Patrícia levantou a cabeça do colo dele, caso contrário teria sido empurrada, tamanha a pressa e o nervosismo com que ele se levantou.

– Eu quero saber o que a gente tá fazendo aqui! – gritou, de modo que todos pararam imediatamente o que estavam fazendo, mesmo que apenas chorando, e o encararam. – Será que sou o único aqui que está preocupado? perguntou depois. – Será que vocês só sabem é tentar abrir a porra dessa janela – referia-se ao garotos – e vocês outras chorarem?!

Daniel virou-se para Eduardo, que fez que não com a cabeça, num ar bem debochado, e voltou-se para Maurício.

– E o que mais a gente pode fazer? – perguntou-lhe.

– Qualquer coisa! – disse, após encará-lo perplexo. – Qualquer coisa, menos ficar se esbaldando em lágrimas; isso não leva a nada!

– Muito menos ficar se esgoelando – replicou.

Maurício bufou, não adiantava tentar questionar. Ninguém ali parecia tão preocupado quanto ele, um cara herdeiro de uma das maiores empresas de administração e seguros do país, mas que no momento estava preso com um bando de crianças e adolescentes desconhecidos, num lugar no mínimo bem desconfortável. Não, era demais! Aquilo não poderia continuar. Mas parecia que ninguém o entendia, que ninguém se importava como ele!

– Escuta – disse Daniel – a gente `tá na mesma ratoeira, e discutir não vai levar a nada!

Maurício respirou fundo, olhou para os outros, que ainda se mantinham em silêncio, e sentou-se enjuriado. Patrícia foi confortá-lo.

– A gente `tá nas mãos de gente perigosa, eu não sei por quê, e não vai adiantar nada tentar fugir ou... ou sei lá! disse Daniel – A gente precisa ficar calmo e pensar um pouco, a gente...

– Qual é! – interrompeu-o Maurício. – Sentar e pensar não faz o mundo girar! A gente precisa de ação!

Ninguém entendeu, mas não puderam esclarecer coisa alguma, pois nesse exato momento a porta do quarto foi destrancada pelo lado de fora. Todos rapidamente se calaram e fixaram os olhos na porta, especialmente na maçaneta. Enfim as respostas pra as suas perguntas, suas dúvidas, estaria chegando, fosse pela boca de seus prováveis raptos, ou melhor: fosse pela boca dos que teriam ido ali para salvá-los.

CAPÍTULO 06 – parte 1

Infelizmente as notícias que lhes eram trazidas não eram das melhores, muito menos vinham da boca daqueles que poderiam ter ido ali para salvá-los. Não obstante o medo e a curiosidade, o silêncio predominou àquele instante. Ninguém conseguia dizer coisa alguma, nem mesmo Maurício, que estava bem afobado e nervoso foi capaz de dizer alguma coisa quando viu diante de si a instrutora e logo atrás dela o instrutor, de quem não se lembrava os nomes.

– Muito bem, vejo que todos estão acordados – disse Christina, passando os olhos pelo quarto.

Mas mesmo assim ninguém disse coisa alguma. O medo predominava naquele instante sobre todo e qualquer tipo de reação por parte das crianças e dos adolescentes, até mesmo a sua vontade de falar.

Christina olhou firme o irmão, que aos olhos dos mais atentos, como Daniel, parecia também nervoso e até mesmo com certo medo, e depois voltou-se para os seus reféns, soltando um sorriso bem sarcástico. – Bom, essa reação sua já me era esperado – disse a mulher. – Eu me refiro ao seu silêncio, embora tenha certeza de que muitas perguntas a respeito desta situação em que vocês se encontram esteja rodeando suas mentes. – Encarou uma menininha perto de si, assustando-a profundamente, e sorriu, como se isso a satisfizesse. – Bom, na verdade eu esperava pelo menos uma pergunta, umazinha só, mas vejo que vou ter que me antecipar com a resposta. – Encarou Daniel, que estava a poucos passos de si, e franziu o cenho, mas não deixando-se abalar pelo olhar firme e até mesmo furioso do garoto. Respirou fundo e começou a caminhar pelo quarto, examinando tudo o que lhe vinha à vista, sendo os seus passos seguidos pelos vinte olhares medrosos e curiosos, enquanto que Kevin permanecia na porta, mantendo o ar cauteloso e apreensivo, além das mãos escondidas por trás do corpo. – Como já adivinharam, eu nem Kevin somos simples instrutores de acampamentos, e se olharem bem à volta, isto aqui não é Disneylândia alguma.

– E precisa ser algum gênio para perceber isso? – insinuou Maurício, cortando o interminável silêncio por parte dos outros, e ao mesmo tempo chamando a atenção de Christina, que imediatamente o encarou firme, assustando-o.

– É, enfim alguém se manifestou – disse para todos. – Mas eu confesso que preferiria que fosse outro.

Maurício, que estava abraçado à Patrícia, não entendeu, mas antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, Christina aproximou-se, fixando bem o olhar ao dele, fazendo com que engolisse à seco as palavras com que iria manifestar sua indignação.

– Maurício, eu presumo – disse Christina. – Maurício Zisman Dawitch, filho de Kleber Dawitch, dono da companhia em que os pais dos demais aqui trabalham. Filho daquele que pode ter sido o único responsável por toda esta situação.

– Mas do que você está falando? – explodiu Maurício a sua indignação.

Todos o encararam perplexos, mais ainda com as palavras da mulher. Afinal, o que o pai de Maurício tinha a ver com tal situação? O que ele teria feito para que todos os filhos de seus funcionários, além dos seu próprios filhos, ficassem à mercê de uma mente tão maquiavélica (e note bem que aquele era apenas o primeiro contato com a verdadeira personalidade da falsa instrutora)?

– Você deve estar maluca! – retrucou Maurício.

– Será mesmo? – insinuou com cinismo a mulher. – Será que estou delirando? – Ela foi se aproximando dele, provocando-lhe um sentimento de medo e angústia maior ainda. – Não – disse, já bem próxima a ele – não estou não, e quem sabe com o tempo todos vocês não entendam o que eu estou dizendo?

Maurício engoliu à seco, mas podia jurar que não sabia do que a mulher estava falando. E provavelmente não sabia mesmo, mas o jeito com que Christina se expressava chegava a aguçar a imaginação da maioria dos demais, e até mesmo de Patrícia e Arthur, que encarou assustado o irmão, de longe, e depois entreolhou-se preocupado com os amigos que já havia feito, antes do incidente.

– E por quê não conta agora mesmo o que o pai dele fez de tão sério que teria provocado tudo isso? – perguntou Marcelo, um garoto da idade de Daniel, Eduardo e Maurício (quase um ano e meio mais velho que eles, na verdade), mas que até o momento permanecera bem quieto, atencioso com a irmãzinha, a quem acompanhava na viagem, e um tanto atento à quase tudo o que passava à sua volta. Para falar a verdade, ele acabou mesmo por tirar as palavras das bocas de todos ali, até mesmo do próprio Maurício, aguçando mais ainda o ar nervoso e preocupado de Kevin, ainda com as mãos escondidas por de trás do corpo.

Christina virou-se e encarou o rapaz, que procurou manter o ar firme, tanto quanto o tom de suas palavras, talvez as primeiras que todos ali haviam escutado vindo de sua boca, uma vez que ele só se comunicava mesmo com a irmã de nove anos, Mirella.

– Bem, eu até poderia contar – disse Christina com a voz calma – mas caso não tenha percebido, eu disse que talvez, veja bem, talvez o pai dele tenha sido o único responsável por esta situação, mas eu não confirmei tal suposição.

– Será que é porque ainda não conseguiu bolar um argumento bom o suficiente para explicar tudo isso, acusando o pai dele? – insinuou Marcelo, agora irritando de vez a mulher.

Todos logo encararam Marcelo, o primeiro a voltar-se contra aquela figura com rosto belo, mas com o espírito marcado pela mais horrorosa das qualidades: a maldade. Talvez o tivessem julgado

uma espécie de "vanguardista", mas provavelmente não chegara a tanto; no máximo o julgaram de louco, precipitado na acusação, mas bem que gostaram da cena. Bem, pelo menos até que a resposta da mulher viesse, o que não demorou a ocorrer, logo depois que ela bufou de raiva:

– Escute aqui, meu jovem! Eu não vou aturar esse tipo de insinuação para cima de mim, principalmente de um fedelho como—

– Escute aqui, você! – exclamou Maurício, interrompendo Christina, que o encarou rapidamente, com espanto e raiva nos olhos. – Já não basta nos prender neste chiqueiro e ainda por cima ameaçar a gente com indiretas?! Por que você não pega essas tuas palavras e enfia?!

– Veja lá como fala comigo, rapaz! – levantou a voz a mulher. – Está muito folgado, levando em consideração a sua posição de refém!

– Ora, sua...

Por um segundo todos, até mesmo Christina, se assustaram com a reação de Maurício, que avançou bem nervoso para cima de sua seqüestradora, ameaçando-a com um murro. Mas imediatamente Kevin reagiu, sacando e apontando diretamente para a cabeça de Maurício a *Uzi* que mantinha escondido atrás de seu corpo, como se tivesse sido treinado para tal reação, como se aquela situação fosse mesmo prevista. E o susto foi tal que o silêncio se refez e Christina pode se recompor. Maurício recuou e engoliu o que ia dizer, antes mesmo de Patrícia ter puxado-o para junto de si, num gesto protetor, mais como um impulso provocado pela adrenalina, presença agora constante no sangue de todos ali.

No momento em que Jorge e Maria Gabriela chegaram ao escritório da companhia, a confusão já estava armada. E não adiantava alguém tentar manter a calma, ou mesmo manter a palavra de ordem, tentando tranquilizar os demais; afinal, o que todos queriam mesmo eram respostas, e não alguém para aliviar aquele pesadelo, mesmo porque isso não adiantaria.

Alguns repórteres também estavam no local, tentando no mínimo tirar alguma informação dos funcionários aflitos, ou, se a sorte profissional viesse a galope, tentar uma entrevista, mesmo que coletiva, com o presidente da companhia, Kleber, e até para os mais intrometidos relacionar o acidente aos motivos reais da auditoria a qual a companhia estava sendo submetida.

Mas o que todos ali queriam era apenas uma informação sobre seus filhos, uma resposta para sua aflição. Mas para falar a verdade, aflição não era a única coisa que aquelas pessoas estavam sentindo; aflição era o que menos as afetava, na realidade.

– Mas será que alguém aqui pode me dizer como foi que isso aconteceu, porra! – berrou Jorge, bem nervoso, mas poucos foram os que voltaram sua atenção para ele.

– Onde é que está o Dr. Kleber?! – perguntou outra funcionária.

– Uma palavra, por favor? – um dos repórteres tentou.

Neste instante Kleber entrou aflito no escritório e após uma breve olhada em seus subalternos – e sem encara-los diretamente nos olhos, talvez pela vergonha e também por estar acompanhado de dois policiais, um deles um detetive – dirigiu-se à sua sala, seguido de sua mulher. Os policiais os seguiram.

Logo depois chegou o sócio de Kleber, mas ele não estava acompanhado da esposa, o que causou dúvidas e espanto em todos os funcionários. Foi logo para a sala da presidência.

Se não fosse pelo choro das mulheres, o escritório agora estaria em silêncio absoluto. A expectativa era grande, e a angústia crescia a cada instante em que os cinco demoravam para sair daquela sala.

Era uma segunda-feira e por isso mesmo era estranho todos os funcionários estarem juntos, presentes tão cedo ao lugar de trabalho. Seria até irônico pensar que isso apenas acontecera devido àquela tragédia, o que não deixava de ser verdade, mesmo que tal cena – com exceção do que se passava pelas cabeças de todos, dos sentimentos – já se repetira em festas anteriores de Natal e Ano Novo.

Mas não era nisso que eles queriam pensar, e sim no que se passava dentro daquela sala. Afinal, por que apenas Kleber, a sua mulher e o seu sócio poderiam conversar com os policiais, mesmo sendo ele o presidente da companhia? Todos ali também tinham filhos na excursão, filhos que estavam... sim, era duro pensar nisso, mas eles estavam mortos, não se sabia ainda como, e a dor era igual, tanto para o chefe quanto para os funcionários. E por isso não era justo que apenas "os grandes" ficassem a par da real situação.

– Eu vou entrar lá! – resolveu Maria Gabriela, levantando-se e indo em direção à sala do patrão. No entanto um berro de dor, dor de mãe, vindo de dentro do escritório a deteve. Era assustador, mas todos logo deduziram que a notícia no mínimo era verdadeira. E logo a cólera voltou a se espalhar por todo o escritório da companhia. Maria Gabriela ficou ali, parada a dois passos da porta da sala do Dr. Kleber, estagnada, mas ao menos tentando se conter para não se derramar novamente em lágrimas, mesmo que suas glândulas lacrimais já começassem a incomodar, aparentando estarem secas. Jorge se aproximou dela, mas antes que pudesse dizer alguma coisa – se é que conseguiria – a porta do escritório foi aberta e de lá saiu o policial, que foi imediatamente para fora do escritório e entrou no elevador.

Todos puderam, então, certificar-se de que a Sra. Zisman Dawitch, autora do grito, também sentia as dores de perder não só um, mas dois filhos. O Dr. Kleber procurava acalmá-la num longo abraço e logo depois entregando-lhe um copo com o que aparentava ser água com açúcar. Mas o

estranho foi que puderam perceber que o presidente da companhia, apesar de estar também muito transtornado, triste, procurava não se comover como deveria, e ninguém por enquanto viu sequer uma lágrima escorrer de seus olhos, diferente de seu sócio – que raramente aparecia na companhia, a não ser em caso de reuniões, e por isso poucos sabiam o seu nome -, Dr. Ramalhos, que derramava-se em lágrimas, e quando percebeu os olhares aflitos e preocupados dos funcionários, trancou-se no banheiro da sala, envergonhado. Afinal, um homem de sua posição deveria dar o exemplo para seus empregados, mas o que ele ignorava era que essas pessoas compreendiam, e muito bem, o seu sofrimento.

CAPÍTULO 07 – parte 1

A tensão havia diminuído um pouco, mas o medo ainda prevalecia entre os menores no quarto, mesmo porque o que Kevin tinha escondido atrás de seu corpo já havia sido revelado. E só em pensar o que ele poderia fazer com aquilo já era o suficiente para não tentar coisa alguma mais que fosse contra os planos (quaisquer que fossem eles) ou a vontade de Christina.

A mulher, no entanto, já percebera que não seria tão fácil manter aqueles jovens sob controle, como havia previamente meditado, mesmo com o auxílio da violência. O incidente com Maurício e o outro rapaz, Marcelo, fê-la pensar seriamente por alguns minutos no rumo o qual aquela situação deveria seguir e provavelmente seguiria, mas isso não era motivo qualquer para pensar em desistir; pelo contrário! deveria sim – e agora mais do que nunca – manter a sua posição de superior e mentora, para, no mínimo, tentar manter o respeito deles por ela, mesmo que o auxílio das armas fosse necessário.

– Bom – disse, retomando a palavra – acho que essa cena não deveria se repetir. Eu, nem Kevin, gostaríamos de usar essa arma, mas não veremos porquê não usa-la caso seja necessário.

Pausa. Todos permaneceram em silêncio, temerosos, esperando que Christina concluísse suas explicações; se é que havia qualquer explicação cabível à tal situação que não a insanidade daquela mulher.

– Mas também não é preciso dizer que esta não é a única arma de que dispomos, assim como não é o único método de segurança, se é que me entendem.

Eles entendiam.

– Se é que alguns de vocês pôde perceber – ela olhou para Daniel, que desviou o olhar -, lá fora, soltos todo o tempo, nós temos três pastores alemães treinados para atacar qualquer um estranho à seus olhos, além de que o terreno é cercado por arames da mais afiada farpa, e há câmeras de vídeo espalhadas por todo o lugar.

Todos imediatamente olharam em volta à procura da tão famigerada máquina, que lhes tirava a privacidade, mas nada acharam. Christina encarou o irmão, mas este desviou também o olhar, envergonhado por ter esquecido de instalar uma câmera no quarto. Não obstante, isto poderia ser algo que guardariam apenas para eles.

– Não estou vendo nada – disse Eduardo, para Daniel.

– Ela está blefando – sussurrou o outro no ouvido do amigo.

– Será?

– Depois te explico.

Daniel calou-se, intrigando Eduardo. Ele tinha certeza de que a mulher blefava; não havia câmara alguma no recinto. E mesmo depois dela ter confirmado suas suspeitas em relação aos latidos que escutara aquela noite, ainda que os cães fossem mesmo "alemães", e não "belgas", ele não confiava nas palavras de uma mente tão doentia. Mas por enquanto era melhor manter aquilo entre ele e apenas ele, para que alguém não acabasse por dar com a língua nos dentes e tal suspeita fosse parar nos ouvidos de Christina. Olhou para o lado e percebeu alguém de quem havia se esquecido: a menina dos cabelos castanhos ondulados, e olhos verdes! Lindos, no entanto tristes e profundamente pensativos.

Karina estava no outro canto do quarto, e procurava manter distância de todos, mesmo daqueles que tentavam se aproximar para compartilhar a dor; ela logo desviava o olhar e encolhia-se, sentada na cama onde acordou, assustada como todos. Não queria assunto, não queria solidariedade, não queria estar ali. E alguém queria? O fato era que começavam a achá-la antipática por isso, mas o que eles não entendiam era que sua presença ali era mero agrado que estava fazendo a sua mãe, que por mais de duas semanas não parou de falar um só segundo sobre a excursão, fazendo mil elogios ao programa da mesma, ao lugar paradisíaco em que iam ficar, às aventuras de que ia participar, às amizades que poderia fazer... Mas aquilo era o inferno vivo! o pesadelo acordado!

Pensou no namorado, Henrique, em como ele estaria, como se sentiria... "Por que você não está aqui?!", argüiu, mantendo à mente a imagem do sorriso de seu "príncipe", como ela o chamava. Ela insistira, mas ele não quis ir; disse que precisa fazer companhia à avó, que não estava bem. "Além do mais, são apenas dez dias!", lembrou-se das palavras de Henrique. "E de qualquer jeito a sua mãe disse que não dava pra eu ir". Nunca perdoaria sua mãe caso não visse mais. Mas esta era uma decisão precipitada, de boca-para-fora; também sentia (e como!) a sua falta. E o que não daria para poder estar deitada com a cabeça em seu colo, recebendo aquele cafuné que só uma mãe pode fazer, ouvindo as canções com as quais ela costumava niná-la?

– Mãe...

Maria Gabriela estava distante, muito distante, mas pode sentir a filha chamar por ela; algo que não sabia explicar como, mas a voz da filha ecoava por suas entranhas, numa súplica por socorro. Não conseguia sentir Karina morta, longe de seus braços protetores, de seus agrados maternos. Sabia que estava errada, que não podia continuar se enganando, mas nada podia fazer. Procurava desviar a mente, mas, sozinha em seu apartamento, onde Jorge a deixara antes de seguir com uma comitiva da companhia para o local do acidente, desamparada, cercada por fotografias da filha em todas as idades,

não conseguia pensar em outra coisa que não no imenso abraço e no terno beijo com os quais costumava recebê-la toda vez que se encontravam, fosse na rua, fosse chegando em casa.

Deveria ter ido com Jorge até aquela estrada desgraçada, mas apenas quatro pessoas puderam acompanhar os policiais, quatro homens na verdade. Discriminação? Nem tanto. Maria Gabriela mesmo acabou por concordar que tal cena seria muito forte para ela, e até para qualquer outra pessoa – mesmo para os homens -, mas ficar em casa sem notícia alguma, sem ao menos a certeza de que aquilo ainda era um pesadelo, era demais.

– Por favor, Deus...!

Mas apenas suplicar por Sua ajuda não adiantava. Mesmo que todas as suas orações de católica não praticante já tivessem sido feitas, não sentia o conforto da fé em seu coração. Por isso resolveu ir para o quarto da filha, arrumá-lo, limpar o pó dos móveis, esticar o edredon da cama, tudo para fazê-la crer que Karina a qualquer minuto iria entrar ali e jogar-se no conforto de seu leito, pedindo em seguida que fechasse as cortinas para que a luz do dia não atrapalhasse o sono perdido na noite de badalação com as amigas e o namorado. E ainda pediria um cafuné como só ela sabia fazer, como aqueles em que ela o fazia quando assistiam à Sessão da tarde.

Mas tudo isso continuou como delírios de uma mãe desamparada com a perda da única filha, que criara sozinha desde quando dera a luz, aos dezoito anos, pois fora abandonada grávida pelo namorado, que fora se doutorar na França e acabou por morrer em um acidente de carro, após já ter-se casado e posto no mundo outro filho, que deveria estar quase com a idade de sua Karina.

Karina...

Não adiantava; qualquer coisa em que pensasse acabava por voltar-se para a filha, mesmo assuntos os quais nada tinham a ver com a jovem – mas eterna criança para a mãe -, como o trabalho, ou como Jorge.

Jorge... Este era seu amigo; um que há muito conhecia, mas que apenas nos últimos dias começara a se aproximar no intuito da mais pura amizade, não obstante o olhar profundo de adolescente apaixonado com o qual ela havia se flagrado ao encará-lo, nada diferente dele. Sim, não podia negar que estava caindo de amores pelo colega de trabalho já fazia tempo, mas aquele não era o momento para pensar nisto; não conseguia – Karina estava em sua mente. Se ao menos não tivesse insistido tanto para que ela participasse da excursão...

É, mais um coisa para perturbar-lhe a paz: a culpa pelo que aconteceu à filha.

Acabou por derramar-se em lágrimas novamente e jogou-se na cama da filha que acabara de arrumar. Pode sentir a fragrância da colônia que Karina usava após o banho, antes de deitar-se para dormir. E assim, passou aquela tarde, enroscada nos lençóis da filha, sentindo o cheiro de sua alma

adolescente; juventude perdida num acidente estúpido à caminho do hotel fazenda no qual a excursão acamparia.

Christina havia conseguido manter momentaneamente a calma – ou mesmo o silêncio, provocado pelo medo – entre os seus reféns, na medida em que ia explicando o modo como funcionaria o esquema enquanto estivessem à sua mercê. Todos a observavam e prestavam, na medida do possível, atenção às suas palavras (alguns tentando descobrir o motivo de tão doentia ação), enquanto que seu irmão, Kevin, continuava apenas a observar, quieto e cauteloso, rezando para que a irmã não o forçasse a usar daquela arma de fogo; na verdade eles nunca conversaram seriamente à esse respeito, mas Christina fê-lo jurar obedecer todas as suas ordens, mesmo que as mais tenebrosas, e isso começava a fazê-lo argüir-se sobre a saúde mental da irmã, e sobre os verdadeiros motivos que os levaram a praticar tal crime. "Meu Deus! seqüestro!"; era difícil acreditar, mas aquele garoto que costumava recusar armas de brinquedo como presente de aniversário quando criança, estava por realizar o pior pesadelo daqueles jovens. E, talvez, o seu também...

– Não sei por quanto tempo ficarão aqui – dizia Christina, mas espero que neste meio tempo vocês cooperem.

Daniel encarou Eduardo com ar temeroso enquanto da pequena pausa feita pela mulher.

– Como podem ver, este quarto é suficientemente espaçoso para todos, com uma cama para cada um e um banheiro coletivo.

– Chama aquilo de banheiro? – questionou Patrícia, indignada, após juntar toda a sua coragem para tal.

– Não tenho culpa se seus hábitos higiênicos e os dos outros são comparados a porcos que são criados em cativeiro.

Christina não percebeu, mas Daniel, assim como Marcelo e mais alguns, quase riram (não fosse a situação) da contradição da mulher; afinal aquilo *era* um cativeiro, e se todos ali agiam como porcos, não era por falta de influência local.

– Porcos? O que somos aqui, então? – arguiu Daniel. – Você nos enfia neste buraco, sem iluminação, sem ar puro e com um banheiro pior dos que você acha num botequim e ainda quer que nos comportemos adequadamente?!

– Sem contar que ainda roubaram nossas coisas! – lembrou Eduardo.

– E nossas malas, nossas roupas! – completou Patrícia, preocupada com sua aparência, mesmo num lugar daqueles.

Christina tentou respirar fundo, mas não conseguiu; ela pode perceber que os garotos tinham razão após alguém ter esquecido a porta do banheiro aberta. De qualquer forma, isso não a conturbou, e ela poupou-se em responder às acusações dos garotos, continuando a ditar suas ordens.

– Para evitar maiores aborrecimentos, teremos toques de recolher estritamente às nove horas da noite; às nove e quinze todas as luzes serão apagadas, e não tolerarei conversas após às nove e trinta e cinco, em ponto, caso contrário terei de usar o método doloroso do sonífero; via intravenosa.

Todos engoliram à seco, mesmo os menores, que se perguntavam o que, diabos, significava "esse troço de via intravenosa".

– Mas uma pergunta que todos devem estar fazendo, além de como vieram parar aqui, lembrando que não responderei tão cedo à isso, é se vão passar fome. É claro que não, pois isso não serviria aos meus propósitos. Assim como o toque de recolher, também teremos horários restritos para as refeições: oito horas da manhã serviremos o café, até às oito e quarenta; ao meio-dia e meia serviremos o almoço, até à uma e dez; e, finalmente, teremos um lanche noturno às sete e vinte, servido até oito horas. Qualquer atraso em relação aos horários será culpa de vocês, problema seu. E é óbvio que serão proibidos lanches fora desses horários.

Pausa.

– Como já passam das nove da manhã, o café está suspenso por hoje. Teremos de esperar até o almoço, completou a mulher.

– E por acaso nós ficaremos sempre infurnados neste quarto? – perguntou Marcelo. – Vamos comer aqui também?

Christina encarou-o firme, mas bufou e voltou-se para os outros:

– Vocês não serão obrigados a ficar aqui dentro, trancados, a menos que tenham motivo para isso – voltou-se para Marcelo -, se é que me entendem.

Marcelo manteve-se firme.

– Só não poderão circular livremente pela casa, pois há lugares em que não é permitida a entrada de "pessoal não autorizado", continuou Christina, para todos. – No entanto, para qualquer lugar que se dirijam, terão informar a mim, ou a Kevin, pois, mesmo com as câmeras, precisamos manter a ordem e a disciplina. E não estou, nem estarei disposta a procurá-los pacientemente por aí, cabendo este serviço aos meus ajudantes caninos.

Todos se entreolharam com quem puderam, temerosos de que fossem vítimas de tais ajudantes, assim como da *Uzi* de Kevin. Sendo assim, não acharam outra alternativa plausível que não procurar cooperar, ao máximo possível, com aquela mulher; não tinham escolha.

– Alguma pergunta mais? – quis saber Christina, sentando-se em uma cama no canto do quarto.

Pedro, que estava tão assustado quanto às outras crianças, encarou Júlio, agora deitado ao seu lado, posto que a chieira havia passado um pouco após tendo a porta do quarto sido aberta e o ar arejado um pouco, e votou-se em seguida para Christina, levantando a mão num gesto temeroso de chamar a sua atenção.

– Eu... eu queria saber se... se meu amigo Júlio pode ter a bombinha dele de volta, disse o menino. – É que ele não `tá muito legal, e precisa dela.

Todos, até mesmo Karina, que estava tão "distante", voltaram a sua atenção para aquela criança de nove anos, tão preocupada com o amigo quanto (ou até mais) estaria para com o seu irmão, e comoveram-se. Christina olhou em volta e percebeu que todos agora estavam a olhar com inquérito para ela, esperando uma resposta sua. Ela encarou o irmão, que não sabia o que dizer, não obstante ter percebido a frieza com que a mulher havia recebido o apelo do garoto; e ele fez que sim com a cabeça. Christina levantou-se, pôs a mão no bolso e de lá retirou uma "bombinha" para asma e estendeu na direção de Daniel, de quem estava mais perto. Este, sem pensar duas vezes, pegou o remédio e levou até Júlio, que rapidamente fez uso dele, com três borrifadas na garganta, deitando-se novamente em seguida.

– Você `tá melhor? – sussurrou Daniel ao menino, que confirmou com um sorriso meigo e cansado. Ele afagou a sua cabeça e assustou-se ao perceber em como ele estava quente. Rapidamente virou-se para Christina, que se levantara e fora se juntar a Kevin, e anunciou: – Esse garoto está ardendo em febre.

Christina encarou Kevin e fez pouco caso, demonstrado em um ar de imenso desdém.

– Arrumem as suas camas e preparem-se para o almoço.

Dito isso, a mulher se retirou friamente, causando um imenso pasmo entre todos. Kevin, um pouco sem graça, mas tentando demonstrar autoridade, encarou firme os adolescentes e saiu, fechando a porta, mas sem trancá-la. O murmurinho logo se formou, então. "Ela é louca!", "Eu quero minha mãe.", "Temos que sair daqui!", "Eu `tô com fome!", mas, não obstante, a preocupação maior no momento foi o modo como ela reagiu sob a notícia da febre do garoto. Realmente aquela mulher era perturbada mentalmente e se não saíssem logo dali, provavelmente todos acabariam por morrer sem que seus pais soubessem.

Daniel encarou Eduardo, que fez que não com a cabeça e foi jogar-se na cama, impaciente e com o estômago doendo de fome, e voltou-se para Pedro, sorrindo-lhe confortadoramente, sem, no entanto, e apesar do menino ter retribuído o gesto, ajudar em coisa alguma.

CAPÍTULO 08 – parte 1

O lugar ainda cheirava a queimado; a mato queimado, a ferragens queimadas, a carne queimada... Sim, pode parecer macabro, é até é, mas não havia como negar; quando Jorge, Kleber e Vinícius, o pai de Pedro, chamaram ao local do acidente acompanhados pelo detetive Pecegueiro e mais dois policiais, a cena que viram foi essa: fumaça, destroços e corpos carbonizados, já escondidos por plásticos pretos e enfileirados perto da estrada pelos bombeiros e policiais rodoviários. Repórteres dos mais interessados jornais, TVs e Rádios procuravam assiduamente obter informações dos oficiais em serviço, tanto quanto de alguns moradores da região, que diziam não saber de coisa alguma; apenas confirmavam ter ouvido uma grande explosão no meio da madrugada.

A estrada havia se congestionado, tamanho a movimentação dos policiais e bombeiros quanto de curiosos naquele trecho da rodovia, e por isso o cansaço pela viagem, somado a angústia e a busca pela verdade – que ainda estava em incógnita – apenas faziam com que aqueles três homens acompanhassem de longe o serviço dos especialistas da polícia rodoviária federal, que chegaram nada menos que duas horas depois deles (neste intervalo de tempo eles pouparam-se em chegar mais perto do que cinqüenta metros das ferragens, que haviam se espalhado por um raio de duzentos metros, desde a estrada até o matagal que encerrava a ribanceira, como um muro verde, um muro por trás do qual poderia estar se escondendo a verdade sobre a noite passada). De qualquer forma, já era doloroso demais estar ali, presenciando tal cena, testemunhando cada avanço (ou recuo) nas análises e investigações da perícia. Era difícil para ambos acreditar que seus filhos estavam ali, embaixo de algum daqueles plásticos pretos. Era difícil crer que seus sonhos e planos conjuntos ou não para o futuro das suas proles haviam se queimado num pesadelo eterno. Era... era mesmo difícil estar ali, e todos queriam acordar agora, saber que tudo aquilo não havia passado de um sonho ruim provocado pela ânsia paterna de se verem separados, mesmo que por alguns dias, do fruto de seus amores, que seus filhos estavam se divertindo no hotel fazenda, seguros... e vivos.

Em meio à multidão que já se formava, e logo era recuada pela polícia, um homem acompanhava mais atento e observador que qualquer um. Praticamente não se movia e mantinha o olhar fixo quase que apenas nos destroços do ônibus. Caso não estivesse respirando – o que na verdade fazia muito pausadamente, como se estivesse muito relaxado – podia-se jurar que se tratava de um manequim, ou até mesmo uma estátua.

Era uma figura estranha, mas nem tanto quanto aqueles Harechrishinas que são facilmente encontrados em aeroportos ou mesmo dentro de ônibus, vendendo adesivos e incensos. Era um pouco gordo, mas sua pele oleosa, de cor bem clara, deixava a impressão de que era bem mais obeso. Usava boné preto da marinha e óculos escuros, apesar do sol não estar brilhando ardentemente como costuma

acontecer nessa época do ano. Usava bermuda jeans e uma camisa estampada, com cores bem chamativas – e apesar disso ninguém comentara sua presença ali, se é que o perceberam, pois procurava manter certa distância do tumulto. Estava pensativo, um tanto preocupado, mas mesmo assim poderia-se notar, se alguém quisesse, um ar confiante em si, algo orgulhoso, como se estivesse satisfeito.

Sorriu para si mesmo, respirou fundo, acendeu um cigarro que tirou do bolso da camiseta, junto com o isqueiro, e voltou para o seu carro. É, certamente fez um bom serviço.

Apesar de não terem recebido uma ordem direta, os reféns resolveram arrumar as camas onde haviam dormido e jogar água no chão do banheiro, para tentar amenizar o aspecto nojento que o lugar havia adquirido. Claro que alguns, como Maurício e Patrícia, recusavam-se a ajudar, mesmo que tudo o que tinham que fazer era dobrar uns lençóis e ajeitar o travesseiro, ao contrário dos demais, que já haviam percebido que a única maneira de escaparem ilesos, se é que escapariam dali, era cooperando com Christina e Kevin.

Durante todo o tempo entre a "visita" dos falsos instrutores e a hora do almoço, quase nenhuma palavra foi trocada entre os adolescentes e crianças. Mesmo os amigos mais íntimos, como Daniel e Eduardo ou Pedro e Júlio, não se falaram. Procuravam meditar sobre suas vidas, suas famílias, e, sobretudo, sobre o que haviam feito para que Deus (e isso era perguntado até mesmo pelos menos religiosos) os castigassem de tal forma. Era difícil acreditar que estavam em tal situação. Afinal, aquilo poderia acontecer a qualquer um no mundo, em todo o mundo, mas fora acontecer exatamente com eles. Procuraram em vão desviar a mente de tal preocupação, mas logo que conseguiam se transportar mentalmente para outro lugar, onde haviam passado melhores momentos em suas vidas, bastava olhar para o lado, ver os outros, apáticos, pensativos, tristes e melancólicos, para cair na realidade da situação: apática, triste e melancólica.

Daniel procurou manter um ar de frieza e cautela, embora não estivesse indiferente à situação, nem aos sentimentos agora compartilhados por todos. Pensava que alguém ali deveria ter uma posição mais adulta, uma posição talvez de liderança. "Eles precisam de alguém para orientá-los aqui", pensou o rapaz, "alguém que já está bem por dentro da situação. E por quê não eu?". Talvez um líder não fosse exatamente o que precisassem no momento, mas um amigo, alguém de confiança, para estar por perto e dar conselhos fosse o ideal. "E por quê não eu?". Claro, poderia estar especulando demais, mas mesmo assim manteve firme a idéia. E pôde pô-la logo em prática, ao ficar perto de Pedro e Júlio, tentando transmitir-lhes um pouco de conforto, compaixão e proteção, como um irmão mais velho, que ambos nunca tiveram. Isso até despertou a atenção de alguns, principalmente de Eduardo, que nunca o vira tão caridoso com crianças, e de Karina, que pela primeira vez se aproximou de alguém desde o início da viagem e perguntou a Daniel sobre o estado do menino doente. Daniel

estranhou, ficou um pouco confuso com a aproximação da garota, e sentiu algo diferente em seu coração. Mesmo assim respondeu:

– Ele vai ficar bem, eu acho. – Mas disse isso bem baixo, de modo que só a jovem pudesse escutar.

Karina fitou-o nos olhos – mas ambos desviaram o olhar, por motivos bem diferentes – e depois voltou a sentar-se em sua cama.

Ao meio-dia Kevin havia ido buscá-los para o almoço, que Christina havia concordado em servir um pouco mais cedo aquele primeiro dia, e surpreendeu-se ao encontrar aquele quarto praticamente escuro com as camas feitas – surpreendera-se mais ainda se tivesse entrado no banheiro, que apenas com água jogada nos cantos com o auxílio de um balde que estava dentro do box fora lavado, e apenas com mais um pouco de detergente ou água sanitária pareceria um lavatório para madame alguma por defeito.

Daniel perguntou a Júlio se ele tinha forças para acompanhá-los na refeição.

– Desde que eu saia um pouco daqui, eu vou comer até dentro de uma jaula – brincou o menino, mas estranhamente sem qualquer ar de humor. Daniel disse-lhe para não repetir tal asneira.

O corredor fora do quarto era ainda mais assustador, mesmo que melhor iluminado pela luz do dia – mas também havia três lâmpadas de duzentos watts, que deveriam ser usadas à noite. Era comprido, com mais duas portas do lado esquerdo e uma do lado direito, todas fechadas, talvez trancadas; isso deu-lhes a idéia do tamanho real de seu cativado, e puderam ter a certeza de que se tratava de uma casa (uns pensavam que pudesse ser um pequeno prédio, com no máximo três andares).

Kevin os guiou, sempre carregando a *Uzi* nas mãos até o final do corredor, que abria-se em um grande sala, com uns cinquenta metros quadrados – ou mais. Era simplesmente decorada: um sofá de couro para cinco pessoas em frente a uma grande lareira, algumas almofadas, também de couro, espalhadas ao redor e uma grande mesa de madeira perto da porta que deveria dar para a cozinha. Na parede não havia quadros, nem pôsteres, nem fotografias; apenas alguns troféus de caça, como uma cabeça de veado-mateiro, que recepcionou-os logo que entraram no recinto. As crianças (principalmente as meninas) foram as que mais se assustaram. Duas chegaram a soltar um berro, chamando a atenção de Kevin, que parou e encarou-as friamente, mas nem tanto.

– Ele não morde, está morto – disse-lhes, e voltou a guiar os reféns.

– Se a gente não se cuidar, é capaz de sermos os colegas desses aí – sussurrou Patrícia no ouvido do namorado.

Kevin pode escutar o comentário da jovem, mas fingiu não tê-lo feito. Preferia manter-se o mais afastado possível de seus reféns, de modo a não se arrepender do que estava fazendo. "Meu Deus!", ele refletiu, "São meus reféns!".

Mas uma coisa que todos perceberam, e estranharam, foram as duas grandes janelas – abertas! – na sala. Eram bem maiores que as do quarto, e facilmente quatro garotos poderiam pular cada uma de uma vez só. "Será que são estúpidos?", pensou Eduardo. Não, certamente não a tal ponto. Estava fácil demais, principalmente porque Kevin estava de costas para todos, e os últimos da "fila" já se afastavam ligeiramente. Ouviram latidos e logo tudo ficou praticamente esclarecido. "Ainda têm esses cachorros lá fora", lembrou Marcelo, que não conseguiu enxergar direito a paisagem do lado de fora da casa (seus olhos, assim como os dos demais, ainda estavam ofuscados pela súbita mudança de claridade).

O dia estava claro, embora o sol tivesse tornado a esconder-se atrás de umas nuvens ralas, mas para a família das vítimas do acidente, a tormenta ainda não havia passado. Raios de remorso caíam sobre suas cabeças, estourando em trovões de cólera e dor, que corroíam todo o seu corpo. Tentavam aguentar firmes, mas o sofrimento era demais.

Quando Jorge e os outros voltaram à tarde para o escritório, visto que os serviços da polícia estavam encerrados – pelo menos por aquele dia –, encontraram todos os funcionários à sua espera. Mesmo cansados, todos estavam lá, juntando o resto de suas forças para ouvir o que o Dr. Kleber, Jorge e Vinícius tinham a relatar. Mas os três simplesmente não sabiam o que dizer; não sabiam como se expressar. Havia mulheres presentes... Besteira! Àquele momento todos eram igualmente sensíveis e emocionais. Mas como iriam dizer aquelas pessoas que seus filhos, assim como os seus próprios, agora não passavam de corpos carbonizados, irreconhecíveis, guardados em um maldito *freezer*, a espera de um enterro coletivo? Realmente era difícil, mas não havia escapatória.

– Eu quero ver meu filho, eu quero! – exigiu Márcia, a mãe de Pedro, bem estérica após ficar a par da situação.

– Não... não será possível, já dissemos – replicou Jorge, enquanto Vinícius, também muito emocionado, mas procurando manter a calma, tentava confortar a esposa.

– Mas eu quero, eu tenho que vê-lo, é de meu direito!

E caía no choro.

Aconselhado por Jorge, Vinícius levou Márcia para casa e deu-lhe um sedativo, mas ela não dormiu. Deu-lhe outro comprimido, mas apenas depois do terceiro a mulher conseguiu relaxar e mergulhar em um sono profundo. Sonhou com seu pequeno Pedro, deitado ao seu lado na cama, como costumava fazer nas noites de segunda-feira, quando ficava até tarde vendo os filmes da *Tela Quente* e

acabava por adormecer – o marido tinha que dormir na cama do garoto, no outro quarto. Mas a manhã seguinte seria diferente, quando acordasse não veria o filho ao seu lado; ele não haveria ido para a escola, não haveria saído com o amigo Júlio para a praia: ele apenas não estaria mais ali.

Pedro estava sentado à ponta daquela grande mesa de madeira. Ao seu lado estava Júlio, ainda um pouco apático devido à doença, e ao lado deste, Daniel. Eduardo estava logo depois e ao seu lado Marcelo com a irmã Mirella em seguida, junto com a amiga Tatiana, da mesma idade. Mais adiante estavam dois irmãos, Rodrigo e Renato, com o seu primo Danilo, e do outro lado da mesa, em frente a Pedro, estava Arthur, quieto como os outros, e ao lado dele Maurício, que tinha ao seu outro lado Patrícia. Após esta estavam mais duas meninas, Juliana e Morgana, ambas de nove anos, com a irmã mais velha Bruna, de dezesseis, e depois outro garoto chamado Júnio, da idade de Pedro. Depois de um casal de gêmeos idênticos, Luís Felipe e Luís Henrique, de treze anos, estava Karina, para quem Daniel não parava de olhar. "Mais que menina estranha!", ele pensava, sem dar importância, no entanto, a estranha sensação que seu coração estava lhe dando. Seria amor à primeira vista? "Isso não existe!".

Todos estavam a espera da comida. Kevin havia lhes ordenado que ficassem sentados a mesa, em silêncio, até o momento em que um a um fosse chamado pela ordem alfabética para se servir na cozinha. O lugar assim estava quieto, e o único barulho que se escutava era do exaustor da cozinha (diga-se de passagem que era um barulho extremamente irritante, mas nada a respeito poderiam comentar, muito menos reclamar).

– Arthur Zisman Dawitch – chamou Kevin quando saiu da cozinha.

O menino de cabelo loiro escorrido arregalou os olhos verdes e encarou o irmão. Estava inseguro.

– É pra você ir, não ouviu? – retrucou Maurício, diretamente, assustando o irmão. Patrícia o censurou com um cutucão; os outros com um olhar espantado.

Arthur engoliu à seco e olhou para Kevin, que estava sem a arma. – Sou eu – disse, quase gaguejando.

– Vamos.

Era uma cozinha quase que normal, não fosse o enorme fogão com o exaustor por cima, lembrando a de um restaurante de hospital. Havia muitos armários de despensa pelas paredes e as duas pias de aço ficavam perto da grande geladeira com um *freezer* horizontal ao lado. Uma mesa de madeira ao centro servia para o preparo dos alimentos antes de serem cozidos, e embutido em um armário havia um grande forno de microondas, mas não diferente dos que normalmente são vistos em qualquer casa de família. A fumaça, mesmo com o exaustor – que estava agora desligado –, tomava

conta do espaço, Arthur começou a soar quando entrou com o seu prato de porcelana barata nas mãos. Christina, que estava ao lado do fogão com panelas enormes em cima e aparentava estar meio estafada, fitou-o nos olhos e disse:

– Venha aqui para eu te servir.

O menino mesmo temeroso foi. De uma panela Christina serviu-o de Purê de batatas, que Arthur detestava, mas achou melhor não dizer. De outra panela a mulher o serviu de risoto de galinha e de outra serviu-o de feijão preto. O cheiro da comida até que era agradável, mas mesmo assim Arthur perguntava-se se deveria comer.

– Pode ir.

Mas antes de sair o garoto lembrou de algo importante:

– E pra beber?

– Vamos servir água daqui a pouco. Agora vá.

Kevin havia pensado em preparar um suco de maracujá ou um mate, mas Christina fê-lo desistir da idéia, alegando que estava começando a se importar demais com os seus reféns.

– Primeiro você quer que eu sirva a porra desse almoço mais cedo e agora ainda quer que eu faça suco ou mate?

– Mas eles são crianças!

– E são nossos prisioneiros!

– Mas não é por isso que vamos tratá-los mal.

Fez-se o silêncio.

– Eles beberão água por enquanto – afirmou Christina.

E assim terminou a discussão. Kevin bem que tentara, mas a irmã era osso duro de roer. "Certo, ela é a mentora no caso, mas está se tornando exagerada em certos assuntos!", meditou Kevin. Maldita a hora em que se deixou convencer por ela a praticar tal ato de violência!

Um a um os reféns foram servidos e logo todos estavam sentados com os pratos cheios a sua frente – apesar da fome, ninguém atrevia-se a dar a primeira garfada. Christina e Kevin entraram na sala, vindos da cozinha e estranharam a cena. Todos estavam quietos e apreensivos.

– Por que ninguém está comendo? – perguntou a mulher.

Ninguém respondeu.

– Vamos, comam!

Ninguém atreveu-se. Christina encarou Kevin e bufou.

– Bom, vejo que ninguém está com fome. E mesmo com o almoço servido meia hora mais cedo, não vão ter tempo extra. Ou comem agora ou dentro de quinze minutos eu recolherei todos os pratos. Ficarão sem comer qualquer coisa até as sete e meia. Por isso é melhor pensarem melhor, e rápido, em seguir em diante com a essa idéia idiota de que a comida está envenenada.

Christina havia sido bem direta, e parecia convicta com a promessa. Todos se entreolharam e depois voltaram-se para os seus pratos com a comida esfriando. Apesar do cheiro agradável, não tinham como saber se aquilo não estava com algum tipo de veneno, ou mesmo algum remédio que os fizesse dormir ou... algo pior.

– Têm doze minutos agora – avisou Kevin.

Mas nada. Christina começava a se irritar e Daniel intrigou-se: "Ela está mto interessada em que comamos isso". Ele pegou o seu garfo, começou a mexer na comida e fez menção a degustá-la. Todos fixaram o olhar espantado nele.

– Não faça isso – advertiu Eduardo, sussurrando para o amigo. – Não come não.

Mas Daniel parecia decidido; alguém tinha que manter a calma e obter a confiança dos outros. "E por quê não eu?", meditou. Não obstante, a ira de Christina aumentou – ela aproximou-se do rapaz, com violência retirou o garfo da mão dele, pôs um pouco do rizoto misturado ao feijão na boca e engoliu quase sem mastigar. Todos espantaram-se.

– Agora comam! – ordenou a mulher em seguida.

Sem cerimônias, e ainda assustados, as treze crianças e os sete adolescentes começaram a comer. A água já estava servida e isso facilitou a engolir a comida que já estava praticamente fria, embora reconhecessem que o gosto era, mesmo assim, tão agradável quanto o cheiro. Daniel tinha agora motivos verdadeiros para não tocar na comida, não com aquele garfo, mas preferiu não fazer alarde – limpou o talher com um guardanapo de papel sem que Christina percebesse e comeu o que estava em seu prato.

Kevin também se assustou com a reação da irmã, mas manteve a boca calada; não queria comentar o assunto com ela, mesmo longe das crianças. Estava começando a se arrepender seriamente do que estava fazendo.

CAPÍTULO 09 – parte 1

Christina e Kevin já haviam almoçado e por isso não se sentaram à mesa junto com os seus reféns. Mas do sofá podiam vigiá-los muito bem. Não obstante, nada agradava à mulher ter que deixar as janelas da sala, e do resto da casa, abertas. Mas caso as mantivesse fechadas – e ainda lacradas -, logo rumores a respeito do orfanato que o jovem casal que não podia ter filhos abriam surgiriam e acabariam por tomar toda aquela pequena cidade no interior de Minas Gerais. E o que menos os dois queriam era estragar o seu disfarce.

De qualquer forma, Christina tinha que confiar no bom senso de seus reféns em ficarem quietos em seus lugares, sem ao menos pensar em passar por aquela porta e correr em direção ao barranco que separava a casa da estrada de pedras, que levava ao centro da cidade. Apesar dos cães estarem presos no canil, para não despertar suspeitas sobre o andamento da instituição privada, os adolescentes e as crianças não sabiam disso. E a garantia que o medo gerado deveria ser suficiente. Por enquanto.

– Bom, agora que todos acabaram de comer...

– E muito bem.

– ...está na hora de dividirmos as tarefas – continuou Christina, após olhar com desdém para o irmão depois dele tê-la interrompido com seu comentário nada enfatizante.

A curiosidade atacou todos, mas ninguém ousou dizer qualquer coisa.

– Soube que já arrumaram as suas camas – disse a mulher – e digo que não fizeram mais do que sua obrigação. – "Não esperem agradecimentos", meditou ao levantar-se e ir em direção à eles. – Mas devo avisar que suas tarefas aqui não se limitarão à isso. – Ela passou os olhos pela mesa. – Como perceberam, há uma cozinha para ser arrumada, banheiro para ser lavado,...

Neste momento todos se entreolharam com graça, mas o seu ego negou-se a deixar que rissem.

– ...e mais outras tarefas que posteriormente citarei.

"Empregados domésticos! Isso é o que a gente vai ser!", meditou Maurício, indignado.

"Escravos, isso sim!", Eduardo pensou, como se pudesse ter replicado ao pensamento de Maurício.

– Mas antes de dividir a tarefa entre vocês – continuou a mulher, mudando o tom e voz – eu queria acrescentar algo importante: isto aqui não é sonho, não é pesadelo, não é brincadeira! É real! É a sua realidade agora!

"Jura?!", pensou Daniel, com sarcasmo.

– E não tolerarei ameaças contra mim ou ao andamento de meus planos!

Então ela tinha mesmo um plano (vários, segundo ela mesma)! todos se espantaram com isso. Era a primeira vez que diretamente ela mencionava alguma coisa relacionada a algo premeditado por si. E apenas tornava aquela situação mais assustadora.

– Como podem ver as janelas estão abertas, assim como a porta. Podem ver que estamos no campo, que o dia está claro, que os pássaros estão cantando, os cães latindo, mas vocês não estão brincando. Pode parecer triste, mas não como o mundo em que vivemos; assim não pode ser. Não ainda. – "Só depende de vocês." – Temo até dizer que talvez as janelas de seu quarto devam também ser abertas, mas isso ainda eu vou decidir com Kevin. – Ela e os outros encaram o homem loiro e calado. Voltou-se para os reféns à mesa depois. – Mas até lá eu vou pedir pela última vez... – "Pedir não: ordenar". – Vou ordenar que não tentem nenhuma gracinha. Isso aqui está bem longe de onde vocês pensam que é longe, bem mais longe que qualquer lugar que tenham ido para o interior. E digo: ninguém, ninguém mesmo vai poder ajudá-los. Muito menos aqui, ou em qualquer outro lugar.

Ela estava sendo bem firme. De seus olhos Daniel e os outros podiam ver a cólera que gerava aquela doença explodir como um vulcão em erupção.

– Isto aqui funcionará como eu ordenar – continuou Christina – por isso não pensem que a folga que tiveram hoje irá se repetir, porque não vai. Não se eu não quiser. O horário para o almoço e as outras refeições funcionará perfeitamente como eu já lhes ditei, assim como todos os outros horários. – Ela tomou fôlego; estava exaltada. – Quem manda aqui sou eu, e só eu decido se podem ou não comer algo ou simplesmente ver a luz do sol, assim como aproveitar o seu calor. Eu sou a chefe. Eu sou o diretor! Eu sou o presidente! Eu sou o general aqui! Entenderam?!

Agora realmente ela conseguiu assustá-los bem. Mas não fora propositadamente. Ela estava bem nervosa, algo parecia mexer com o seu interior. Chegava até a bufar, e caso Kevin não tivesse se aproximado e segurado a sua mão, ela teria pego a faca de serra com a qual algum dos meninos havia comido e encravado na mão de Daniel, que não parava de encará-la nem por um segundo, mesmo que também amedrontado.

"Ela é mesmo doente", conscientizou-se Marcelo, que abraçou protetoramente a irmã Mirella pelas costas.

– Calma, sim? – pediu Kevin à irmã. – Calma.

Christina respirou fundo e olhou para os seus reféns, que a fitavam atônitos. Realmente havia ido longe demais – mas lembrou-se depois de que nunca podia-se ir longe demais. Recompôs-se e voltou-se para Kevin.

– Passe-lhes a lista agora.

Kevin respirou fundo e observou a irmã indo para a janela, para respirar o ar fresco que soprava e meditar sobre o seu ato repentino. Desde o início da operação ele nunca havia visto tal atitude por parte dela, e isso começava a assustá-lo mais ainda. Ela havia citado frases estranhas que nunca havia dito antes; frases rígidas, cheias de certeza, auto-afirmação... e ódio. Mas de onde vinha tanto ódio?! De onde vinha toda aquela cólera?! Não poderia ser acumulada, não por todos aqueles anos. Era muito tempo, e acumular tanta raiva era prejudicial para qualquer ser vivo; até mesmo para Christina.

A situação começava a se mostrar cada vez mais fora de controle, e caso não fizesse nada a respeito, acabaria mesmo enlouquecendo.

– Vamos, Christina! Mantenha o controle. Você é o general!

E com as palavras que havia aprendido com o seu pai, ela finalizou sua meditação e voltou a prestar atenção em Kevin citando os nomes de cada um dos reféns e suas respectivas tarefas.

Pelo menos ocupados eles dariam menos trabalho.

CAPÍTULO 10 – parte 1

O dia estava terminando, mas não o pesadelo, que apenas começava. O escritório já estava vazio, mas o ar tenso e triste que o invadira pela manhã, bem cedo, ainda permanecia, como que o forte cheiro de fumaça dos fogos soltos na praia na virada do ano, que permanecem por horas na atmosfera, invadindo as residências pela orla.

Kleber havia ficado em sua sala. Estava sozinho, quieto, um pouco pensativo – mas nada havia a mais para se pensar; nada concreto ou certo. Tudo o que lhe passava pela mente era vago, nada fixava-se. Era até entediante, mas era melhor do que ir para casa e deparar-se com o ar tão, ou até mais, tenso e triste que ali. Só em pensar que chegaria em casa e a encontraria vazia, apenas ouvindo o lamento do choro da esposa, além dos prováveis repórteres que estariam rondando o condomínio, era o suficiente para permanecer ali, sentado, olhando para o vazio da escuridão que o envolvia.

O café que fora feito à tarde já estava frio, mas mesmo assim ele havia se servido de uma xícara, mesmo que para ficar apenas mexendo o líquido negro com a colher – como costumava fazer quando encontrava-se em situações não como aquela, mas quando precisava meditar. E era isso o que estava fazendo, pelo menos tentando. Seus filhos estavam mortos, e a culpa era de quem? Dele? Seria? Talvez. Quem sabe se tivesse pensado melhor na segurança... Mas que diabos! Não foi problema de segurança. Quem poderia imaginar que aquela estrada estaria em tais condições? "Qualquer um que tenha viajado por essas estradas secundárias uma vez na vida!". Mas esse não era o seu caso. Além do mais o tempo havia contribuído para tal desgraça. "Se eu tivesse cancelado a viagem por causa do tempo...". Mas a meteorologia havia previsto tarde de tempo bom em todo o estado. Mas quem seria o idiota em acreditar na meteorologia; a mesma que mais tarde previra uma tempestade chegando em uma frente fria passageira ao final da tarde?

"Eu..."

Não adiantava, qualquer pensamento que tinha sempre chegava a se culpar pela desgraça, mesmo que a culpa não fosse diretamente sua. E de quem seria?

– Que Deus me perdoe.

Jorge não estava conseguindo dormir. O silêncio era tanto que chegava a ensurdecer. Quando fechava os olhos, deitado em sua cama na escuridão do quarto, a única imagem que vinha era a de Daniel quando criança. O garoto era uma graça, com os cabelos castanhos escorridos pela testa, a boca banguela em seus seis anos, a pele bronzeada pelo sol de sábado na praia, e os dedos de futuro

artista ávidos por tocar no piano da casa da avó, a quem costumava acompanhar timidamente as notas do Bife. Aos nove anos Daniel pediu um teclado eletrônico de Natal e Jorge fez o possível para atender o filho – o garoto dispensava brinquedos e, como qualquer outra criança, odiava receber roupas. E graças a Deus ele atendeu os pedidos do filho, pois se uma coisa que não faltava em Daniel era talento.

Mas não só para a música que Daniel tinha o dom; a todos ele cativava. Era adorável. Sempre sorridente, animado, carinhoso e esperto. Não adiantava tentar enganá-lo, inventar uma desculpa, pois sempre ele o encarava sério, como se pudesse ler os seus pensamentos, e, como mágica, incitava-o a dizer a verdade. E a verdade, agora, era que o garoto não estava mais lá.

E o vazio invadira o seu coração.

Ser pai realmente é algo para o qual ninguém está realmente preparado. "Principalmente eu". Quando seu filho faz algo ruim, ou você lhe dá a merecida bronca e castigo (mesmo que depois vá se desculpar devido ao remorso que lhe invade a alma), ou você afaga a cabeça da criança, dá-lhe um trocado, e diz: "Nunca mais faça isso que é feio. Agora deixa eu trabalhar quieto e vai comprar um picolé pra você". Tanto Jorge quanto Kleber – e os outros pais – passaram por momentos como esse, mas agora o que incomodava Jorge era descobrir o que de errado o filho havia feito, porque não havia como bronquear ou passar a mão na cabeça de um filho... morto.

Sim, Daniel estava morto e não havia mais coisa alguma que pudesse fazer para trazê-lo de volta. Ironicamente até lembrou de alguns filmes que costumava assistir, com má vontade, com o filho, em que as pessoas eram trazidas de seu descanso eterno, como em *Pet Sematary*, de Stephan King. Mas a insanidade ainda não o havia afetado. Era triste, mas tinha que superar. Tinha que dar o exemplo para os outros, principalmente para Maria Gabriela. Mas como? Como fazer isto se a vontade única que sentia era de chorar e chorar até que a última gota de lágrima escorresse junto com o último pingo de dor, e a lembrança mórbida daquele dia esvaecesse de uma vez de seu corpo para nunca mais voltar?

Precisava de ajuda. Precisava aliviar-se com alguém. E por mais que odiasse tal idéia, precisava ligar para a mãe de seu filho. Ela deveria saber o que estava acontecendo. Tinha esse direito. Além do mais, ele poderia desabafar com ela, dividindo a dor.

Depois de quatro toques alguém atendeu à chamada. Era a voz de sua ex-esposa:

– Oi...

– Alô, Suzana, pelo amor de Deus, eu preciso...

...para a residência dos Savalla. No momento não podemos atender. Fomos para Buenos Aires. Mas deixe o nome, número de telefone e recado que logo que pudermos entraremos em contato. Ou, se preferir, ligue para o hotel. O número é...

Jorge desligou o telefone sem deixar recado, muito menos anotou o número do hotel em Buenos Aires. Não podia concordar com aquilo. A mulher vivia viajando, e nem mesmo agora, com a morte do filho, ela parava em casa.

"Mas que merda!". Ela não sabia ainda. "Mas não devia estar viajando de qualquer jeito".

Jorge acendeu um cigarro, deu três tragadas antes de apagá-lo e voltou a deitar-se na cama. Procurou dormir, em vão. Logo o dia amanheceria.

Como sempre o sol veio depois das trevas da noite. Um belo dia como o anterior estava nascendo, mas para alguns nada de belo ele tinha, a não ser mesmo o céu, sem qualquer nuvem e o calor já de 35 graus pela manhã, no Rio. Toda a região sudeste estava sendo banhada por aquele mar de luz interminável, mas naquela cidade de Minas o frescor da noite estendia-se um pouco mais, sendo a temperatura na casa dos 26 graus.

As oito todos os reféns de Christina e Kevin já estavam de café-da-manhã tomado. Torradas, leite e café foram servidos – e muito bem degustados. Depois do lanche da noite anterior, sua última refeição, já passavam quase doze horas sem qualquer coisa para encher a barriga.

Mas apesar de longas as horas pela noite, todos estavam cansados. As tarefas as quais lhes foram concebidas lhes desgastaram. Mesmo aqueles que estavam acostumados à mão-de-obra doméstica, como Marcelo, Daniel e até mesmo Pedro, que ajudava com algum prazer à mãe, foram atacados pela fadiga pós-serviço. O que não se imagina, então, dos outros, como Maurício e Patrícia? Esta, por sinal, não cansava de reclamar das unhas estragadas ao lavar as louças junto com Karina, que costumava ajudar a mãe na cozinha, mais a irmã de Marcelo, além deste (ele prometera ficar sempre ao lado da irmã) e de Arthur e Eduardo, este, apesar de insatisfeito, achando a maior graça nas reclamações da patricinha – reclamações que ninguém, principalmente Karina, aguentava mais.

Daniel, Maurício, os gêmeos idênticos e Júnior ficaram com a parte da limpeza da casa; tirar poeira e varrer o assoalho de tacos. Júnior, assim como os outros não estava bem a vontade, mas com ele o buraco era mais embaixo, pois nunca se imaginara varrendo um chão – era filho do sócio de Kleber. Rodrigo, Renato e Danilo também estavam no grupo de limpeza, mas revezavam-se com os outros na poeira e no assoalho. Tatiana, Juliana, Morgana e Bruna cuidavam da limpeza do banheiro, mas como a parte pesada do serviço os reféns já haviam improvisado, o trabalho não foi dos mais duros, sobrando até mesmo fôlego para dar uma mãozinha na cozinha; o espírito de cooperação estava presente.

Não obstante, era mais um dia, mais trabalho a ser feito. Christina não perdoava. Sete horas em ponto ela os acordava, as sete e meia as camas estavam arrumadas, e após o café da manhã o trabalho voltou ao ritmo do dia anterior. Tudo deveria estar feito até a hora do almoço, que foi servido

desta vez na hora certa, sendo que o prato – o mesmo do dia anterior – foi preparado pelas meninas da cozinha, monitoradas por Christina, e elas mesmas o serviram aos colegas.

Quase nada até então foi dito, nada conversado. Não por falta de assunto, mas por falta de oportunidade, pois Kevin e Christina estavam sempre à espreita, quando não pessoalmente, a presença das diversas câmeras localizadas os indicava, e o assunto mais pendente, o de maior importância foi o da conversa da noite anterior entre Daniel, Eduardo, Marcelo e Maurício. Este último não fora convidado diretamente à roda, mas acabaram por aceitá-lo devido à sua tendência escandalosa. E um escândalo era o que eles menos queriam depois das nove e meia, hora em que as conversas, lembrando, não eram mais permitidas.

– Esta mulher é maluca! – foi como começou a conversa, pelas palavras de Marcelo.

– Isso a gente já sabe – lembrou Maurício, inconvenientemente. – O que a gente tem que descobrir é o que ela quer exatamente.

Todos se entreolharam como puderam em meio à escuridão, quebrada apenas pela luz que entrava por baixo da porta do quarto.

– Ainda é cedo para descobrir isso – afirmou Daniel – mas pelo visto é sério; eles não estão de brincadeira, principalmente a Christina.

– Mas como podemos descobrir algo se estamos enfiados neste quarto escuro, e correndo o risco de sermos pegos pela câmera?

– Não tem câmera nenhuma aqui! Eu já disse que não!

– Mas ela disse que tinha...

– Ela estava blefando.

– Você disse isso pra mim de manhã – lembrou Eduardo. – O que quis dizer?

Daniel tomou o fôlego que pode e explicou:

– Quando ela disse sobre as câmeras, inclusive no quarto, eu não sei se perceberam, mas não tinha nada. Eu olhei em volta e não vi nem sinal.

– Eu também – disse Marcelo. – E achei estranho porque quando ela disse isso, o tal do Kevin fez uma cara como se tivesse esquecido de algo, e fosse levar uma bronca.

– Mas isso não quer dizer nada!

– Quer sim, Maurício – replicou Daniel. – Eles não são tão bem organizados assim, e isso é um ponto a favor pra gente. Além do mais, escute só:

Todos calaram-se e além das tosses de Júlio e outras crianças, não ouviram qualquer coisa anormal.

– O quê? – quis saber Maurício.

– Uma câmera, por melhor que seja, nunca deixa de fazer barulho, nem o menor possível.

– É... aquele arranhãozinho! – disse Eduardo animadamente, logo em seguida representando o ruído com a boca.

– Além do que, está muito escuro aqui para se enxergar qualquer coisa – completou Marcelo a observação de Daniel.

– Existem lentes infravermelhas. Eles por acaso não ensinaram isso na escola estadual?

Nem foi preciso responder à pergunta de Maurício. Todos os outros três ficaram pasmos com tamanha grosseria. Marcelo ficou sem graça, mas não perdeu o ar humilde e inteligente que lhe era digno. Maurício, por sua vez, não perdeu a pose "superior" e indiscreta que lhe cabiam muito bem, e sem tentar concertar o seu erro, embora estivesse certo quanto à escola de Marcelo, perguntou o que fariam então para escapar daquelas pessoas.

– No momento eu acho que a gente deve esperar – sugeriu Daniel.

– No momento a gente tem sorte de estar vivo – retrucou o indiscreto.

– Mas você sabe ser inconveniente hein!

– E pessimista – completou Marcelo.

– Sou realista, isso sim.

E com toda a pose ele se levantou bufando e foi sentar-se em sua cama, quase esbarrando nos outros. Por mais que eles tivessem razão a seu respeito, ou a respeito da situação em que todos se encontravam, aquilo não era para ele; não podia suportar tanta pressão. Maurício Dawitch era muito melhor que qualquer um ali, independentemente de dinheiro. E ficar trancado com outras pessoas, a maioria de renda menor que a sua, em um quarto escuro dificilmente seria o que ele chamaria de "excitante".

Olhou para a namorada, Patrícia, que dormia profundamente, embora irrequieta. Aproximou-se dela e começou a fazer-lhe um cafuné. Pelo menos eles ainda tinham um ao outro. Mas por quanto tempo?

Maurício recostou-se na parede entre as camas dos dois e meditou sobre isso. Antes de viajarem eles estavam para terminar o namoro, sempre com discussões e desentendimentos. Aliás, foi esse um dos motivos porque concordou em viajar; a possibilidade de se entender com Patrícia. Afinal, um *jetsky* não era tão importante. Era importante, mas nem tanto quanto a companhia da namorada. Mas ao chegarem àquele lugar, vendo-se em tal situação que acabou por ajudar um pouco na reaproximação dos dois, percebeu que talvez as coisas pudessem vir a piorar. Afinal, por quanto tempo eles continuariam lado a lado, vivos?

Por causa disso Maurício quase perdeu o sono aquela noite.

Daniel e os outros voltaram para suas camas depois daquilo e permaneceram quietos, depois que prometeram voltar a falar sobre o assunto no dia seguinte.

Marcelo foi deitar-se junto com a irmã, cuja cama havia juntado à sua. Não se sentia ofendido com as palavras de Maurício. Sabia que não passavam de bobagens ditas por alguém mimado. Apesar de na hora ter levado um susto e não ter conseguido esconder o seu medo de se sentir inferior a qualquer um ali, agora estava mais calmo e sabia que de inferior nada tinha. Pelo contrário! Era até mais inteligente que qualquer pessoa naquele quarto! Sempre estudioso, nunca repetira de ano e sempre manteve-se como o primeiro aluno da classe. E não era agora que estava prestes a fazer prova para a Escola Naval, sonho de seu falecido pai, que deixaria abater-se desse jeito.

Abraçou a irmã, deu-lhe um beijo na testa e procurou dormir.

Eduardo dormiu logo, pois estava exausto.

Daniel antes foi ver Júlio, que deitava-se ao lado de Pedro, que também juntou sua cama a do amigo. O menino estava tossindo um pouco, mas não chiava. A bombinha realmente era sua "salvadora da pátria", mas por quanto tempo?

Com todo o carinho mais do que de irmão mais velho para caçula – e sim de pai para filho – Daniel beijou a testa do menino e depois a de Pedro e foi para sua cama. Com aquele gesto ele procurou lembrar-se do pai, que sempre costumava beijá-lo na hora de dormir, protegendo-o assim, com a benção Divina – porque a maior benção de Deus é ter um filho -, dos "monstros que viviam em baixo da cama".

Júlio e Pedro sabiam disso, e mesmo longe de seus pais, que costumavam fazer a mesma coisa, sentiam sua presença protetora, e seu sono assim foi mais suave, chegando a sonhar com os seus lares, suas famílias.

Karina apenas observou afastada e se emocionou com o carinho de Daniel pelas crianças. Apenas alguém que tinha um pai carinhoso podia amar tanto assim crianças. Será? Não sabia ao certo, e chegava a cair-se em contradição, pois também gostava de crianças, embora nunca tivesse conhecido o seu pai. Talvez sentisse isso devido ao carinho redobrado da mãe, e por isso mesmo o sentimento materno vez ou outra aflorasse em seu coração de dezesseis anos.

Chorou silenciosamente um pouco antes de cair no sono.

Aquele dia eles tiveram uma surpresa: suas bagagens não estavam perdidas, apenas guardadas em algum depósito na casa. Depois do almoço, antes de retornarem ao serviço. Christina e Kevin os reuniu na sala e, sem maiores explicações, distribuíram as mochilas aos seus respectivos

donos. Não houve felicidade geral – mesmo porque a única coisa que os deixaria felizes era se verem livres daquele pesadelo -, mas um alívio por parte da maioria por ter seus pertences de volta.

– E a minha? – perguntou Maurício, assim como alguns outros.

– Infelizmente não pudemos "salvar" as malas de todo mundo – esclareceu Christina. – Mas tenho certeza de que vocês vão cooperar e dividir entre si as roupas.

Arthur teve uma súbita vontade de rir – o irmão egoísta ter que compartilhar as roupas de estranhos? -, mas conteve-se devido a tensão do momento.

Dito aquilo, Christina cochichou algo com o irmão e saiu apressada da sala para um dos quartos em que os reféns eram proibidos de entrar.

Kevin pegou uma sacola de plástico em cima da grande mesa e voltou para os menores. O murmurinho e a indignação por parte da maioria quase o impediu de falar, mas ele foi paciente e educadamente pediu silêncio, prometendo em seguida ajudá-los a se organizar. Claro que ninguém entendeu coisa alguma, mas era melhor dar ouvidos ao homem.

– Bom, este é o segundo dia de vocês aqui, e sei que a maioria não tomou banho, mesmo porque não tinham as roupas, além de outras coisas. – Ele respirou fundo, encarou alguns e continuou: – É..., aqui comigo eu tenho uma toalha para cada um de vocês. Por mera convicção, as amarelas são para as meninas e as verdes são para os garotos. Também receberão escovas de dentes...

– Eu trouxe a minha – disse Júlio, mostrando a sua escova que tinha tirado da mochila.

– Não, não trouxe.

– Mas...

– Jogue-a fora – pois ganhará uma nova.

O menino se assustou mesmo com a pouca grosseria do homem, e pôs de volta a escova na mochila.

– Continuando, as cores respectivas para ambos os sexos permanecem as mesmas. Fizemos isso para não haver confusão. Mas tem uma coisa: os banhos seguirão uma agenda também: as meninas tomarão banho terças, quintas e sábados, e os garotos, segundas quartas e sextas.

– E aos domingos? – perguntou Júnior.

– Revezarão semana sim, semana não, enquanto estiverem aqui.

"Então eles prevêem que fiquemos por mais tempo aqui...", meditou Daniel.

Tendo tudo dito, Kevin pediu que Karina o ajudasse, distribuindo as toalhas para todos, junto com as escovas de dentes. Sem contestar, Karina obedeceu.

Quando ia sair, Daniel o segurou cuidadosamente pelo braço direito, chamando sua atenção. Os dois se encararam firme, mas Daniel teve um pouco de medo.

– Por que estão mantendo a gente aqui? O que fizemos? O que vão fazer com a gente?

Kevin ficou temeroso e um pouco confuso. Não estava preparado para lidar com aquilo de qualquer jeito. Não queria nem podia responder a tal pergunta. Apenas engoliu a seco e voltou para o seu caminho depois que Daniel liberou seu braço.

– Sei que você é diferente dela – o garoto complementou em tom baixo. – Sei que não quer nos fazer mal.

Kevin parou, respirou fundo e algo surgiu de dentro dele como que por instinto. – Não, não sabe! – berrou virando-se para Daniel, que se assustou. – Você não sabe de nada! Agora volte para o seu canto.

Depois disso saiu bufando e foi se trancar em seu quarto.

Por de trás de uma das portas que estavam fechadas e proibidas de serem ultrapassadas pelos reféns Christina pôde ouvir os berros do irmão e sorriu satisfeita.

Daniel e os outros ficaram aterrorizados, mas o garoto sabia que aquilo era anormal, que Kevin não queria ter se alterado daquela forma. Parecia apenas que seguia ordens e que precisava continuar mantendo o seu ar superior e amedrontador. Ele sabia disso e também sabia que se houvesse alguma chance de todos escaparem dali, seria conquistando a confiança daqueles que os mantinham ali. E Kevin certamente seria um bom começo.

“Tem que ser assim...”

CAPÍTULO 11 – parte 1

Ninguém poderia imaginar que um terreno daqueles, num lugar tão esquecido por Deus – e pelas autoridades – poderia dar espaço a um belo cemitério, construído às pressas, em menos de dois dias.

Era bem simples, mas procurava expressar, com a mais singela clareza, a paz na qual se encontravam as pessoas ali enterradas. As covas foram cavadas lado a lado, em duas fileiras semi-circulares, a externa com doze e a interna com onze. Ao centro do semicírculo uma placa de metal com o nome de todos jazidos ali fixado a uma pedra de mármore bem polida presa ao chão. Em cada túmulo, apenas uma pequena cruz de cimento gravadas com a frase “descanse em paz”. A impossível identificação dos corpos foi um dos motivos pelos quais preferiu-se apenas por uma placa com os nomes, e não em cada túmulo, mesmo que alguns tivessem reclamado seu filho para que fosse enterrado no jazigo da família. Kleber e seu sócio foram uns dos que praticamente exigiram isso, mas a esposa daquele conseguiu convencê-los a favor do enterro coletivo, no local do acidente, para que todos que passassem pela estrada pudessem se conscientizar do perigo a que corriam.

A cerimônia foi simples e emocionante. Apenas as famílias e uns repórteres nada discretos compareceram. Um padre fazia as preces, e o campo agora todo florido amenizava na medida do possível a dor dos presentes. Alguns rouxinóis cantavam nas árvores, acompanhados de Bem-te-vis. A alegria de seus cantos não se encaixava na atmosfera local, mas com certeza confortavam os corações daquelas famílias.

Famílias...

Será que se podia dizer que eles ainda tinham uma família? O amor poderia ainda continuar o mesmo – ou até fortalecido, apoiado, pois, pelo remorso de uma não aproximação adequada entre pais e filhos, como o caso de Kleber e Maurício -, mas certamente faltava com quem compartilhá-lo. Alguns ainda tinham outros filhos, mas claro que isso não compensaria a perda. Outros nem isso tinham. A outros nem qualquer família mesmo restava.

Jorge havia ido sozinho ao enterro – seu irmão não pôde ir com a esposa por não ter ido com quem deixar as crianças. Aqueles quase noventa minutos de viagem de carro foram massacrantes. A cada instante que passava, lembrava-se de um momento na vida de Daniel, como o dia em que nascera, o primeiro banho, o primeiro dia na praia, quando disse a primeira palavra, quando disse “papai” pela primeira vez, os primeiros passos, o primeiro aniversário, o primeiro brinquedo, totalmente destruído após o segundo dia de uso, a primeira nota no piano – a partir da qual Jorge pôde ter certeza de que o filho seria um artista -, o primeiro dia na escola, o primeiro dez, o primeiro zero, a

primeira surra – na verdade uns tapinhas -, a primeira festinha com os amigos, o primeiro beijo – pelo menos de que tomou conhecimento -, a primeira namorada, com quem não ficou nem dois meses, a primeira decepção – e a pior, pois fora justamente com a mãe. Enfim, todos os momentos importantes, fossem alegres ou tristes, emocionantes ou maçantes. E todos esses momentos estavam perdidos agora, mesmo em sua memória.

Mas de todos esses momentos, a desilusão com a mãe poderia ser classificado como o pior deles, algo que nunca esqueceria em sua vida – e agora eternamente.

Seria preciso muita coragem para abandonar um menino como Daniel. Criança meiga, bonita e inteligente, qualquer um caía de amores por ele. Nas festinhas familiares era sempre bajulado e de lá saía com as bochechas avermelhadas de tantos apertos. Todos ficavam maravilhados com o seu dom para a música, mas poucos sabiam que o que ele mais queria no mundo era ser bombeiro, com a convicção de seus cinco anos – mais tarde desejaria ser piloto de caças, jardineiro, policial, pintor de paredes, Rambo, ator de cinema, ou um músico como Beethoven ou Wagner. E antes da tragédia, vivia em sua eterna indecisão, que o deixava muito preocupado, uma vez que no ano seguinte estaria prestando exames de vestibular.

Certamente com muita coragem que Suzana deixara o filho para trás. Muita coragem e, como Jorge dizia, “canalhice”.

Era certo que após alguns anos o relacionamento do casal estava ficando impossível, pois os sonhos da mulher não cabiam mais naquele apartamento alugado de dois quartos com vista eterna para o hipódromo, e não dáva mais para esconder as brigas e discussões do menino de oito anos que chegava a se culpar pela situação, uma vez que em todas as brigas o casal comentava a presença dele em casa e que tal atmosfera, segundo Jorge, prejudicaria seu desenvolvimento.

– Dane-se seu desenvolvimento! Ele já tem oito anos!

Dessas palavras, ouvidas por de trás da porta, Daniel jamais se esqueceria. Foram as últimas que ouviu de sua mãe antes dele acordar na manhã seguinte e descobrir que não a veria mais tão cedo. Mais tarde ele receberia uma carta dela, tentando lhe explicar tudo, mas com oito anos – ou qualquer outra idade, talvez – ficava difícil entender porque sua mãe lhe abandonara.

Passaram-se três anos sem que Jorge ou seu filho tivessem notícias de Suzana. Nem sua mãe sabia de seu paradeiro, e nunca compreendera por quê a filha cometera tal ato de insanidade.

Jorge procurava dar a melhor educação ao menino, e fazia o máximo para tentar preencher o vazio que a mãe deixara.

Um dia, uma notícia numa coluna social de um importante jornal despertou a atenção da mãe de Suzana. Estava escrito que sua filha – cantora brasileira radicada em Paris – casara-se com um

importante e milionário empresário espanhol. A cerimônia fora realizada no exterior, uma vez que a sua separação não estava legalizada no Brasil, e para o noivo seria bem mais conveniente. A partir daí passaram a ter notícia de Suzana quase que semanalmente, pois o famoso empresário espanhol vivia sob assédio dos *paparazzi* da imprensa. Um mês ou dois depois Daniel, assim como sua avó materna, passou a receber um cheque nominal mensal no valor de US\$ 1.200, já convertidos para a moeda nacional, e de vez em quando uma carta, sempre exaltando saudades e amor eternos. No Natal e em seu aniversário, o valor do cheque chegava a duplicar. Com o consentimento do menino, e dos juizes de menores, Jorge aplicava sessenta por cento do valor do cheque em uma caderneta de poupança no nome de Daniel, que na maioria das vezes não se sentia bem a vontade com a pequena fortuna em suas mãos, uma quantia que as vezes chegava a ser maior que o salário do próprio pai.

Dois dias mais tarde morria a mãe de Suzana de um súbito ataque cardíaco. Fora fulminante e a senhora de sessenta e oito anos não sofrera. Em menos de doze horas Suzana estava de volta, atendendo ao telegrama fonado que Jorge, por delicadeza e compaixão, foi obrigado a lhe enviar.

Ver a esposa – ou melhor, ex-esposa – depois de tanto tempo era algo para o qual Jorge não estava preparado. Era como se visse uma pessoa morta voltar à vida, ou coisa pior. Estava tão temeroso quanto Daniel. Ambos não sabiam o que dizer ou o que pensar, ainda mais com o reencontro realizar-se em tais circunstâncias.

Durante a cerimônia, que Jorge e as tias de Suzana haviam preparado, muita emoção, mas a maior de todas certamente teve início quando aquela mulher alta, bem elegante em seu caro traje de luto entrava na capela do cemitério São João Baptista. Em meio ao total silêncio que se formara, ela caminhou para o caixão da mãe, todo enfeitado com as mais belas flores, e chorou após beijar a testa fria do corpo. Ao levantar-se percebeu as duas tias e seus quatro primos e primas vindo abraçá-la. Mas logo após sua concentração foi no jovem rapaz de terno negro que não parou de fitá-la desde o instante em que ela entrou. O menino estava se transformando em homem, bonito como o pai, que o acompanhava, agora sem barba e com ar sofrido.

Todos esperavam o mágico momento do reencontro, e ele não tardou a chegar, quando Suzana aproximou-se lentamente de seu filho, que olhou temeroso para o pai, também um pouco trêmulo. Este fez que sim com a cabeça e Daniel pôs-se a abraçar a mãe, num gesto que demorara cinco anos e seis meses para se repetir. Suzana, chorando naquele eterno abraço, encarou Jorge e lhe agradeceu. Mas Jorge permaneceu calado, imaginando o porquê daquilo, e polidamente se retirou do recinto, sendo acompanhado por seu irmão e um dos primos de Suzana.

Os dias seguintes foram tão difíceis quanto o primeiro, mas Suzana não desistia de se reconciliar com o filho. Aproveitando as suas férias escolares, levava-o consigo pelo menos três vezes por semana, e bajulava-lo com os melhores presentes. A princípio Daniel estava temeroso, mas foi se acostumando. Tentavam por todo ao assunto em dia, todas as saudades a se esgotar. Suzana estava

impressionada com a inteligência do filho e como ele havia crescido. Ele estava ótimo e por isso agradecera a Jorge. Este não gostava coisa alguma daquelas visitas de Suzana, mas confessou que a reaproximação com a mãe parecia fazer bem a Daniel. Mas e o passado? E os últimos cinco anos? Não contavam? As coisas simplesmente não se resolviam tão facilmente.

Após o aniversário de quatorze anos de Daniel, e aproveitando as férias de verão dele, Suzana o convidou para uma viagem pela Europa. Seria uma oportunidade dela realmente poder estar só com ele. Mas também seria uma oportunidade dela nunca mais deixá-lo voltar ao Brasil e mantê-lo sob sua custódia, sua proteção, longe do pai.

Depois, então, de conversar com seu irmão e mais todos os advogados que conhecia, Jorge descobriu que o menor só poderia viajar com sua autorização e que tal só seria feito caso o divórcio do casal fosse legalizado – o que para Suzana não seria problema nenhum -, e uma promessa por escrito perante o juiz de que a mãe traria Daniel de volta, no máximo em um mês e meio.

Com dinheiro e quase nenhuma burocracia, o processo do divórcio foi efetivado, a promessa foi feita, e logo o passaporte de Daniel estava providenciado e as passagens emitidas.

Foi uma despedida emocionada entre o pai e o filho, o que deu início a quase dois meses de mais angústia na vida de Jorge depois da volta de Suzana. Não fossem as cartas e postais que Daniel lhe mandava quase todos os dias, ele teria enlouquecido na paranóia de seus pesadelos. Para uma mulher que abandonou o filho, nada custa raptá-lo de seu pai. Com esse pensamento Jorge não dormia, aflito.

Quarenta e oito dias depois e sua aflição terminou ao ir buscar Daniel no aeroporto do Galeão. Mas mal sabia ele que sua maior aflição estaria por começar. Duas semanas mais tarde Suzana batia a sua porta acompanhada de um homem alto, certamente bonito, olhos profundos e verdes e cabelos grisalhos, e trajava roupas caras. Suzana o apresentou como seu marido, Juan Savalla, diretor-presidente da Savalla Industrias Asociadas Españolas, uma *holding* de usinas siderúrgicas e derivados.

Juan cumprimentou Jorge polidamente com seu sotaque hispânico e foi retribuído com um seco “oi”. Daniel estava em casa, mas o clima não ficou descontraído, mesmo que ele e o padrasto se dessem bem. A pedido de Suzana, Juan convidou o rapaz para tomar um sorvete, e ele logo aceitou, percebendo que os pais precisavam ter uma conversa a sós.

A princípio ficaram calados, fitando-se, imaginando o que passava na cabeça do outro, até que Suzana cortou o silêncio, tomando muita coragem:

– Jorge, eu quero que Daniel venha morar comigo na Europa.

A única coisa que Jorge conseguiu fazer foi soltar uma nervosa gargalhada.

– Jorge, eu estou falando sério.

O homem parou de rir, percebendo que o caminho para a fuga daquele assunto não seria tão fácil. Ele se levantou, pôs o copo de uísque sobre a mesa de centro e foi para a janela, de onde pôde observar a vista para a pista do hipódromo.

Suzana bebeu o resto de seu drinque e levantou-se. – Eu pensei e repensei, conversei com Juan e me decidi – disse. Pausa. Ela respirou fundo e juntando toda a sua coragem preparou-se para o que estava por vir. – Esses dois meses que passei com Daniel foram... foram mágicos! Eu pude conhecê-lo melhor, pude resgatar quase tudo o que perdi nesses seis anos.

– Perdeu porque quis. Você quis! – afirmou Jorge sem ao menos voltar-se para Suzana.

– Por favor, Jorge, eu—

– Por favor você o quê?! – interrompeu-a e virou-se furiosamente, chegando a assustar a mulher. – Você o abandona durante quase seis anos e agora acha que pode levá-lo para longe de mim?

– Não complique as coisas.

– Complicar?

– O que eu fiz foi por amor! Eu só não queria que ele crescesse em um ambiente de discussões e brigas e... e desilusões...

– Desilusões? – E Jorge irritou-se de vez. – E abandoná-lo era a melhor solução?

– Eu não o abandonei!

– Não é? Então me diga: onde estava nos últimos seis anos? O que fazia? – questionou o homem, aproximando-se dela, que temia uma reação violenta. – Dormia com milionários europeus, enquanto o seu filho chorava a noite, chamando por você?

– Não seja grosso.

– Grosso? Não estou sendo grosso; estou dizendo a verdade! Enquanto você se divertia em boates e cassinos, o seu filho só não passava por necessidades porque eu trabalhava o dia inteiro para sustentá-lo dignamente, e era ajudado por sua mãe e meu irmão.

– Mas eu mandava mesadas.

– Depois de não sei quanto tempo.

– Eu tive que arrumar minha vida!

– Seduzindo homens ricos?

Foi a gota d'água para Suzana explodir e lhe acertar um tapa na cara. Jorge teve de se controlar para se afastar e voltar para a janela, sem lhe dar o troco. A mulher levou as mãos à boca, devido ao susto por sua ação e lamentou.

Novamente fez-se o silêncio sobre o imenso ar tenso até que Suzana falou:

- Será que nunca vamos resolver nada civilizadamente.
- A única pessoa não civilizada aqui é você.
- Pelo amor de Deus! Não queira complicar a situação!
- Não queira você, como sempre, achar que tudo se resolve facilmente.

O tom na voz de Jorge era calmo e firme. Ele olhou novamente para a pista do hipódromo, onde se realizava mais um páreo, e lembrou-se que costumavam os três assistir às corridas dali da janela da sala, torcendo e comendo pipoca. Achou melhor não comentar; afinal aquela mulher provavelmente havia estado em todos os Grandes Prêmios, nos melhores hipódromos de todo o mundo!

Suzana aproximou-se ainda temerosa e sentou numa poltrona ao lado de Jorge. – As coisas não foram nada fáceis para mim – desabafou.

- E para alguém? foram?

Suzana continuou sem se importar com mais nada:

– Cheguei na Europa, em Veneza, para ser mais exata, sem qualquer objetivo ou destino, trajando a roupa do corpo e, além do passaporte, mais mil dólares que economizei. Hospedei-me em uma pensão e fui logo procurar emprego. Como era estrangeira clandestina no país, foi difícil, mas um dono de cabaré me contratou como caixa e mais tarde como garçoneiro. Ganhava uma miséria e chegava exausta em casa. Chorava o dia inteiro até pegar no sono.

“Conheci sim algumas prostitutas, inclusive algumas brasileiras que se deram muito bem, e não vou mentir dizendo que não cheguei a pensar no assunto. Mas eu não queria que meu filho fosse justamente chamado de ‘filho-da-puta’.

“Depois de oito meses, apesar das dificuldades, eu havia conseguido um dinheiro razoável, mas ainda era pouco. Um dia a imigração me procurou, mas graças a Deus eu estava no cabaré. Só tive tempo de pegar o dinheiro e umas outras coisas e fui para a França. Lá em Paris, eu consegui me arrumar com a imigração, porque era desentende de franceses; você sabe que meu avô era de Versalhes. Arranjei um emprego como cantora em outro cabaré e já dava para me arranjar melhor, mas ainda era pouco para mandar para cá.

“Uma noite, na saída de um show, uns turistas alemães embriagados quiseram arrumar confusão. Uma limosine parou perto e alguém ficou observando, até que um dos turistas me agarrasse pelas pernas. O homem então saiu do carro com dois seguranças parrudos, que puxaram armas. Assustados, os alemães fugiram. Mas eu estava machucada e o homem me ofereceu carona até um pronto-socorro. Logo percebi seu sotaque espanhol. Disse que se chamava Juan. Disse ter assistido a

minha apresentação, que gostou muito da minha voz. Mais tarde eu me descobri que não era só de minha voz que ele gostou. Ele me convidou para acompanhá-lo em sua viagem pela França. Fiquei temerosa, por causa do emprego, mas logo descobri que ele era confiável e gentil. Ele era muito bonito e muito poderoso. E tinha apenas trinta e nove anos.

“Um ano depois me casei com ele.”

Ela se levantou e o encarou.

– Desde a minha ida, eu não parei de pensar em Daniel um só instante. Não parei de me preocupar com ele jamais. E posso te dizer que só não me arrependo de uma coisa: de tê-lo deixado com você, que soube mais que ninguém como educá-lo e amá-lo.

– E agora quer tirá-lo de mim.

– Não é isso.

– Não?

Ela sabia que sim, mas procurava não pensar daquela forma.

– Suzana, você magoou demais o seu filho. Você magoou demais a mim. Você... você foi embora, você nos abandonou. Você quis simplificar tudo! Nossas diferenças, nossas discussões, nosso amor, nosso casamento... Fugiu com medo de encarar os problemas, como se fosse uma menininha que quebrou o copo de cristal da mamãe.

Pausa. Suzana voltou a se sentar atônita, mas afastada de Jorge. Este virou-se para ela.

– Você conseguiu desiludir a vida de um garoto de oito anos, não só completamente porque ele ainda tinha a mim e eu a ele.

– Mas eu quero reparar meu erro agora.

– É tarde.

– Não, não é!

– É sim! Você não sabe o quanto nós sofremos. Você simplesmente não sabe! Você não estava aqui para lhe explicar porque a mãe havia ido embora. Você não estava aqui para ampará-lo quando tinha pesadelos com a sua morte. Você não estava aqui quando ele teve catapora. Você não estava aqui quando ele deu o primeiro beijo ou quando teve que ser explicado sobre sexo e suas consequências. Você simplesmente esteve ausente nos principais anos da vida dele! Nunca compartilhou suas emoções! Você... bolas!

Ele se virou. Estava confuso. A volta daquela mulher havia sido demais.

Suzana enxugou as lágrimas, ajeitou as roupas, o cabelo, e levantou-se antes de dizer:

– Você está certo, quanto a muitas coisas, mas uma coisa eu te garanto: mesmo que eu tenha errado, eu ainda amo meu filho, muito, e vou lutar por ele.

Dito isto ela pegou a bolsa e foi embora sem se despedir. Ao sair, esbarrou com o filho e Juan, que chegavam. Ela beijou com carinho o menino agora quase da sua altura e entrou no elevador, seguido do marido, que não teve tempo de se despedir de Jorge. Daniel percebeu a tristeza do pai, mas temeu perguntar algo.

Menos de duas semanas depois Jorge recebia em sua casa uma intimação judicial para uma audiência com um juiz sobre a custódia de Daniel. Ele só teve tempo de contatar seu irmão advogado para lutar por aquilo que lhe era mais importante.

As diversas audiências que se seguiram daí por mais alguns meses foram cansativas e estressantes. Uma parte alegava poder dar melhor sustento ao menor, e a outra alegava que a primeira o havia abandonado e agora estava querendo levá-lo para o exterior. Prevaleceu a sensatez e o juiz – uma juíza na verdade – declarou que Daniel deveria permanecer sob a custódia do pai. Mas com um porém: caso Suzana se estabelecesse de vez no Brasil e comprovasse poder dar realmente melhor educação ao filho, ele poderia entrar com recurso e reabrir o processo.

Dito e feito. Em menos de um ano Juan Savalla estava instalado no país junto com sua esposa. Negociara a instalação de uma nova siderúrgica sua, juntamente com a compra de ações de usinas nacionais através do processo de desestatização do governo. Os negócios rapidamente lhe deram lucro e Suzana não tardou em reabrir o processo de custódia do filho. Jorge viu-se com medo, pois a ex-mulher realmente tinha chances de obter a custódia do filho, agora com quinze anos. A sua única chance era que ele estivesse empregado devidamente e com salário fixo e digno.

E tal chance surgiu quando seu irmão o indicou a ocupar um cargo de chefia em uma companhia de administração de imóveis, da qual era o advogado. Estava tudo acertado quando, a menos de uma semana para se fixar de vez em seu emprego, a companhia fora comprada e o novo dono excluiu de seus planos qualquer nova admissão.

Suzana já podia contar vantagem sobre o ex-marido, que mergulhava na mais profunda depressão, quando Daniel escutou mais uma vez palavras de total desilusão por parte da mãe – quando fora visitá-la de surpresa em seu apartamento na Borges de Medeiros: “Logo poderemos nos livrar dessa companhiazinha de administração mixuruca”.

Foi a gota d’água. Daniel interrompeu a “festa” da mãe, confessou-se totalmente desiludido com ela, chegou a dizer-se com nojo dela e que mesmo que ganhasse o processo – e ele não tinha ainda noção de que tudo estava em suas mãos, pois tinha idade o suficiente para escolher em juízo com que parte queria ficar -, ele preferiria morrer a ter que morar com ela.

Em uma semana Suzana desistira oficialmente da custódia do filho e fora viajar com o marido. Jorge arranhou um emprego na companhia de Kleber através do pai de Eduardo dois meses depois e isso lhe garantiu Daniel a seu lado.

Agora, a mesma companhia tirava-o daí...

CAPÍTULO 12 – parte 1

Aquela noite os reféns não jantaram. Não era nem sete horas e todos já estavam no quarto, cujas janelas haviam sido abertas, mas no lugar das vigas de madeira, uma grade de *design* duvidoso impedida que o anseio pela liberdade os levasse para fora. Christina poupou-se em responder o motivo pelo qual estariam indo antecipadamente para a cama, e Kevin, ainda atormentado com o apelo de Daniel, tentava não falar muito, mantendo seu ar sério e indubitavelmente assustado.

Eram mais de sete e meia e muitos já dormiam, principalmente as crianças, inibidas de se animarem, quando se ouviu algo como uma discussão vindo o lado de fora do quarto, provavelmente da sala. A princípio os que prestavam atenção àquilo não conseguiam entender muito bem as palavras, ditas quase que aos berros – o que irritava também os cães, que ladravam cada vez mais alto -; o que captavam era algo como: “Meu dinheiro, porra!”. E: “... negócio sigiloso e bem arriscado...”. Daniel e Eduardo, além de Marcelo e também Maurício, aproximaram-se da porta no intuito de ouvir melhor o que se discutia. Mas não foi preciso; logo as palavras tornaram-se mais nítidas. E foram cessadas com alguns tiros.

Quando o seu telefone celular tocou, Antônio Palmeiras não poderia imaginar em que tipo de negócio sujo ele estaria se metendo. Não que em sua vida algo desse tipo não tivesse acontecido, mas em tais circunstâncias, envolvendo tais pessoas, realmente era de se espantar.

“Arial Empreendimentos, boa tarde”, ele diria ao atender, caso estivesse em seu escritório, uma saleta pouco arejada na Avenida Almirante Barroso, no Centro. Mas era o seu celular que tocava, e ele estava dentro de seu carro, em meio a um trânsito caótico em Botafogo. E, como sempre, estava sozinho. Ainda pensou antes de atender; não que não gostasse de obter serviço, tampouco estivesse desistindo dele, mas o calor e o estresse não o encorajavam. Lá pelo sexto e insistente toque ele finalmente atendeu:

– Antônio falando.

A voz que escutou depois era tremendamente sensual, embora firme e decidida:

– *Preciso de seus serviços, com certa urgência.*

Duas horas mais tarde, de volta a seu escritório, Antônio Palmeiras tentava dar um aspecto menos desconfortável ao local, arrumando a mesa e desempoeirando a precária mobília quando a campainha tocou. Ele tentou ajeitar a roupa, mas o suor de seu corpo transpirante não ajudou muito. Ao abrir a porta, deparou-se com uma figura feminina extremamente atraente, como poucas que já

entraram por ali, aparentando no máximo uns vinte e cinco anos, mas com olhar – lindos olhos castanhos por sinal – bem experiente e determinado. Por de trás da moça, um homem com aparência mais velha, porém com ar um tanto temeroso. Ambos estavam elegantemente vestidos, aparentando ter muito, mas muito dinheiro.

Palmeiras os convidou a entrar e se sentar. Fechou a porta, que pelo lado de fora estava escrito com qualidade duvidável “ARIAL EMPREENDIEMTOS LTDA.”, e foi se juntar a eles, sentando-se ao outro lado da mesa. Ele encarou os dois, mas procurou se concentrar na mulher, embora seu olhar o assustasse – quem diria! -, forçando-o a desviar sua concentração para as pernas bem torneadas – um deslumbre! -, não obstante tal ato despertasse certa inquietação à cliente, como pôde perceber.

Respirou fundo, e antes de falar, delicadamente ajeitou a arma escondida por de baixo da mesa, mesmo que tivesse quase certeza de que seu uso não seria necessário.

A mulher percebeu, mas achou melhor não comentar.

– Bem, em que especificamente meus “empreendimentos” podem ajudá-los, senhora...?

– Senhorita – frisou a mulher. – Senhorita Lapport.

– Sim, claro – concordou com um sorriso amarelo. – Mas em que posso ajudá-la, senhorita?

– Eu tive ótimas referências de seus “empreendimentos”, senhor Palmeiras, e o que eu quero eu tenho certeza de que não lhe passará de mero divertimento.

– Vejamos!

O sorriso de contentamento e orgulho que se formou no rosto de Antônio foi como o de uma criança que mostra o seu “dez” para a aprovação dos pais.

A mulher encarou o homem calado ao seu lado. Ele parecia cada vez mais incomodado com algo, e isso preocupava um pouco Antônio, que procurava não tirar o sorriso do rosto – afinal, não era sempre que uma jovem tão bela marcava presença em seu escritório, muito menos solicitando os seus “empreendimentos” especiais. Depois a Srta. Lapport voltou-se para ele e repôs-se a falar, diretamente:

– Quero que de cabo de um ônibus para mim, com vinte pessoas dentro. Quero que pareça um acidente. Quero bem feito. E pago bem.

Disso Antônio não duvidou. – Mas a senhorita tinha razão ao dizer que para mim não passaria de diversão! – exaltou. – Explodir ônibus e prédios são minhas especialidades!

A Srta. Lapport virou-se para o seu acompanhante e com um gesto fê-lo tirar de dentro da pasta de couro que trazia um papel impresso, sobre o qual Antônio despertou curiosidade. O homem

passou o papel para ela, que por sua vez o pôs sobre a mesa, embaixo dos olhos do “empreendedor”. Depois pôs-se a falar:

– Tenho certeza de que são suas especialidades, assim como furto, porte e contrabando de armas e drogas, estupro, falsidade ideológica, assassinato...

A cada palavra dita pela sua possível cliente, Antônio gelava, pois tudo fazia parte de seu passado, algo que procurava manter em máximo sigilo, algo que ele mesmo procurava esquecer, uma vez que o comprometeria em seu presente e cada vez mais distante futuro. E tudo estava naquele papel, bem debaixo de seus olhos, um papel com informações conseguidas obviamente na polícia, no estado de Mato Grosso, onde sua juventude passara diante de seus olhos, influenciados e cegados pela ganância. Era um papel que continha sua verdadeira identidade...

– ...prostituição, pedofilia e pederastismo – concluiu a mulher. – “Empreendimentos”, senhor João José de Jesus.

O “Tri-jota”, como o conheciam, lembrou-se Palmeiras. Ele gelou, engoliu a seco, e depois de pigarrear olhou firme nos olhos brilhantes da mulher. – Aonde realmente queremos chegar? – perguntou.

– Bem, de acordo com seu docie – ela apontou delicadamente para o papel -, o seu passado influenciou muito a sua carreira de “empreendimentos” atuais.

– Escute aqui moça, se está pensando em –

– Não vou chantageá-lo, se é que está pensando! – interrompeu-lhe a Srta. Lapport, num tom mais alto que o do nervosismo de Antônio Palmeiras. – Não sou tão baixa. O que eu quero mostrar é que eu pesquisei você à fundo antes de lhe procurar. Sei de toda a sua vida. Sei o dia em que a coitada da sua mãe lhe deu a luz em Campo Grande. Sei dos colegas que arranjou na escola, com quem se envolveu precocemente sexualmente. Sei das drogas que comercializou. Sei de tudo o que o “Tri-jota” fez e deixou de fazer até ser preso, condenado e fugido da prisão, em mil novecentos e setenta e dois, quando se mudou para São Paulo e depois para o Rio. – Pausa. – Sei do que é capaz para conseguir o que quer, até mesmo mudar de nome e de cara.

Agora ela havia ido longe demais.

– Por isso eu lhe aviso: não fode comigo! Sou capaz de tudo, e mais! – ameaçou-lhe a mulher.

Mas Antônio já não duvidava. Ele tinha certeza de que realmente ela sabia de tudo, inclusive do calote que outrora dera em alguns clientes, os quais misteriosamente sumiram da face da Terra.

A Srta. Lapport começava a sentir algo diferente, algo excitante, algo encorajador. Provocar medo e ansiedade em alguém era algo a que estava acostumada desde a infância. Mas provocar dúvida

e o pavor era um orgasmo! Tinha o homem em suas mãos. E embora estivesse disposta a lhe pagar, poderia jogar mais um pouco, talvez até mesmo chantageando-o. – Bem – disse ela – vamos fazer negócio?

Foi engolindo o orgulho e com coragem que Antônio Palmeiras disse sim.

“Mas por quê diabos fui atender àquele telefonema?!”

Na verdade ele estava mesmo interessado no dinheiro, que já há algum tempo estava em escassez em seu bolso, uma vez que seus empreendimentos, os legais, não davam lucro, e os de sua especialidade raramente apareciam, embora quando o fizessem, realmente davam-lhe certo lucro. Como dessa vez, onde esperava arrancar alguns milhares de dólares de sua contratante.

“Explodir um ônibus!”. A princípio, para si, soava como piada, pois não era a primeira vez que alguém o solicitava para fazer tal serviço. Lembrou-se, como se fosse o dia anterior, quando um grupo de representantes dos oficiais de extrema direita, ligados à ditadura, procuraram-no durante o Governo Figueiredo para planejar um atentado “vermelho” no Riocentro. Tal fato faziam alguns anos, mas na época, a abertura democrática que ameaçava o sistema interessava muito a Antônio, mesmo que ele entendesse quase nada de política. Por isso ficou na dúvida em aceitar o serviço, mesmo que fosse lucrar algo equivalente a um bom apartamento de dois quartos na Tijuca.

Já ouvira falar de alguns atentados comunistas, e também já desconfiava, como muitos, que se tratavam de jogadas estratégicas dos militares, mas nunca pensara que um dia fossem convidá-lo a realizar um deles. E era tentadora a oferta, mas brincar com aquelas pessoas não era muito agradável. Tampouco seguro. Mas ele precisava de dinheiro, não obstante não quisesse envolver-se em politicagem e tal tipo de atentado. Estudou a oferta por dois longos dias e quando os homens tornaram a ligar, ele disse sim, mas com metade do pagamento adiantado.

Antônio passou os dias seguintes estudando com cuidado os planos, as melhores formas de parecer um atentado comunista. Um carro bomba... Não, muito sofisticado. Gás venenoso. Não, muito obsoleto e não era a sua especialidade. Uma bomba relógio de feitiço caseiro, mas com efeito devastador... Sim, essa seria a melhor opção.

Estava tudo preparado a dois dias do “atentado” quando Antônio descobriu um grampo sem eu telefone e notou alguns agentes o seguindo. Muito estranho. No mesmo dia recebeu os representantes em seu escritório – na época em Copacabana, onde também era o seu apartamento – perguntando sobre a bomba. Ele afirmou estar faltando apenas alguns ajustes, mas no dia seguinte estaria pronta.

Ele não era estúpido. Nunca iriam pegá-lo. Nunca permaneceria vivo. Mas nunca se deixaria enganar facilmente. Alguns ajustes no relógio e no catalisador garantiriam que a bomba explodiria nas mãos de quem levasse, naquele 31 de abril de 1981.

Os militares não deixaram barato. O escritório de Antônio fora metralhado e incendiado por “traficantes”. Um corpo carbonizado foi encontrado no local e o terrorista foi dado como morto.

Tal fato obviamente foi encoberto pela imprensa, manipulada pelo governo, mas Antônio não se importou. Exilado no Uruguai, ele riu da notícia sobre o fracasso da manipulação política que acabou com a morte daquele tenente no estacionamento do Riocentro. Algo que teve repercussão internacional. Quatro anos depois ele voltou ao Brasil, com novo nome. Abriu outro escritório e dessa vez saberia como lidar com aquele tipo de cliente.

Mas desta vez seria diferente. O pagamento seria diferente. O trabalho seria diferente. E ele, sem dúvida, estava mais experiente.

Com relação ao serviço, depois de explicado detalhe por detalhe da proposta – e de acertado a forma mais justa do pagamento de vinte mil dólares! -, Palmeiras chegou a se assustar. Explodir um ônibus com crianças era algo que sequer passava por sua mente, muito embora alguns clientes, algo excêntricos, propusessem-lhe aniquilar um enteado ou outro para não terem problemas com heranças – e tais enteados já passavam pelo menos dos dezesseis anos. Na verdade ele nunca aceitara tais propostas, que graças a Deus não passaram de três. Mas agora eram vinte e duas pessoas de uma única vez, entre elas vinte crianças e adolescentes.

A mulher estava louca! Excentricidade a parte, a mulher realmente parecia louca. Mas por quê, diabos, ela queria aniquilar vinte pessoas de uma só vez? O que ganharia com isso? Pelo contrário! Ele só conseguia pensar é que ela perderia vinte preciosos mil dólares, que passariam para o bolso dele. Vinte mil dólares! Só em pensar nessa quantia já era motivo para esquecer dos detalhes sobre os passageiros. Motivo suficiente, diga-se de passagem.

Nos dias que se seguiram, e já portando um terço dos vinte mil dólares, Palmeiras passou a pesquisar o tipo de ônibus em que a excursão viajaria. Analisou toda a parte mecânica, toda parte elétrica, tudo. Depois pesquisou – e essa não foi a parte mais difícil – que tipo de explosivos poderia usar para obstruir os freios. Essa seria a melhor forma de proporcionar o acidente.

– Mas vai parecer um ataque terrorista! – exclamou a Srta. Lappont ao ouvir a proposta.

– Não, não vai – garantiu Palmeiras. – Aquele ônibus tem suspensão a ar e os freios de disco são sensíveis. O tipo de explosivo plástico que usaria é bem leve, e não necessitaria de uma grande quantidade. Com um *timer* simples, como um relógio de pulso, ele se desfaria por completo ao

detonar, apenas parecendo que o cabo do freio havia se desprendido. Nada que uma revisão perfeita no ônibus não evitasse.

O tom de ironia na voz de Antônio era calmo e expressava bastante experiência. Christina o encarou de forma um tanto admiradora, mas poupo-lhe elogios; não era desse tipo.

– E o relógio? – perguntou o homem, manifestando-se pela primeira vez.

– Desfaria-se por completo.

– Mas a perícia descobriria algo.

– Seria tarde demais.

Pausa. A Srta. Lapport olhou para seu irmão como se tivesse gostado de suas observações. Será que ele estaria se envolvendo de vez com o plano?

– Além do mais, como eu disse, a culpa recairia sobre o mecânico responsável pela manutenção – lembrou Palmeiras. – Isso não vai nos atrapalhar.

Christina Lapport gostou da idéia, mas ainda não havia explicado ao homem que ela própria estaria no ônibus e não poderia correr qualquer risco. Não queria contar-lhe a princípio, pois na verdade aquele era mais um teste. O último. E agora ela estava certa de que Antônio Palmeiras era mesmo o melhor.

– O quê?! – exclamou Antônio, bem indignado. – Desperdicei quase duas semanas de meu trabalho, cancelei duas outras propostas, só para me dizer que não será esse o serviço?

– Bom, com relação aos outros serviços, eu nunca fiz qualquer objeção – afirmou Christina.

– E acha que eu teria tempo para arcar com eles?

– Na minha opinião, você está reclamando de barriga cheia. Estou lhe pagando da mesma forma. E muito mais do que aqueles outros dois serviços lhe pagariam. Juntos.

Isso era verdade. Mas o que ela queria afinal?

– Na verdade, eu não quero que pareça um acidente, pelo menos depois da investigação.

– Como é que é?

Christina aproximou-se dele, que estava bem intrigado, e disse:

– Aquele ônibus deve explodir como uma grande bomba, um verdadeiro espetáculo pirotécnico. Mas depois de todos os passageiros saírem.

Agora ele estava mesmo confuso.

– Não que eu não adoraria acabar com todos eles. Tenho sangue frio o suficiente para arrancar-lhe os olhos eu mesma. O caso é que estarei dentro daquele ônibus, como coordenadora da excursão. Não quero arriscar minha pele.

– Então por que a senhorita não faz o serviço com a ajuda de alguns peões? Não é difícil empurrar um ônibus banhado em gasolina desfiladeiro abaixo, sabia?

– Mas é exatamente isso o que eu vou fazer!

– Então não vejo porque contratar meus serviços.

– Porque eu quero aquele veículo com os freios aniquilados, como você disse. E o quero todo queimado, em cinzas.

Ela se encostou na cadeira e respirou fundo.

Palmeiras a encarou desconfiado. – E para que destruir um ônibus vazio, sem passageiros?

– Não estará vazio. Aí é que entra a segunda parte do plano.

Antônio Palmeiras a essa hora já desistira de entender a mente doentia da mulher. Já que estava ganhando o suficiente para não fazer mais perguntas, achou melhor escutar o plano, detalhe por detalhe, e tomar todos os cuidados para não ser passado para trás novamente.

Christina explicou-lhe, com um ar estranhamente calmo e natural, que os passageiros seriam dopados e retirados do ônibus, sendo depois transferidos para outro veículo e substituídos por cadáveres previamente roubados com a ajuda de um coveiro aquele mesmo dia.

– Cadáveres? – assustou-se Palmeiras.

– Sim. Algum problema? Pensei que “fabricá-los” fosse a sua especialidade.

Antônio não gostou do comentário.

– Depois de substituirmos os passageiros – continuou Christina – obstruiremos os freios com uma carga significativa de explosivos. Antes encharcaremos o ônibus de gasolina e o empurraremos ribanceira abaixo. – Ela lambeu sensualmente os lábios, provocando certo desejo em Antônio. – Será o crime perfeito a olhos leigos.

– E por quê quer que descubram que não foi um acidente, se é que me permite perguntar?

– Bom, eu não permito, mas já que perguntou, eu lhe digo que a resposta não é da sua conta.

Antônio fechou a cara mais uma vez. “Mas que mulher audaciosa!”

A Srta. Lapport tirou da bolsa executiva que trazia consigo um maço de notas altas de dólares de cima do qual Palmeiras não tirou os olhos. – Aqui tem mais dez mil dólares – disse Christina. – Ao final do serviço você ganhará mais dez.

“Vinte e sete mil?!”

– Ainda está comigo? – perguntou Christina jogando-lhe o maço.

Ele o pegou e o examinou, mas sem contar. – Quando é o serviço?

– Depois de amanhã.

– Depois de amanhã?!

– Algum problema?

Sim, haviam todos os tipos de problemas!

Christina ia recolher o maço deixado por ele sobre a mesa quando Palmeiras segurou sua mão com firmeza e sorriu:

– Depois de amanhã é um excelente dia.

– Claro que sim! – sorriu de volta a mulher, soltando-se do toque de Palmeiras.

Dito e feito. Na noite anterior ao “acidente” tudo já estava acertado com o coveiro da pequena cidade. Não seria problema arranjar corpos de crianças, pois um deslizamento de terra sobre uma escola vitimou mais de vinte na semana anterior. E fato de serem todos corpos de crianças acima de doze anos não atrapalharia o plano.

Ainda aquela noite Antônio Palmeiras penetrou no estacionamento da empresa de ônibus que alugaria o veículo para a excursão, e ao avistar este que a levaria não tardou a preparar os freios, mas sem colocar o donador, o que faria apenas no dia seguinte. Ele estava bem ansioso, e um tanto apreensivo, exatamente como daquela vez do atentado. E embora tivesse se prometido não sentir tais coisas, não podia evitar. Chegava a pensar quem seria pior: se os militares radicais ou a bela mulher de olhos castanhos.

Aquela noite ele não dormiu.

As oito horas daquele domingo ensolarado Palmeiras estava pronto para apanhar a Srta. Lapport e seu irmão – e não entendia porquê eram tão diferentes – conforme combinado. Usaria o seu carro, e não gostava da idéia de adulterar a placa, muito embora isso fosse estritamente necessário, por motivos de precaução. Ao chegar na Praia Vermelha e ver toda aquela gente, sentiu algo estranho, e quase teve mesmo vontade de aniquilar com todas elas, ali mesmo, numa grande explosão de TNT. Percebeu que as Srta. Lapport sentiu o mesmo, mas qualquer que fosse o motivo, ela não podia.

Christina se virou para ele e disse:

– Encontre-me as dezessete horas no quilômetro setenta. Há uma estrada de terra na encosta, na beira da rodovia, logo depois de uma curva. O ônibus estará lá. Não demore.

– Não se preocupe, comandante.

Christina o encarou com desleixo, mesmo depois que ele lhes desejou boa viagem. Em seguida saiu do carro e foi logo cumprimentar o provável dono da companhia. Palmeiras sentiu uma pitada de ódio por aquela mulher, mas partiu antes que fizesse alguma besteira.

A chuva caiu inesperadamente. E mais que uma tempestade de verão, era um verdadeiro dilúvel interminável. Tudo estava alagado e a visibilidade na estrada havia se reduzido a menos de cinco metros adiante. Não fosse seu bom senso de direção, Antônio Palmeiras jamais teria chegado a ponto de encontro, e não se espantou ao perceber ter sido o primeiro a chegar.

Eram 17:25 h quando ele avistou o ônibus entrando na estrada bem barrenta. A chuva havia diminuído um pouco, mas ainda incomodava. Ele avistou a Srta. Lapport descendo do carro e o irmão ao volante. Ela protegia-se com um guarda-chuva e trazia pendurada ao seu pescoço uma máscara antigases, e ao se aproximar dele, não parecia se incomodar ao vê-lo encharcado e um tanto furioso. – Desculpe a demora – disse ela – a chuva atrapalhou meus planos.

Palmeiras consentiu com a cabeça, embora estranhasse o pedido de desculpas vindo dela.

– Nós já substituímos os passageiros – avisou Christina.

Ele sentiu um enjôo leve ao perceber o cheiro pútreto que vinha das roupas dela, retirando todo o seu charme. “Como ela é fria!”. – Teremos de esperar a chuva toda passar, observou Palmeiras, ou o fogo vai se apagar depressa.

– Certo. É melhor mesmo esperar o anoitecer.

Palmeiras esperou que ela dissesse algo mais, mas Christina permaneceu calada. Apenas virou-se e fez um sinal para que Kevin saísse do veículo e se juntasse a eles.

– E o meu dinheiro? – perguntou por fim à mulher.

– Não o trouxe comigo – respondeu Christina após um tempo.

Antônio fitou-a indignado. – Como é que é?!

– Com a confusão que a chuva provocou, eu o esqueci no sítio-forte. Mas não se preocupe, amanhã pode contar com ele.

Palmeiras pôde perceber o tom de incerteza na voz dela. – Nada de amanhã! – impôs-se. Eu quero agora!

– Mas eu não tenho!

– Se vire!

Ele se aproximou, intimidando-a, e pela primeira vez percebeu o seu irmão portando-se como homem e defensor ao interpor-se entre os dois. E com sua altura e corpo avantajados, Antônio não era páreo para ele. – Onde a encontro? – perguntou por fim após respirar fundo e se conter.

– Mais tarde, quando a chuva passar, eu lhe darei um mapa e o endereço. Não se preocupe.

Antônio não gostou, mas não podia argumentar.

– Já preparou os freios? – perguntou-lhe Christina.

– Não, ainda não – respondeu depois de bufar e um instante em silêncio.

– Então faça isso agora.

Deitar na lama não era algo que gostava de fazer, mas sua mentira o obrigou a tal. Ao checar os freios, Palmeiras percebeu que tudo o que havia preparado com antecedência não estava lá. Aquele não era o mesmo ônibus. Ou então alguém retirou seus explosivos. Ia relatar isso a Srta. Lapport, mas preferiu apenas ir buscar mais explosivos no porta-malas de seu carro e refazer tudo, colocando ainda o detonador.

A chuva só foi parar mesmo depois das onze horas da noite, quando finalmente eles encharcaram todo o ônibus, inclusive seu interior, com gasolina. Uma placa na estrada dois quilômetros antes com os dizeres “TRECHO INTERDITADO, OBRAS COM EXPLOSIVOS” alertava os motoristas, mesmo que a chuva intimidasse quem quisesse viajar aquele dia, e garantia-lhes a privacidade. Tiveram de dinamitar alguns trechos da encosta ao longo da estrada para simbolizar mesmo mal conservação e com um pneu queimado, marcou o asfalto, no intuito de que uma violenta derrapagem ocorresse ali. Era quase uma da manhã quando o ônibus despencou e o detonador foi acionado por controle remoto. Protegeram-se como puderam do calor provocado pelo espetáculo que foi aquela explosão e depois foram embora.

Antônio os deixou em um motel e seguiu para outro, meditando sobre o que acabara de fazer e, principalmente, no dinheiro que faltava receber.

No dia seguinte, depois de ter checado o estrago causado por ele e seus contratantes, seguiu para o Rio, onde se preparou para a viagem até Minas Gerais, onde encontraria a Srta. Lapport. Mas antes de sair, foi surpreendido por uns fiscais da Receita Federal. A mulher e os dois homens impunham um irritante e, as vezes, assustador ar de superioridade. Antônio não se deixava intimidar e não apelaria para o suborno, não obstante ele dispusesse de quantia suficiente para deixarem-no em paz.

Os fiscais resolveram permanecer horas no mal cuidado escritório e revistaram e analisaram todo e qualquer tipo de papel escrito ou impresso presente no recinto, desde contas de luz, aluguel e telefone, até recibos e documentos assinados por clientes. Antônio quase chegou a se preocupar, mas a

sua amizade com uns funcionários do Ministério do Trabalho garantiu-lhe notas frias e documentos “legais”, todos, obviamente, mencionáveis em seu imposto de renda.

Quando finalmente os fiscais se foram, insatisfeitos, Antônio desistiu da viagem, pois já passavam das dez da noite. Estava exausto para quatro horas ao volante.

No dia seguinte, ao acordar e ir buscar seus óculos esquecidos no escritório, ele percebeu a fechadura avariada e espantou-se ao entrar e ver tudo revirado. Por um instante chegou a pensar que tudo era resultado do dia anterior, mas lembrou-se de que deixara os papéis e documentos em seus devidos lugares.

“Maldito!”, pensou. “Estão atrás de mim novamente!”

Não tardou a deixar imediatamente aquele lugar e ir encontrar com a Srta. Lapport. Não conseguia pensar em coisa alguma a não ser deixar imediatamente o país. Os militares estavam atrás dele novamente, e dessa vez não o deixariam vivo. Mas agora ele não iria para o Uruguai ou qualquer outro país “cucaracho”. Ele tinha mais. Ele tinha muito mais! Queria a América! Queria o Japão! Queria o mundo! Mas para isso faltavam os dez mil dólares que Christina lhe devia.

Eram quase seis da tarde quando ele chegou a São João Del Rei. A cidade estava calma e quase ninguém estava nas ruas. Uma típica cidadezinha de Minas Gerais. Palmeiras parou em frente a um barzinho de segunda e pediu um café. Estava com o endereço de onde a Srta. Lapport estava, mas não conhecia nada ali. O mapa que ela lhe dera era muito obsoleto. Propositadamente, talvez. Resolveu perguntar ao dono do bar que servia ele mesmo aos fregueses, se conhecia aquele endereço.

– Ah, conheço sim senhor – respondeu o senhor gordo e alto, com todo o seu sotaque. – É onde fica o orfanato que o casalzinho do sul abriu, sabe?

– Como?

– Orfanato mesmo. Estava fechado, mas esse bondoso casal de Porto Alegre reabriu e trouxe algumas crianças da cidade, sabe. Disseram que o clima aqui seria melhor para educá-los sem violência. – O homem fez uma pausa e o encarou desconfiado. – O senhor vai adotar alguma criança?

“Adotar?” – Quem sabe? – respondeu Palmeiras, tentando imaginar quais seriam os planos do “casal de Porto Alegre”. – Sabe me dizer como chego lá?

Era fora da cidade. Uns vinte minutos de carro, mas o tempo parecia não passar devido a ansiedade que Palmeiras sentia. Ao avistar o sítio ele percebeu um ônibus parado a pequena distância da casa. Parecia o mesmo que ele havia “arrumado” três dias antes. Estacionou do lado de fora do portão e foi verificar o ônibus. Era o mesmo! Mas o nome da companhia e a placa estavam

adulterados. Verificou os freios e lá encontrou a carga de explosivos sem o detonador. Teve uma idéia, mas não sabia se a poria em prática.

Quando entrou na casa pela porta da frente que estava aberta, percebeu alguns barulhos como os de crianças em atividade e algumas vozes. Foi penetrando sorrateiramente pelo interior da casa, em direção às vozes, mas foi abordado pelas costas por um cano de revólver.

– O que está fazendo aqui?

Ele se virou com cuidado e viu Christina Lapport apontando-lhe a 9 mm engatilhada. Ela estava nervosa, surpresa e um tanto assustada, mas Antônio tinha que admitir que essas características a deixavam cada vez mais bela. Uma beleza fria e cruel. – Vim apanhar meu dinheiro – respondeu a ela com certo receio.

– Mas por quê não avisou?

– Pensei que tínhamos combinado.

– Disse que viria ontem.

– Fui impedido.

Aquilo foi tudo o que Antônio disse, limitando-se a dar explicações a mulher.

Christina o encarou com repulsão e ordenou que esperasse. Ela foi para a direção das vozes, corredor a dentro, e ordenou a quem lá estivesse que permanecessem quietos, limitando-se também a não dar explicações sobre o motivo pelo qual não lanchariam aquela noite. Depois voltou para a indesejável visita. – Venha comigo – ordenou-lhe.

Palmeiras a acompanhou até o laboratório. Não sabia o que se passaria ali, mas estava preparado – discretamente ajeitou a arma dentro de sua jaqueta. Ia dizer algo quando por detrás dela veio seu irmão, com ar assustado e um tanto nervoso. “Para variar”, meditou. Kevin fechou a porta e pôs-se ao lado da irmã.

– Chega de rodeios, chega de enrolação! – disse Antônio após bufar. – Eu quero o resto do meu dinheiro. Agora!

Os irmãos se entreolharam. Depois Christina virou-se e disse a Antônio:

– Não o tenho.

Não foi exatamente o que Antônio Palmeiras quis ouvir, mas parecia que previa tal resposta. – Não me venha com essa merda! – ele explodiu. – Quero o meu dinheiro! Se vire!

– Não posso! Os custos com os planos foram mais altos do que imaginei. Se você esperar mais uns dias, eu –

– Esperar?! É isso o que eu tenho feito durante toda a minha vida! – Ele bufou, suas veias do cenho quase saltando para fora, e aproximou-se do casal, que se pôs em alerta. – Não posso esperar mais! Nem que eu quisesse! Ontem uns agentes da receita me procuraram, mas graças a Deus não suspeitaram de nada. Mas hoje de manhã o escritório estava revirado e todos os meus papéis estavam sumidos. Se por acaso eles me pegam, eu vou passar o resto da minha vida na cadeira! Tenho que deixar o país. Agora!

– E o que lhe falta?

– Meu dinheiro, porra!

– Já lhe dei o suficiente pra se mandar pra onde quiser! – afirmou Christina, invocada.

– Eu preciso de mais!

– Não tenho.

– Arranje!

– Não posso!

Antônio começava a suar frio.

Christina respirava apressada, mas tentava recuperar a postura. – Na verdade eu nunca o tive – acabou por confessar, mas sem provocar tanta surpresa em Antônio. – Aqueles dólares que lhe dei não valem um único centavo! São todos falsos. Uma obra-de-arte, diga-se de passagem. – Ela levantou um pouco o tom de voz para o agora atordoado homem. – Desde que o encontrei eu já tinha sua ficha técnica levantada e o seu fim programado.

– Então... Você mandou os agentes! – deduziu Palmeiras.

– Nada que alguns contatos e um telefonema anônimo não resolvessem.

O mundo começava a desmoronar sobre os ombros de Palmeiras. – Eu me entreguei de corpo e alma a esse serviço – disse ele. – Arrisquei tudo para te ajudar na porra desse serviço difícil perigoso, e agora você vem me dizer que... – Subitamente uma onda de raiva explodiu em sua alma e aflorou como um trovão em seu corpo. – Ora, sua bastarda, eu...

Antônio Palmeiras havia jurado para si mesmo que não se deixaria enganar novamente. Havia adquirido experiência suficiente para isso. Era o melhor, sem dúvida. Mas a empolgação pela quantia em dólares que receberia era tão grande que não se deu ao luxo de conferir as notas, ou pior: de conferir a sua procedência, assim como a de sua cliente. A repulsão que sentia, o ódio, a angústia e o medo foram tão fortes que ele só conseguiu puxar a arma de baixo de sua jaqueta antes de ouvir o ruído de balas metralhando seu corpo e tudo se apagar em sua volta.

Foi a primeira vez que Kevin usou a Uzi e suava frio por isso. Christina encarou orgulhosa o irmão, mas não sorriu. Aproximou-se do corpo inerte e ensanguentado no chão, retirou a arma de sua mão e o observou por um instante friamente. Depois disse:

– Idiota. Teria sido melhor se fosse preso.

Levantou-se e foi lavar as mãos.

Kevin, atordoado com o que acabara de fazer apenas para defender a irmã, sentiu uma náusea e achou que ia desmaiar. Largou a arma por cima do balcão de tubos de ensaio sem se preocupar em quebrar algo importante e correu para o lado de fora, para tomar ar.

Tinha matado um homem. E apesar de não ser um que prestasse, como Christina dizia, era um ser humano, uma vida que não existia mais, graças a suas mãos.

Era um pesadelo, uma angústia sem fim. Tinha que acabar com aquilo, não agüentaria por muito tempo. Mas não tinha coragem para isso.

Chorou o resto da noite.

CAPÍTULO 13 – parte 1

Era dia quando Jorge chegou em casa. Havia passado a noite na casa de Maria Gabriela – nada combinado: ao saírem do enterro ele lhe ofereceu carona, uma vez que ela havia ido no carro dos pais, e estes concordaram que ela voltasse devidamente acompanhada para o Rio de Janeiro, ele a levou para casa, sem dizerem uma só palavra. Também não havia muito o que ser dito, ou quase nada. A mulher chorava ainda, baixinho, para si mesma, em uma prece interminável. Ao parar diante de seu prédio, Jorge olhou fixo para ela e cortou o silêncio:

– Quer companhia? – perguntou-lhe, mas sem qualquer segunda intenção.

Ela o encarou com os olhos inchados, escondidos pelos óculos escuros, embora já passasse das sete da noite, e disse singelamente:

– Quero.

Jorge estacionou o carro quase em frente ao prédio, trancou-o e subiu com a amiga.

Sentados no sofá da sala – ela com a cabeça apoiada no ombro dele, de quem recebia um cafuné -, estavam quietos e pensativos. Cada um lembrava dos ótimos momentos que tiveram com seus filhos, mas a cada lembrança havia um motivo novo para voltar a chorar. Mesmo Jorge, que procurava ter um ar maduro e confortar a dor da amiga – se é que se pode ser maduro a esse ponto -, não suportava a angústia e derramava uma ou outra lágrima.

– Acabou, tudo acabou... – sussurrava Maria Gabriela.

– Eu acho melhor não pensarmos assim – disse Jorge, que fez uma pausa, enxugou umas lágrimas perdidas e voltou a falar depois que ela o encarou meio curiosa, e ao mesmo tempo admirando-lhe o semblante masculino, forte, mas com ar extremamente sensível e triste. – Nada acabou. Eles estão bem. Assim como nós estamos aqui, juntos, eles também estão juntos. E isso é o que mais importa.

Na verdade Jorge não sabia de onde tirara essa idéia, mas ao perceber a expressão de calma e certo alívio que proporcionara a amiga, achou melhor não se questionar.

Maria Gabriela admirava-o cada vez mais e aos poucos ia sentindo uma enorme vontade de abraça-lo bem forte, sentir seu corpo contra o seu, sua boca contra a sua. Talvez fosse paixão, ou mesmo carência. Mas o momento não era para pensar nisso, o momento não sugeria uma atração física entre os dois. Jorge sentia o mesmo, mas achando que isso a intimidaria, desviou o olhar.

Mas neste instante, algo mágico e inexplicável aflorou no coração de Maria Gabriela e impulsivamente ela tocou-lhe o rosto com as mãos macias. Jorge voltou a encará-la e tocou uma de suas mãos e beijou-a as costas delicadamente. Ela sorriu ainda chorando um pouco e lentamente os dois aproximaram os rostos, num instante que pareceu eterno. Enfim seus lábios se tocaram e a chama acendeu-se por completo em seus corpos e mentes.

Em menos de cinco minutos estavam na cama, num ato de amor maravilhosamente intenso, um esplendor de êxtase e paio. E por aqueles minutos, pelo menos, não pensaram nos filhos que perderam, mas numa provável vida juntos que levariam.

Pela manhã Jorge acordou primeiro e se vestiu. Não queria deixa-la, não queria acabar com aquela noite maravilhosa, que ninguém imaginaria que começaria em uma situação calamitosa. Mas ele tinha que ir. Apesar do luto oficial na empresa, ele precisava resolver assuntos pendentes. Deixou um bilhete carinhoso e saiu. Logo em seguida a mulher acordou sozinha, mas ao ler o bilhete pôde sentir e ter certeza de que nunca mais estaria sozinha em sua vida.

Ao entrar em casa Jorge deparou-se com uma figura que não esperava ver nunca mais em sua vida; alguém com quem deveria ter falado, alguém que mais uma vez estivera ausente.

– Suzana...? – ele quase não conseguiu dizer seu nome.

A mulher se levantou do sofá e o encarou. Ela tinha tristeza em seus olhos, além de amargura e um certo arrependimento. Tinha as chaves do apartamento (Jorge preferia que ela as tivesse no caso de uma emergência) e estava sozinha, a espera do ex-marido, e a solidão era algo que não podia suportar. Tinha nas mãos o jornal daquela manhã, com a manchete: "ENTERRADAS AS VÍTIMAS DO ACIDENTE DA RIO-MENDES".

– O que.. o que aconteceu com meu filho? – foi tudo o que Suzana conseguiu dizer, e os olhos novamente cheios de lágrimas.

Jorge permaneceu calado por um instante, meditando sobre a resposta que daria. Depois tentou dizer algo:

– Eu... eu realmente não sei, eu...

– O que aconteceu com meu filho?! – berrou ela desesperada e pondo-se a chorar. Largou o jornal no chão; estava trêmula.

– Foi um acidente.

Mas a mulher em prantos não dava mais ouvidos a coisa alguma. Repetia "Não!" várias vezes e exaltava que queria o seu filho. Jorge não conteve as lágrimas e a emoção. E como se a noite

passada nunca tivesse existido, ele deixou as amarguras de lado e foi abraçar Suzana – um gesto que não se repetia há anos; um gesto impulsivo, de afeto, de carinho... de dor.

– Ele não sofreu, os bombeiros garantiram – esclareceu Jorge, ainda abraçando a ex-mulher.

– Antes de partir, o Daniel... ele lhe pediu que eu te dissesse adeus.

As palavras soavam singelas e simples, mas infelizmente nada confortadoras, fazendo com Suzana meditasse se o filho pudera ter previsto tal desgraça.

– E onde ele está? – ela perguntou; seu tom de voz rouco e deprimido.

– Enterrado junto com os outros – ele respondeu logo, não acreditando em suas próprias palavras: "enterrado junto com os outros". Como é possível um pai enterrar o próprio filho?! – Eles construíram um cemitério na margem da estrada, no local do acidente. É lindo. Aliás, parece até uma de suas músicas.

Tal comparação propôs aos dois várias lembranças, mas nenhum deles podia admitir que só de lembranças eles iriam sobreviver.

– Eu quero ir lá – afirmou Suzana.

Voltar tão cedo àquele local não era exatamente o que Jorge tinha em mente; apesar de bonito, o lugar expressava tristeza. Mas preferiu não contrariar Suzana e concordou.

– Deixa eu preparar um café e depois nós vamos.

No caminho os dois pouco conversaram. Na verdade não disseram quase uma palavra sequer. Apesar de estarem juntos, lado a lado, nenhum deles sentia algo diferente se não o mesmo sentimento que acumularam em todos aqueles anos; a repulsão. Mas agora isso estava abafado e só pensavam no filho que haviam perdido. Suzana mais ainda, porque não se perdoava por todos aqueles meses afastada e sem ter tido coragem de tentar uma reaproximação.

Mesmo não querendo, Jorge forçou-se a perguntar por Juan, de modo a quebrar o "gelo". Ela explicou, em pouquíssimas palavras, que o marido estava ciente do acontecimento, mandava-lhe os pêsames, pois também apreciava o garoto, mas não pudera comparecer, por ter assuntos urgentes, pendentes no Uruguai. Jorge odiou-o por isso, e odiou também Suzana por concordar com tamanha desumanidade; preferir os negócios à acompanhar a mulher ao funeral do filho... Como um homem pode fazer isso?! Suzana percebeu que causara inquietação em Jorge e prometera a si mesma não responder mais a qualquer pergunta dele.

Ao chegarem ao local do acidente, agora o cemitério, ela sentiu uma tontura, um espasmo. Foi como se pudesse ver o que acontecera ali há três dias. Foi como se pudesse saber o que houve, como houve, por quê. Pode sentir a dor do filho e dos outros. Pode sentir o calor da explosão e o frio

obscuro da morte. Sentiu um arrepio e pôs-se a chorar. Tinha medo de deixar o carro, mas Jorge a ajudou. Ela foi até a placa de bronze ao centro do semicírculo e achou o nome do filho: DANIEL ABRANTES DE MELLO. Apesar de ter jurado não mais usa-lo, Daniel foi enterrado com o sobrenome da mãe. Ela sabia que Jorge providenciara isso, e não o culpou, mesmo porque de acordo com que ele próprio disse, Daniel estava disposto a reconsiderar e voltar a falar com ela. E usar o seu nome, talvez.

Jorge a deixou rezando ajoelhada perto da placa e foi andar um pouco, afastando-se do cemitério. Ele meditou sobre o acidente, e por mais que se esforçasse, não conseguia imaginar como um ônibus daquele tamanho poderia despencar da ribanceiras explodir daquela forma.

Olhou a estrada acima, onde homens trabalhavam no asfalto – tardiamente, pensou -, e depois foi descendo os olhos nos quase cem metros que separavam a pista do local onde foram encontrados os destroços, agora o centro do cemitério. Por mais acidentado que o terreno fosse, um ônibus, mesmo capotando várias vezes, não explodiria com facilidade. E provavelmente, caso o fizesse, a chuva forte não deixaria que o fogo fizesse tamanho estrago.

Realmente era estanho.

Olhou para Suzana e resolveu deixá-la sossegada mais um pouco, meditando sobre sua culpa por não mais procurar o filho. Poderia estar exagerando, pondo toda a culpa em cima dela, mas não podia fugir aos seus sentimentos. Que Deus o perdoasse por isso.

Enquanto pensava sobre isso, ele avistou perto da mata o Detetive Pecegueiro e mais dois subalternos. Eles pareciam tão intrigados quanto Jorge, apontavam para a estrada, para a curva perigosa, para o mato queimado... Faziam anotações diversas em seus caderninhos de bolso.

Jorge resolveu se aproximar. – Detetive Pecegueiro? – chamou ao se encontrar quase em frente aos homens.

– Sim?

Jorge estendeu a mão para cumprimentá-lo. – Sou Jorge Oliveira de Mello.

O Detetive o cumprimentou com curiosidade.

– Trabalho na firma que alugou... que alugou o ônibus – continuou Jorge, tentando esconder os sentimentos. – Meu filho estava nele.

– Ah, sim. Eu sinto muito.

Jorge aceitou as condolências de Pecegueiro e dos outros policiais.

– Nós não já nos conhecemos? – perguntou o Detetive.

– Sim, eu estive aqui com o senhor, na manhã seguinte ao acidente.

– Sim, claro. E o que faz aqui, se me permite perguntar?

– Vim trazer minha ex-esposa. Ela só soube ontem do acidente; estava viajando.

Jorge fez uma pausa para respirar fundo.

Pecegueiro não sabia onde o homem queria chegar, mas depois de olhar para sua ex-mulher, soube apenas que ele fora um idiota ao deixar uma mulher tão linda como aquela. – Bom, em que posso ajudá-lo? – perguntou a Jorge, enfim, retomando rumo da conversa.

– É que... Bem, depois de olhar por aí, eu..., eu estava me perguntando: como um ônibus daquele tamanho pode despencar daquela altura e incendiar-se daquela forma? – Jorge estava realmente intrigado. – Tem algo estranho, isso não entra na minha cabeça. Aquela curva – ele apontou para a estrada, bem aonde os homens trabalhavam – não é tão fechada, e o terreno não é tão acidentado. – Ele respirou fundo e encarou Pecegueiro. – Esse acidente não entra na minha cabeça.

O Detetive Pecegueiro estudou-o atentamente. O homem tinha um bom senso de observação, um olhar profundo e atento. Daria um excelente policial investigador, mas não tão bom quanto ele, claro. Olhou para os outros policiais que fizeram que sim com a cabeça, bem seriamente. Depois virou-se para Jorge. – Diga-me uma coisa: você mencionou acidente várias vezes.

Jorge consentiu.

– Acha mesmo que foi um acidente?

Pecegueiro encarou-o bem sério. Jorge pressentiu algo estranho, como se seu mundo fosse desmoronar. Olhou para Suzana, que se aproximava e voltou-se decidido, embora atordoadíssimo, ao Detetive.

– Não sei. E você?

– Tenho minhas dúvidas.

Daniel foi o primeiro a acordar aquela manhã. Não que tivesse dormido o suficiente – pelo contrário! ele forçou-se a permanecer acordado depois da noite anterior, ainda mais com a fome incomodando – mas havia decidido a terminar com aquilo. Pelo menos ia tentar. Não sabia exatamente o que faria, mas que algo precisava ser feito não havia mais dúvida.

As sete já estava de pé, de dentes escovados e cabelos penteados. O sol brilhava do lado de fora, prometendo um dia quente. Quando resolveu sair do quarto – provavelmente a porta não estaria trancada àquela hora – ouviu mais vozes, mas não como a discussão da noite anterior. Era Christina dizendo ao irmão Kevin que já era hora de por o "Plano dois", qualquer que fosse, "em ação", pois depois do que havia acontecido não haveria tempo a perder.

Daniel percebeu o tom de urgência na voz da mulher, e a preocupação na voz do homem, que argumentou o porquê de continuar com aquilo. Christina limitou-se a ignorá-lo e ordenou secamente que acordasse todos. Rapidamente Daniel voltou a cama, cobrindo-se até o pescoço, para que não desconfiassem que ele ouvira algo. Alguma coisa precisava ser feito, mas ele não precisava sofrer por isso.

No instante seguinte Kevin adentrou no quarto – a porta realmente já estava destrancada – e foi direto escancarar as janelas, para que o sol o ajudasse a acordar os reféns. O primeiro impulso destes foi reclamar da luz, uma vez que estavam acostumados a fazê-lo à suas mães, mas logo retornaram ao terror da realidade, e submeteram-se a obedecer o homem nervoso que falava alto e ordenava que todos estivessem prontos para o café em dez minutos.

– E quem for prepara-lo que esteja lá em cinco! – concluiu Kevin, sendo logo obedecido pelas encarregadas, mesmo que sonolentas.

Karina e as outras logo estavam na cozinha, fervendo o leite, esquentando o pão, preparando a mesa... E sem fazer qualquer pergunta. Depois da noite anterior, não se atreveriam mais em questionar qualquer ordem. Preocupavam-se apenas em permanecer vivos. E como não haviam comido desde a hora do almoço do dia anterior, todos não tardaram a estar à mesa, degustando tudo o que podiam, não obstante o olhar reprovador de Kevin, que parecia avisar que se continuassem comendo tanto, logo teriam que jejuar novamente.

Ninguém se importou; a fome falava mais alto. Afinal, era bem capaz de não estarem vivos na próxima hora, quanto mais na próxima vez em que tivessem que jejuar. E o que importava mesmo era aquela hora, aquele instante em que enchiam a barriga.

Em meio ao silêncio rompido apenas pelo barulho do pão crocante do leite quente aspirado pelas crianças, Marcelo, assim como Daniel e Eduardo – e logo depois os outros – percebeu que apenas Kevin os supervisionava, sempre com a arma pendurada no ombro. E isso se repetiu o resto do dia, e também no dia seguinte, tanto quando faziam refeições, tanto quando faziam suas obrigações.

Logo, uma pergunta sem resposta imediata surgiu no ar: onde estava Christina?